



CRÓNICAS E MEMÓRIAS

HISTÓRIA TRÁGICO-MARÍTIMA

VOLUME IV

PORTUGALENSE EDITORA
L. dos Loios, 91 - PÓRTO



HISTÓRIA TRÁGICO-MARÍTIMA

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS GRÁFICAS
DA COMPANHIA EDITORA DO MINHO
BARCELOS —————

HISTÓRIA TRÁGICO-MARÍTIMA

COMPILADA POR
BERNARDO GOMES DE BRITO



NOVA EDIÇÃO

Publicada sob a direcção de

DAMIÃO PERES

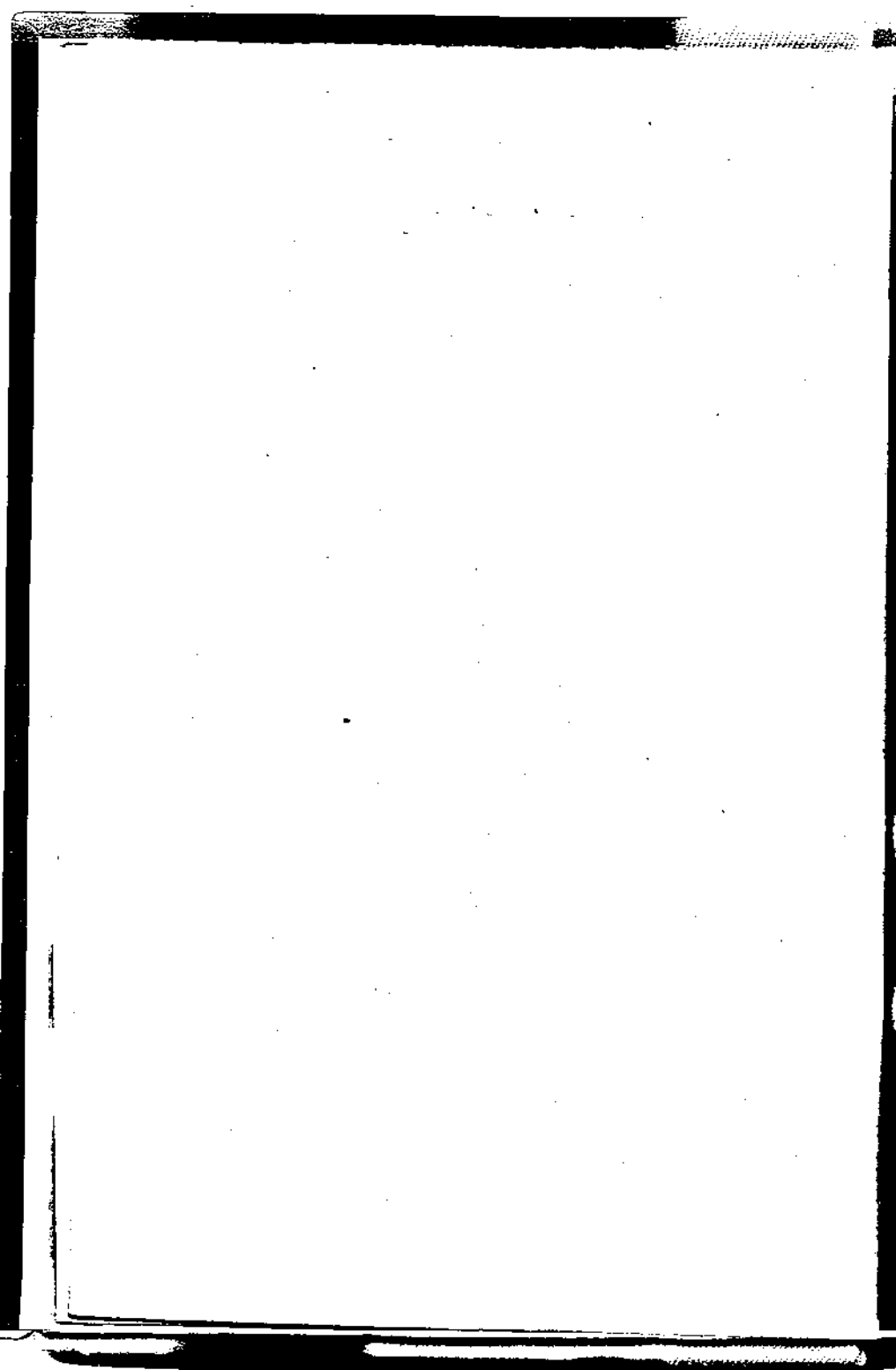
Professor da Universidade de Coimbra

R.153476

VOLUME IV

PÓRTO

1 9 4 3



VIII

Naufração da
nau **SANTO ANTÓNIO** em 1565

NAUFRÁGIO
QUE PASSOU
JORGE DE ALBUQUERQUE COELHO

Vindo do Brasil para este reino no ano de 1565

ESCRITO

POR

BENTO TEIXEIRA PINTO

Que se achou no dito naufrágio

H. G.

30905

Prólogo ao leitor

COSTUME foi mui recebido entre os antigos, quando alguma pessoa escapava de notável perigo ou enfermidade, apresentar no Templo uma tábua em que o perigo que passara estivesse escrito. Prova ser isto assim Estrabão no oitavo livro de sua Geografia, dizendo que o primeiro que pôs a medicina em arte foi Hipócrates, recolhendo tôdas estas tábuas e escritos em que se continham as doenças que succederam a cada um e o remédio de que contra elas usara. Pois sendo assim (benigno leitor), não creio que deixará êste breve sumário de um naufrágio, tão estranho como êste, de ser bem recebido, pois ambas as razões tem por si. A primeira, a obrigação que temos, todos os que chegámos vivos dêste trabalho a pôrto de salvamento, de notificarmos ao mundo a mercê que a Virgem Madre de Deus nos fêz em nos livrar dos estranhos e não cuidados trabalhos que passámos; e a segunda, mostrar o remédio de que nos neste caso tão temeroso aproveitámos, que foi de muitas lágrimas, contrição e arrependimento de culpas passadas, pedindo de contínuo misericórdia a Nosso Senhor. E nenhuma cousa esperei menos que poder êste naufrágio vir a ser sabido por escrito, porque, ainda que nossa natureza é sujeita aos trabalhos, todavia não agasalha bem a lembrança dêles, pela pena que nos dá o que vimos com os olhos. E quem diz que a lembrança dos passados dá gôsto não se viu nunca nestes, nem em outros semelhantes, porque

o gosto que se recebe na memória dêles nasce do descanso em que se vê quem os passou, e não do lembrar-se de ver tão particularmente a morte ao olho, como dizem. E não haja ninguém por fraqueza o que digo, porque Vergílio, excelente poeta, em um tão valeroso e esforçado cavaleiro, como o pintou em Eneas, pôs muito receio de contar os trabalhos passados, dizendo que lhe fugiu o entendimento da lembrança dêles. E por esta razão não esperei de escrever este discurso. Porém, por me parecer que seria ingrato às grandes mercês que de Nosso Senhor recebemos, os que dêste naufrágio escapámos, dos quais eu fui um dêles e o mais pecador, determinei fazer esta Relação, por ver quantos anos há que isto aconteceu, sem até hoje haver pessoa que de cousa tamanha fizesse memória. E persuadido de alguns meus amigos que a imprimisse, não o quis fazer sem que primeiro a mostrasse a Jorge de Albuquerque, que nesta nau vinha; e como êle fôsse a principal pessoa da companhia, e o que mais trabalhos passou por nos animar e esforçar, assim com palavras de consolação como com obras e orações que de continuo fazia a Nosso Senhor, não o achei remoto desta lembrança em cousa alguma; antes me trouxe à memória outras muitas cousas, de que eu estava bem esquecido; e muitas mais deixei de escrever, as quais pediriam (a meu juízo) outro tanto papel. Mas por me parecer que estas de que faço menção bastam para dar motivo aos homens que louvem ao Senhor e tenham sempre muita confiança na sua misericórdia, quando nos maiores trabalhos se virem, quis antes ser notado de breve que de prolixo, porque meu intento principal é ser Nosso Senhor louvado e glorificado de todos; o qual, usando da sua benignidade com os afligidos, os tira de perigos e chega a salvamento. Pelo que peço não olhem às palavras, que são as que são, mas ao intento, que é ser o Senhor louvado para sempre.

*Naufrágio que passou Jorge de
Albuquerque Coelho, vindo
do Brasil no ano de 1565.*

No tempo em que a Rainha D. Catarina, avó del-Rei D. Sebastião, governava este reino de Portugal por seu neto, veio nova, do Brasil e da capitania de Pernambuco, que os mais dos principais dos gentios que na dita capitania havia estavam levantados contra os portugueses e tinham cercado os mais dos lugares e vilas que na dita capitania havia. Pela qual razão, a dita Rainha mandou a Duarte Coelho de Albuquerque, que era herdeiro da capitania, que a fôsse socorrer. E por saber e entender quão necessário lhe era levar consigo seu irmão Jorge de Albuquerque Coelho, pediu à Rainha que mandasse ao dito seu irmão que o acompanhasse no socorro daquela capitania e fôsse com elle para o ajudar a socorrê-la, como foi por lhe a dita Senhora Rainha mandar que acudisse àquella necessidade, pelo serviço que nisso fazia a Deus e a el-Rei seu neto e ao bem do povo deste reino.

Chegou à dita capitania no ano de 1560, sendo êle de idade de vinte anos. E por ter já alguma experiência das cousas da guerra, assim do mar como da terra, depois de seu irmão Duarte Coelho de Albuquerque tomar posse da capitania e servir de capitão e governador dela, chamou a conselho alguns padres da Companhia, graves, que estavam no colégio que os ditos padres têm na vila de Olinda, uma das principais vilas que há na capitania de Pernambuco, e muitos homeas honrados dos principaes do govêrno da terra, e se assentou entre todos que se elegeisse por Geral da Guerra e conquistador da terra da dita capitania Jorge de Albuquerque Coelho, o qual, como lhe disseram que cumpria muito ao serviço de Deus e del-Rei, e bem do povo daquela capitania, aceitar e servir o dito cargo, o aceitou, e aventurou e arriscou perder a vida por fazer êste serviço a Deus e a El-Rei, e bem ao povo, e fazer o que a dita Senhora Rainha D. Catarina lhe tinha mandado e encomendado. Começou a fazer guerra aos inimigos no dito ano de sessenta, com trazer em sua companhia muitos soldados e criados seus, a quem dava de comer, beber, vestir e calçar à sua custa. E cinco anos que gastou em conquistar a dita capitania, pelas montanhas e desertos, verões e invernos, de noite e de dia, passou muitos em si grandes trabalhos, sendo êle e os seus soldados e criados feridos muitas vezes, pelejando algumas vezes a pé e outras a cavallo. E quando se vinha recolher a alguns dos lugares ou vilas dos nossos portuguezes, que via que não podia chegar com de dia, no maior e mais fermoso bosque que achava se agasalhava, ao pé das árvores, com mandar fazer choupanas de rama e palma, em que se agasalhassem os soldados; e estas ramas e choupanas mandava fazer por muitos escravos que trazia em sua companhia, que serviam de descobrir e vigiar o campo e o lugar onde se agasalhavam, juntamente com alguns soldados, passando tantas fomes

e necessidades, que muitas vezes não tinham que comer mais que caranguejos do mato, farinha de pau e fruta brava do campo. E com estas cousas e com as palavras que usava com os soldados os contentava e consolava; e quando tomava algum forte ou aldeia dos gentios fartava os ditos soldados com muitos porcos, galinhas e outro muito mantimento da terra, que achava nas ditas aldeias; e acabada de tomar alguma aldeia, ia logo sôbre outra e a tomava com facilidade, por não terem tempo de se fazerem prestes. E com esta diligência e brevidade que pôs nesta conquista a pôde conquistar dentro em cinco anos, estando tão povoada de inimigos, que quando chegou à dita capitania por mandado da Rainha D. Catarina não ousavam os portuguezes que moravam na vila de Olinda a sair fora da vila, mais que uma ou duas léguas pela terra dentro, e ao longo da costa três ou quatro léguas; e depois que acabou de a conquistar, seguramente podem ir quinze ou vinte léguas pela terra dentro, e sessenta ao longo da costa, por tantas ter a dita capitania de jurisdição. E deixando a capitania conquistada e os inimigos quietos e pacíficos, com pedirem paz, a qual lhes concederam, se embarcou e veio para êste reino na nau *Santo António*, na qual viagem lhe aconteceu o que neste naufrágio se contém.

Quebrantado Jorge de Albuquerque dos trabalhos que passara em companhia de Duarte Coelho de Albuquerque, seu irmão, no descobrimento do Rio de S. Francisco, da capitania de Pernambuco no Brasil, e assim das guerras que por espaço de cinco anos duraram na capitania depois do dito descobrimento, em o qual tempo se passaram grandes trabalhos, fomes e mortes, e esteve tôda a capitania em risco de se perder, deixando tudo pacífico e querendo vir para êste reino, determinou embarcar-se em uma nau nova de duzentos tonéis, por nome *Santo António*, que estava carregando no pôrto da vila

de Olinda, na mesma capitania, para fazer viagem a esta cidade de Lisboa, da qual era mestre André Rodrigues e piloto Álvaro Marinho, homens destros na arte de navegar e que tinham feito muitas viagens. E estando a nau carregada com muita fazenda, e embarcado êle e todos os que nela haviam de vir, quarta-feira, dezasseis de Maio do ano de 1565, com vento de viagem, deram à vela e se partiram do dito pôrto com vento em pôpa. E não eram bem fora da barra quando lhes acalmou o vento com que partiram, e se lhe tornou tão contrário, que, por ser rijo, e com a corrente da maré que começava a vazar, os levou através, de maneira que foram com a nau dar em um baixo que está na bôca da barra, onde esteve quatro mares mui perto de se perder, se os mares foram mais grossos. E por lhe acudirem com presteza muitos batéis e outras embarcações se salvou tôda a gente e a maior parte da fazenda, que era muita. E nem assim descarregada pôde sair do baixo em que estava, pelo que lhe cortaram os mastros; e com estes benefícios nadou e safu dos baixos.

Tornando-a ao pôrto da vila foi vista por officiais, para saber se estava boa para fazer viagem; e por acharem que a nau não recebera dano que lhe fôsse inconveniente para navegar se tornou a consertar de novo e a carregar. E vendo muitas pessoas amigas de Jorge de Albuquerque que êle se queria tornar a embarcar na mesma nau, lhe foram à mão e lhe quiseram persuadir com palavras que se não embarcasse em nau tão infelice no princípio de sua viagem, porque não podiam deixar de lhe succeder muitas desaventuras no discurso dela, segundo os maus princípios que tivera. E corria isto por prática entre todos os moradores da vila; dizerem a seus amigos que se guardassem de fazer viagem em nau que prometia mil infortúnios em seu caminho. E sem embargo de tudo isto, não crendo êle Jorge de Albuquerque,

nem os da sua companhia, o que lhes prognosticavam, antes confiando na misericórdia de Nosso Senhor, e não temendo juízos da gente, vãos e sem fundamento, se tornou a embarcar na nau, com todos os de sua companhia, e se partiu da vila de Olinda sexta-feira, vinte e nove de Junho, dia de S. Pedro e S. Paulo, do mesmo ano de 1565.

Do dia que partimos do pórto a cinco dias, que foram dois de Julho, vindo com o mesmo vento de viagem com que partimos, súbitamente se mudou, e ventando-nos o contrário do que havíamos mister veio a ser tão rijo que, por a nau vir muito sobrecarregada e não poder aguardar bem a vela, nos foi forçado começarmos a alijar muita fazenda ao mar, esperando que com isto mareasse a nau melhor. Mas tendo alijado o que parecia que fazia pejo à nau, no mesmo dia à tarde nos deu um tempo tão rijo e forçoso, que a nau abriu uma água muito grande, tanto que dávamos seis mil zonchaduras à bomba entre noite e dia. E indo com esta água aberta, aos seis de Julho nos achámos na altura da Linha, e com os mares grossos.

Fazendo viagem, nos deu um pé de vento que nos quebrou o gurupés da cevadeira. Parece que queria Nosso Senhor dar a entender aos que na nau iam que não fôsem por diante, pois em tão poucos dias de viagem se lhes ofereciam tantos trabalhos. Visto por todos os da companhia e oficiais da nau o gurupés quebrado e a muita água que a nau fazia, se assentou que arribássemos às Antilhas, ao que o pilôto e mestre responderam que não podia ser, pelo tempo lhes ser contrário e não lhes servir, e que com o tempo que levávamos era impossível arribar às Antilhas, nem ao pórto donde partíramos. Com esta resposta algum tanto desconsolados, pelo trabalho em que íamos, seguimos nossa derrota e viagem, porque não podíamos al fazer. E sendo na altura de doze graus da

banda do Norte, nos acalmou o vento que até ali trouxéramos e andámos dezanove dias em calmarias com muitas trovoadas; e como tivemos tempo, determinámos ir demandar as ilhas de Cabo Verde, em cuja altura estávamos, para tomarmos a muita água que fazíamos, e fazermos o mastro da cevadeira que trazíamos quebrado. E sendo com as ilhas, quasi à vista delas, nos apareceram ao mar uma nau e uma zabra de francêses, a vinte e nove de Julho, dia de Santa Marta; e havendo os franceses vista da nau, a seguiram até as três horas da noite, em que se puseram à fala connosco, dizendo que nos déssemos; e entendendo dos nossos que se aparelhavam para pelejar e defender-se, não nos ousaram acometer logo, com a grande escuridão da noite, e se deixaram andar na nossa esteira, para pela manhã nos abalroarem. E ao outro dia que foram trinta de Julho, antemanhã, nos deu uma trovoadá tamanha, que lhes foi forçado apartarem-se uns dos outros, sem se verem pela serração que fazia. E ao derradeiro de Julho, querendo demandar as ilhas, nos deu vento por riba da terra tão rijo, que nos foi forçado fazer nossa viagem por não poder tomar as ilhas, indo arriscados a muito perigo pela muita água que fazíamos. E com este tempo corremos até nos pôr na altura de trinta e sete graus, e muito perto da Terra Nova, por a nau abater muito com o tempo que trazíamos. E nesta altura de trinta e sete graus andámos oito dias em calmarias, no fim dos quais, dia da Degolação do Bem-aventurado S. João Baptista, a vinte e nove de Agôsto, nos ventou vento largo e próspero, com que determinámos vir demandar as ilhas dos Açôres, para consertarmos a nau e tomarmos a muita água que fazíamos, que além da que trazíamos se nos abriira outra, a qual junta era tanta que de noite e de dia continuamente dávamos à bomba. Faltava já neste tempo a água e mantimento na nau e padeciam-se muitas necessidades de fome e sê-

fomos correndo com as velas grandes no bôrdo do Nordeste, e determinámos de fazer betume de farinha de biscouto e arroz, tudo calcado aos pilões, e por encontro um pé de carneiro; e com ser à altura das picas, e com a imundícia que tinha, e com a grande força da água, aproveitavam pouco os remédios que lhe faziam. Determinámos então de fazer um convés na bôca da escotilha, e começámos de alijar caixas de roupa que tinha em cima; e nisto veio um homem que as levava a cargo, reque-rendo que as não botassem ao mar, cousa que ao tal tempo parecia mais heresia que temor de Deus; e com isto veio o capitão ao convés, dizendo que se botasse tudo ao mar, que êle assim o mandava.

No próprio dia, à tarde, andando nisto tão tristes, sem contentamento, quanto se devia supor de quem assim ia e com os olhos via tantos infortúnios, mandou o capitão-mor chamar a conselho o mestre, pilôto, e os mais officiais, e alguns homens que o entendiam, e pôs-lhes diante o que a tal tempo se lhe oferecia, e que lhe dissessem seu parecer, para com isto fazer o que fôsse melhor; e mandou a um homem que se chamava Francisco Arnau, que ia por marinheiro, filho de um mestre que foi na carreira, o qual disse seu parecer, e era que deviam ir ao Noroeste de dia, que era demandar a costa, e que de noite podíamos ir ao Nordeste, que era como se corria a costa, até verem vista da terra; e tendo suspeita da dita costa ser suja, que podiam botar o batel fora, e mandar o capitão-mor homens de quem se fiasse para nêle irem andando diante da nau; e com isto, e com verem terra, trabalharia a gente; e sendo mais a nossa desventura do que era, pois ali a tínhamos, sem sabermos a certeza de quanto éramos dela — porque o pilôto se fazia cincoenta léguas, o sota-pilôto sessenta, e êle trinta e oito, e outros mais, e outros menos — e que para espelho disto via que nenhum pilôto se fazia com a terra do Cabo, e quando se

fizesse com ela e a visse, o mais acertado era ir buscá-la, e que assim teriam os homens mais ânimo para trabalharem, e veriam se achavam algum pôrto para se meter a nau, maiormente havendo a necessidade que se via; e que indo no bôrdo da terra tinham mais certa a salvação que no bôrdo do Nordeste, como iam; e que êste era o seu parecer. O qual êles houveram por bom—o capitão-mor, mestre, pilôto, e a mais gente que ali estava—e nisto assentaram, e mandaram governar ao Noroeste; e quando veio à véspera, acertou a ir tomar o leme um homem, por nome Cosme Gonçalves, que é um dos que estiveram ao conselho, e achando que governavam ao Nordeste e à quarta do Leste, disse ao capitão de que servia conselho, se haviam de fazer suas vontades. ¿Para que era governar ao Nordeste? Ao que responder o pilôto, que queriam que fizesse, que não o deixavam fazer, que sua vontade boa era, que bem viam que melhor era morrer às lançadas, que morrer afogado; e indo assim correndo até à noite no bordo do Nordeste, e de Nornordeste andando a gente assim em baixo, mandou chamar o pilôto, porque se armava um chuvaire a Loes-sudeste; e vindo arriba, houve homens que disseram que viam fogo, e que era na terra. Então mandou o pilôto governar a Lés-nordeste, e guiar para Leste; e via-se tão desesperado, que não sabia o que fizesse. E assim fomos correndo até a quarta-feira pela manhã, que foram quinze de Março.

Quarta-feira pela manhã, indo assim governando a Lés-nordeste, se nos rompeu a vela no estai, e indo amainando, a vêrga se achou larga das rôscas, e caíu a nau para a banda de estibordo e levou a vêrga consigo e quebrou todos os braços, e a vela foi tôda ao mar; e tomando posse dela nos levou a maior parte, e nos houvera de levar a vêrga e quebrar o mastro, se lhe não acudiram o guardião e o carpinteiro da nau, que lhe passaram um

virador por debaixo das antenas, como bosas; e com isto tiveram a vêrga até que acudiu a gente que andava debaixo, e lhe guarneceram dois aparelhos, um de encontro do outro, e concertámos o enxertário e virámos a vêrga mais acima, e fomos assim correndo com o papafigo de proa, pouca cousa guindando, e mais uma moneta cingida no castelo; e fomos desta maneira até à tarde aliando muitas caixas de roupa; e, das dos homens do mar, aquêlo que primeiro botava a sua se tinha por mais ditoso em podê-la lançar.

No próprio dia à tarde guarnecemos o estai grande, e nas costeiras de ré do traquete umas polés, para fazermos uma vela da moneta grande sôbre cabos, para nos suster o traquete da proa na vêrga grande; e nós com ela metida, indo o guardião para baixo, e estando o mestre no cabo da escotilha botando a água fora, lhe vieram dizer que quebrara o enxertário do traquete, que andava desmanchando a vêrga. Acudiu então a mandar com um virador até tomarem uma trinca com umas bosas falsas, para que a sojugasse, e não desse fôrça ao traquete mais do que andava; e neste tempo nos quebrou um pisão, e metemos outro com muito trabalho; e todo êste tempo estavam os homens ao leme. No mesmo dia, andando já o contra-mestre no convés (porque até êste tempo esteve doente e não mandava a nau) a acudir, com lhe dizerem que estava a cevadeira desfraldada, mandou lá uns três ou quatro homens; e indo, se tornaram para dentro, dizendo que se tornavam, que lá estava quem a tomasse; e não querendo lá ir, veio o capitão-mor e mandou lá outros homens que a fôsem tomar. Sendo já o sol pôsto, e vendo-se o vento cada vez mais, se nos começou a romper o traquete de proa; e acudiram à vela que vinha metida na vêrga grande, donde andava larga das escotas, Cosme Cordeiro, contra-mestre, com António Rodrigues e Francisco Arnau. Andando tomando a trinca no punho e na

antena, lhes andavam atirando com paus aos pés, não se sabendo quem lhes atirava; e neste comenos, andando noutra banda para tomar outra trinca o mesmo guardião e o mestre, lhes atiraram com os mesmos paus às pernas; e com isto, não podendo tomar a trinca, a deixaram; e neste tempo veio um homem de baixo, dizendo que lá andava uma campainha tangendo, como quando vai com defunto.

Neste instante, andando em quente com o trabalho de dar às bombas, e com os caldeirões na bôca da escotilha e na estrinca, que fizeram um escotilhão para ajudarem às bombas, senão quando o mastro grande quebrou pelo têrço de cima, abaixo da cintura que tínhamos feita; e com levarmos xarta tomada, e brandais, porquanto a êste tempo o mastro andava largo nas cobertas, e quebrando, caiu pela banda de bôrdo, e acudindo a gente a safar o mesame para fazerem lestes as bombas, com a detença que tiveram em cortar o mastro e o mesame, e dar o dito mastro mui trabalho à nau, se arrombaram os paióis e a arca da bomba, e se empacharam ambas, e não tendo com que botar a água fora, senão com os caldeirões e barris, podia-se dizer de nós que esperávamos secar o mar com uma conchinha.

Quando acudiram acharam onze palmos de água na bomba; e andando safando o mesame, indo um homem para cortar um brandal da banda do estibordo, viu estar um ôlho de fogo sôbre a nau, que parecia forno de vidro, com muitas côres, e fedia a enxôfre, cousa que fazia mêdo de ver, e parecia que se fundia o mundo. E andando safando o mesame da pôpa, foram ver o traquete, e não acharam parte onde o vissem quebrar; e foram à proa para safar o mesame, e não acharam que cortar, que tudo levara consigo, e quebrou pelo castelo de baixo, levando juntamente gurupés e âncoras, sem quebrar pé de castelo, nem o postaréu, nem

bôca; cousa que nos fez muito maior temor do que tínhamos visto.

Vindo a manhã de quinta-feira, que amanhecemos sem mastros e sem bombas, que era o mais necessário de que estávamos desamparados, não nos faltando a misericórdia de Deus, começámos a fazer lestes a nau, e botar quartéis fora e as amarras; e o contra-mestre por outra parte andava clamando que dessem à bomba, porque não havia quem o fizesse, pois uns se metiam nos camarotes, outros se escondiam e estavam rezando, e, se os chamavam, diziam que se estavam encomendando a Deus, e já que haviam de morrer tão cedo, como esperavam, que os deixassem; outros estavam escalavrados do leme, que a noite passada tinha quebrado dois pinções a uma cana, e houvera de matar um homem, e quebrou-lhe um braço que houvera de perder. Com isto não havia quem trabalhasse, porque viam quão pouco aproveitava o dar da bomba, e mais com a gente andar tôda morta do muito trabalho, e haver oito dias que os homens não comiam.

À quinta-feira ao meio-dia começámos a querer fazer lesto para botarmos o batel fora, cousa que parecia riso fazê-lo, por quão maltratado vinha; e com ir um marinheiro que se chamava Pedro Álvares do Pôrto, que ali faleceu, dizer ao mestre que determinássemos botar o batel fora, como logo começámos de deitar, e fazer de duas antenas uma cruzeta e um cadernal na chapa do castelo, e com aparelhos guarnecidos, se foi o guardião abaixo, e o contra-mestre em cima a chamar a gente que viesse ajudar a botar o batel fora, a qual estava metida pelos camarotes de pópa e de proa, uns com terem para si que era cousa escusada o trabalho, outros com dizerem que quem havia de ir no batel que o tirasse, e outros com fazerem jangadas para se botarem ao mar, como de feito botaram; e alguns vieram com vergonha ajudar ao batel,

e outros com lhe dizerem que haviam de vir no batel; e andaram nisto tãda a noite, e tendo-o já quási em cima, lhes tornou a cair, e abriu pela proa, com deixar a roda nos aparelhos; e eram de feição, que vendo o batel desta maneira se metiam debaixo de um pedaço de tilha que tinha, e andaram tãda a noite sem o poderem suspender; e vinda a manhã se guarneceram três aparelhos com brogueiros por baixo, com trincas, e com muitos cabos curtos o tiveram em cima. Tornou a quebrar um virador, e tornou abaixo; e tudo isto era por mau azo do mestre, que a êste tempo, e ao mais, andou mortal em tudo quanto fazia e não tinha sossêgo nenhum.

A tudo neste tempo D. Luiz estava presente, e vendo como se azava mal a tirada do batel, se foi com outros homens para o propau, dizendo: «Já isto é feito tudo por demais». A êste tempo todos andavam já confessados; e veio então um frade de S. Francisco à proa, onde estavam juntos muitos homens fazendo o que era necessário para o batel; saiu fora, dizendo: «Ó irmãos, lembrai-vos do que Nosso Senhor padeceu por nós; trabalhai, que êle será connosco». Absolven o batel, se vinha alguma coisa má nêle; e nisto o guardião e pilôto de uma banda, e o mestre e contra-mestre da outra, esforçando a gente quanto podiam, porque a êste tempo não havia quem disso não tivesse necessidade, pôs-se a gente aos aparelhos e botaram o batel fora. Tendo-o em cima, teceram com um virador por baixo dêle, que se quebrasse algum aparelho que não tornasse abaixo. E neste tempo andava já a água na coberta do batel, e a nau se metia já tãda debaixo até às amarras. Tendo já o batel em cima, quebrou uma das antenas, e o pé arrombou a coberta, e foi assentar sôbre uma caixa de roupa. Cuidou a gente que era quebrado, e perderam a esperança do batel; e contudo pusemos-lhe umas talhas com paus por baixo, e demos com êle em cima da coxia da banda de estibordo,

desfeito todo em pedaços, e aí o pregaram e consertaram como puderam. E para o botarem fora era necessário cortar a mareagem, como cortaram. E meteu-se D. Luiz dentro, por lho dizerem, e estando metido, se metia muita gente a que êle tinha dado licença; e outros muitos, com mêdo de se desfazer o batel, se tornaram a sair fora muito confiados, parecendo-lhes que o batel os tornaria a tomar, o que foi bem avêssô do que êles cuidaram. E quando foi ao dar da carreira do batel, iriam nêle até dez ou quinze pessoas, e, dando o mar jazigo, lhe deram carreira com levar ao redor de si mais de vinte pessoas das que menos confiança tinham de vir nêle. Lançado o batel, tornou a dar uma grande pancada na nau e se acabou de arrombar de todo, e não levava mais officiais que o contra-mestre, por ir doente, e outros muitos pelo mar; e outros estavam esperando pelo batel que tornasse, o qual se ia alongando da nau, com não ter com que se chegar; e nisto uns se lançavam ao mar, outros em jangadas, e outros chamando por quantos santos havia; outros morriam, e outros andavam a nado e vinham ao batel, dos quais foi o guardião e o sota-pilôto e outros muitos homens. E D. Luiz estava com uma espada na mão, com que não deixava entrar ninguém, com tenção de tomar o pilôto e o mestre e alguns homens de obrigação, que ficavam na nau; e vendo que não podia tomar o dito pilôto, que andava em uma jangada no mar, todo nu, a todos causava grande mágua ver acabar tão honrada pessoa, como Pero dos Banhos, quanto mais a D. Luiz que lhe era afeiçoado; e vendo que o não podia tomar, e se vinha a noite chegando, andou recolhendo uns moços que andavam a nado e mais outros que vinham em uma jangada; e andando nisto disse um homem marinheiro, por nome Francisco Arnau: «Senhores, dai graças a Nosso Senhor, que já lá vai a nau». E haveria obra de uma hora e meia que seríamos fora dela, que foi aos dezassete de Março em

uma sexta-feira, havendo oito dias que vínhamos correndo com a nossa desventura. E quando foi noite, que nos achámos no mar em um batel arrombado e sem remos, mais que quatro, e sem vela, sem mastro e sem agulha, nem mantimento (que não levávamos mais de cinco caixas de marmelada e seis queijos e um barril com obra de dois almudes e meio de água para cincoenta e nove pessoas), e os mares que nos comiam, engenhámos de quatro zargunchos uma vêrga, e de um remo mastro, e de uma colcha branca de marca meã uma vela, com que fomos correndo aquella noite pelo caminho do Su-sudoeste e do Sudoeste. E quando amanheceu, que foi aos dezóito de Março, que era um sábado, véspera de Ramos, engenhámos outra vela de outra colcha vermelha de marca pequena; e o vento sendo a Lés-sueste, fomos a Loeste ou a Lés-nordeste, e regiamo-nos por um relógio, e fomos correndo todo aquêlê dia, dando sempre continuamente a seis andainas às bombas, e lançámos pela proa ao batel, pela banda de fora, um mantaz com um anixo forte, que sustivesse o batel, que não fizesse tanta água; e foi tanto o trabalho do tempo, que disse um homem, por nome Lopo Dias, ao capitão-mor, que — para que queria morrer? — que botasse alguma gente ao mar. Ao que D. Luiz se não deu por achado de nada.

Ao domingo seguinte, que foram dezanove de Março, que vínhamos já com algum alvoroço de ver terra, nos mandou dar D. Luiz uma talhada de marmelada, tamanha como uma castanha, e não grande, um frasco de água, que depois foi medido e não tinha mais que um quartilho e meio de água, para doze pessoas. E havendo três dias que deixáramos a nau, quando foi à meia noite, nós seríamos com terra, e fomos ter junto de uns ilhéus que estavam um tiro de falcão da terra, e não levávamos fateixa, senão uma pedra de afiar que pesava uma arrôba, e dela engenhou o guardião uma fateixa; de peda-

ços de cabos fizemos obra de quinze braças até dezóito; e com isto nos chegámos bem à ressaca dos ilhéus; e surgimos; e quis Nosso Senhor nos ter até pela manhã.

Segunda-feira pela manhã, que foram vinte de Março, em amanhecendo, mandaram seis ou sete pessoas a nado à terra; e indo, acharam um rio de água doce, que parecia o Tejo, e tornaram alguns dêles com recado ao batel e começaram a dizer que havia rio de água doce; e assim pareceu que tinham acabado os seus trabalhos; e com isto andaram até às oito horas do dia, por ter muito meia maré cheia, para entrarem no rio, por ter muito ruim barra e entrando com muito trabalho, não olhando a saída que tal podia ser, nem menos o tempo não oferecia olhar, pela muita pressa e trabalho com que vinha a gente entrando pela bôca do rio, que se entrava de Leste e Oeste. Entrando, mandou o capitão-mor aos da terra que levassem um retábulo, e o pusessem ao pé de uma árvore; e fomos em procissão todos, dando muitas graças a Deus, pedindo misericórdia, indo D. Luís dizendo as ladainhas com muitas lágrimas.

Tornando da procissão, varámos o batel, e vendo como vinha, parecia cousa impossível vir tanta gente em cousa tão pequena e tão mal negociada de tudo; e vendo que era a terra despovoada de gente e mantimentos, mandou D. Luiz, que fôsem alguns homens buscar algum remédio de comer, de frutas; que quem o achasse, que o trouxesse, para êle por sua mão o repartir igualmente por todos os outros; que concertassem o batel os que pudessem, porque neste tempo uns se lançavam, como mortos, pelo chão, e outros iam aonde achassem alguma maneira de comer. E vindo êste tempo teria a gente obra de vinte búzios, que eram tamanhos como pelotas de jogarem meninos; partiram-nos por tôdas as pessoas que havia na companhia; e foi partido pelo contra-mestre e guardião diante de D. Luiz. E quando veio a noite de-

ram a cada pessoa duas frutas, que são tamanhas como uma noz grande; e com isto passou a gente, havendo quatro dias que não comia, e muitos da companhia havia mais de oito, que com o trabalho lhes não lembrava nada.

A vinte e um do mês, amanhecendo, se ergueu D. Luiz cedo, e mandou chamar a gente dizendo-lhe o que a tal tempo se requeria, e quem tão bem o entendia, que nos lembrássemos que em nossa mão estava agora salvar-nos, e que olhássemos o que Nosso Senhor tinha feito por nós; e por isso nos rogava que trabalhássemos por consertar o batel, e que não tínhamos outra salvação senão Deus e êle; que rogava muito que uns fôssem ao batel, outros à vela, e outros a buscar de comer; o que muito folgavam de fazer, indo uns a pescar, e outros a tomar caranguejos, e outros a apanhar frutas, e outros a consertar o batel; e foi de maneira, que de alcançar um homem um banco, que estava lavrando, caíu para uma banda e a enxó para outra, com fraqueza que tinha. E vindo ao jantar, por não perdemos o costume e maneira de portugueses, chamávamos, e ali vinham os que eram idos a buscar de comer, e uns traziam uns peixinhos à maneira de peixes-reis, e não tamanhos, e outros traziam frutas; e com isto se repartiu o peixe, que se tomou com uns panos, e se dividiu pela gente obra de uma dúzia por pessoa, e quando veio a tarde a cada um cinco frutas, à honra das cinco chagas. Quando veio a tarde chegou um homem a D. Luiz com quatro ou cinco laranjas, dizendo: « Senhor eis aqui fruta da nossa terra », com a qual se fêz um novo pranto e chôro. E não tendo maneira de fogo, acertou trazer D. Luiz uma pedra de Cambáia e feriu fogo com que queimámos o batel e o consertámos.

Aos vinte e dois do mês pela manhã, botámos o batel ao mar com umas falcas pequenas, com lhe fazermos das duas colchas e um pedaço de pano que trazíamos uma vela, e mais remos. Disse então: « Filhos, muito bem

sabeis da maneira em que estamos, e que não sabemos mais que estarmos aqui neste rio; e Cosme Cordeiro e alguns de vós outros, e eu, tomámos o sol e achámos que está em dezanove graus menos um quarto; e se este rio tem saída para a banda do Nordeste, como faz mostras nas cartas, receio que ao saír desta barra passemos algum trabalho, por quão ruim parece; e por isso minha determinação é irmos por este rio acima, se vos parece bem, e se acharmos saída, não pode ser tão ruim como esta; e se não tornaremos para baixo, que ao menos não nos há-de faltar água que é o principal ».

Disseram todos que assim lhes parecia bem, que fizesse sua mercê o que entendesse. Com esta determinação nós fomos pelo rio acima e fomos dormir obra de meia légua adiante de donde estávamos; e dormimos de baixo de umas árvores, e o batel amarrado a elas, as quais tinham umas frutas, e a gente começou a comer com a fome que tinha, e as mais das pessoas que comeram houveram de rebenhar com esta fruta, e mais com umas sementes, que havia, à maneira de grãos. E assim estivemos aquella noite; e amanhecendo fomos para cima, e achámos uma sorte de sapal; e com isto, e com não termos modo de saída, e os ares serem carregados e as forças poucas, tudo se ajuntava. Estava a gente tão mortal, que não havia homem que tomasse rémo, nem o pudesse tomar, e fomos obra de duas léguas pelo rio acima até darmos em sêco; e fomos então à terra, e não achámos que comer, nem tão somente as frutas que vimos em baixo; e tomámos umas figueiras bravas e começámos de comer; e mandou D. Luiz que as cozessem, e se aproveitasse que as comeríamos, e se assim as não comêssemos que nos matariam; e assentámos de tornar para baixo. Parece que em tornando se esforçava a gente, que quem não tomou rémo à ida o tomou à vinda, e chegámos onde consertámos o batel. À boca da noite fizemos uma pro-

cissão, por ser dia de Endoenças, pedindo misericórdia; e D. Luiz com a cruz diante, dizendo a ladainha, até o pé da árvore, em que estava um retábulo, que foi a vinte e quatro de Março em uma sexta-feira. Ao sábado, que foram vinte e cinco do mês, pela manhã, determinámos de sair fora, e por ser pouca a água, disse o guardião ao capitão-mor e ao contra-mestre que lhe não parecia bem sairmos tão cedo, que esperássemos para haver mais água; e contudo determinámos de sair; e saindo atravessou o batel, com ir a maré tesa, para dentro; aonde esperámos que houvesse mais maré, e quando fomos para sair disse o guardião que disséssemos uma Avé Maria a Nossa Senhora da Nazaré; e nisto pusemo-nos ao rémo, com darmos à vela; sendo já na barra, quebrou em nós um mar, e após ele outro muito maior, que nos houvera de meter no fundo, e nos arrasou o batel e quebrou a vêrga, que era um bambu grosso, e valeu-nos ir o guardião de proa com outro homem que levava um traquete lesto, que era de mantas; e quando a gente viu o batel arrasado, foi tamanho o alvoroço, que estiveram muito perto de desmaiar; e corríamos muito risco de nos perder, e fomos assim correndo nossa rota, caminho da ilha de Santa Maria. E quando foi ao sábado, ao meio-dia, vimos uma almadia com negros; eles vendo-nos fugiram de nós; e indo mais avante, obra de meia légua, vimos uma ilhota pequena que estava em dezóito graus. Aqui foram muitos homens fora a ela, e acharam muitas laranjas, que foi mantimentos para a maior parte de nossa jornada, porque havia homem que comia vinte laranjas; e aqui estivemos aquela noite, e nisto insistiu o guardião e alguns homens, que fizeram com que partimos com o vento Su-sudoeste muito rijo, e fomos correndo até à meia noite para um bolcão ao mar, e fomos a ele dizendo que era terra. Aqui havia muitos pareceres avessos dos outros, que diziam que não era terra; e quando foi às duas ho-

ras depois da meia noite achámos-nos com a ilha de Santa Maria, que está da terra quatro léguas; e parece que ainda que fôramos muito correntes na navegação, não tomáramos melhor pôrto, que não parecia senão que Nossa Senhora nos trazia pela mão, porque nunca pusemos a proa do batel em terra, que não achássemos água e infinidade de laranjas, que eram o nosso pão. Aos vinte e seis de Março, dia de Páscoa da Ressurreição, saímos em terra na ilha de Santa Maria, onde achámos muitas laranjas, e em quantidade da longura do batel três ribeiras de água muito serena e boa; e em saíndo veio ter conosco um negro, o qual se achou como salteado, e disse, como por acenos, que ia e que logo vinha. Mandou o capitão-mor recolher todos, receando alguma traição, por não saber que gente era, e terem dela sempre má suspeita; e estando nisto vimos dois negros por cima de umas pedras, falando de maneira de espanto e queixume, como que queriam perguntar que gente éramos. E isto entendemos pelos meneios da fala que víamos falar. E estando nisto por muito espaço, perguntou o capitão-mor se havia alguém que fôsse lá falar com êles; e não havia ninguém que lá fôsse, senão um marinheiro chamado Giraldo Fernandes, que foi lá, e êles fugiram dele à carreira; e nisto mandou-lhes D. Luiz, por um moço pagem da nau, que aí viaha, um meio chandel feito em duas partes, que lho desse, e êles o não quiseram tomar, senão de uma banda de uma ribeira e os nossos da outra; e nisto vieram mais. Então disse o guardião se tinham alguma cousa de mantimento para vender ou resgatar. E o capitão-mor não queria, mas, pelo ver tão desejoso de ir, o mandou, e que levasse alguns pedaços de panos, e tafetá e pedaços de pregos. E chegando, começou a resgatar arroz, figos e muitas galinhas, e canas de açúcar; e assim estivemos aqui êste dia, e mais a segunda-feira seguinte até a tarde; no qual tempo vinham muitas mulheres e moços a

ver, e diziam-nos que nos não fôssemos, que nos iriam buscar mantimentos. As mulheres traziam umas esteiras à maneira de saias vestidas, e corpinhos, como em Portugal; e os homens panos da mesma erva. E à segunda-feira à tarde nos quiséramos partir; e por não termos tôda a gente no batel, por serem a mariscar, nos detive-mos um pedaço; e em nos partindo vimos vir uma almadia com muita gente, que vinha cantando e acenando que esperássemos por êles, e traziam uma vaca para vender; e disseram-nos que fôssemos para terra, e iam diante mostrando-nos o caminho cantando, e lançámos o guardião em terra para a comprar; e arredámo-nos deles, e o capitão nos rogou que encomendássemos a Deus o guardião, que o guardasse, já que se punha em perigo para nos trazer de comer; e estando nisto resgatou a vaca por um pedaço de pano e de ferro, e de pedaços de tafetá, e uns bastões de cristal; e ali mais resgatou muitas galinhas e arroz; e a regra que nos dava a cada pessoa era uma galinha para quatro, e uma colher grande de arroz para cada pessoa, e às vezes para duas, e o mais mantimento eram laranjas, que o tempo não era para mais, porque não tínhamos resgate nenhum; e isto que aí havia foi achado no batel, que o metera um homem do mar que morrera na nau; e com tudo isto, o que podia resgatar alguma cousa por fralda de camisa, o fazia às escondidas, e havia muitos que não traziam mais que o manto da camisa e os bocais por mostra, porque lhe era muito defendido por D. Luiz, à uma por não haver resgate, à outra por não ficarem despidos; e com tudo isto, e com o mais que nesta parte defendia, não aproveitava; e isto de feito e de vista que por mim passou. De maneira que essa noite se matou a vaca, e comeu-se à terça-feira; e estando-a assando vieram da ilha de S. Lourenço duas almadias, em que vinha muito mantimento, e duas vacas, arroz, mel e figos, e com prazer das outras vacas, abri-

ram mão da outra, e enfim não resgataram nenhuma, e ficámos sem uma e sem outras. E disto sucederam alguns desgostos entre o capitão-mor e a gente. Estivemos aqui todo este dia de terça-feira, e dormimos a noite seguinte.

À quarta-feira, que foram vinte e oito de Março, pela manhã, partimos da ilha de Santa Maria caminho de outra ilha, que estava na Baía de Antão Gonçalves, e nós tínhamos para nós que estava na bôca; e fomos lá ter à baía quarta-feira à noite, e dormimos da banda do Nordeste a uma aba, que fazia abrigo; e no dia de sexta-feira, à noite, estivemos fazendo resgate de arroz, galinhas e muito mel de abelhas, que há muito na ilha tôda. E estando o guardião resgatando, e não tendo mais com que resgatar, descalçou os calções e resgatou com êles; e então mandou chamar o capitão-mor, que viesse embarcar ao batel para irmos, que tínhamos bom tempo, e fomos correndo a baía pela banda do mar do Nordeste, cuidando ser a ilha que nos dizia o roteiro, e que tinha saída, e fomos até irmos ter vista da ilha, que está dentro no saco da baía, e não achámos saída, a qual ida foi mais por teima que por outra cousa, por quererem dar crédito ao roteiro; e não achando saída, fizemos um bôrdo de Sudoeste para a contrabanda donde viemos, onde andámos quinze dias sem podermos sair fora, com ventos pela proa, com remar alguma calada a barlavento, com muita chuva, vento e frio, de noite e dia; porque havia noite que estava tôda a gente em pé para escorrer a água que chovia, que já não pretendiam mais que escorrê-la de si. E nisto andámos resgatando mantimento; e aos cinco de Abril partimos da banda da baía do Sudoeste para o Nordeste, que não pudemos ir à ponta por ser o vento escasso, e metemo-nos em um rio pequeno, onde estivemos três dias resgatando arroz, galinhas, mel, figos e polvos, mais caro tudo do que sóíamos achar atrás donde vínhamos.

Aqui veio um filho do Xequê da terra, a que eles chamam Felúz, e esteve falando com D. Luís, e trouxe de presente um galo e um pouco de arroz, o qual traziam de fora do rio, e lhe deram um barrete vermelho e algum aljôfar, de que faziam pouca conta, e mais um pedaço de pano vermelho pintado. E ao outro dia pela manhã veio o pai, e trouxe dois galos e um fardinho de arroz, e levou outro barrete, e mais um pouco de aljôfar, e uma memória de prata. No terceiro dia foi um homem cortar um palmito bravo e deu-o a D. Luís; e comen dêle e houvera de morrer com êle, e mais quantos o comeram; os quais todos deitaram sangue pela bôca em postas, e tomavam unicórnio; e neste pôrto nos trouxeram uma vaca para resgatarmos; com lhe darmos um astrolábio e muitas cavilhas de ferro, eles não queriam e levaram-na, e resgatámos um porco do mato, barato, e isto porque não o comiam. E neste dia, por não termos resgate de panos, nos disse D. Luís: «Filhos e irmãos, bem sabeis que não temos com que haver de comer, e eu não o tenho, porque muito bem sabeis que não trago aqui mais que um pouco de aljôfar, o qual não tem valia nesta terra, porque se a tivera, eu o gastara, como sabeis, de muito boamente; agora minha determinação é esta: que já que meus peccados quizeram que assim fôsse, o que queria, e vos rogo, é que alguns de vós-outros, que têm camisas e ceroulas, as dêem, para comermos todos igualmente, e não pereçam uns e vivam outros, e quem tiver duas camisas dê uma, e quem tiver duas ceroulas o mesmo». E todos deram as que tinham, e as mandou entregar a Belchior Dias, sota-pilôto, para se resgatarem da sua mão; e tais palavras eram para sentir, a quem as ouvia de quem sempre deu e fêz mercês e amizades, e ver-se em tanta míngua, que camisas velhas estava pedindo com as lágrimas que lhe corriam pelo rosto abaixo; e isto digo porque lhas vi cair muitas vezes nesta nossa desventura. E o mais comum

mantimento que tínhamos, eram laranjas de muitas maneiras. Neste rio vimos muita madeira da nau.

Aos nove de Abril pela manhã nos saímos do rio e demos uma grande pancada com o batel em uma pedra, que no-lo houvera de arrombar; e nisto disse D. Luís ao guardião que visse êle, e a mais gente, que em qual invocação de Nossa Senhora queriam que promettesse uma esmola, que êle a prometia. Escolheram êles então Nossa Senhora do Monte, e êle a prometeu; e foi, por cada pessoa que ali vinha, um cruzado; e fomo-nos meter na ponta da bafa ao abrigo de umas pedras, porque não podíamos sair, por ser muito o vento; e aqui estivemos dois dias.

Aos onze de Abril saímos da ponta da bafa e metemo-nos por entre uns recifes, que lançavam ao mar uma boa meia légua, e assim fomos dando em sêco por muitas vezes, como quem sabia mal aquella paragem; e quando veio o dia, vieram a nós duas almadias que nos levaram a uma coroa de areia, que estava entre o recife e a terra, e ali estivemos três dias e duas noites, e mandou o capitão ao guardião que fôsse a terra a resgatar; e resgatou uma vaca por panos e ferros, e deu mais o seu astrolábio por ela, por lha não quererem os negros resgatar, e mais estando para nos irmos; e resgatou um porco. E neste tempo, que estávamos para partir desta coroa, aconteceu que estando o guardião lá na povoação a resgatar algumas esteiras, ou arroz, parece que deu aos negros uns dois calcões; e, importunando-o tanto que lhos descosesse, êle, pelos não escandalizar, lhes disse que viessem ao batel, que lá lhos consertariam, por se ver salvo dêles; os quais negros vieram à coroa e acharam Cosme Cordeiro, contra-mestre, e Francisco Arnau, marinheiro, e tanto os importunaram, dizendo que lhes fizessem dali cada um seu pano para se cobrirem, que enfim lhes houveram de fazer a vontade; mas por não terem

agulha com que lhos cosessem, fêz Cosme Cordeiro uma agulha de pau, com que mal ou bem lhos fizeram como pediam, ficando-lhes os fundilhos, que depois resgataram por arroz, mel e figos, que tão famintos de resgate estavam; e entendido é que a necessidade os fêz usar destas traças por não terem outro remédio.

Neste pôrto nos mostraram muitas vacas, se quiséssemos resgatar, e nós tínhamos já nem tão somente arroz, que era o que mais pretendíamos haver, e alguns polvos. Todo comer, que comíamos nesta viagem, foi sem sal; não o fazem nesta costa tóda, salvo em Aro, aonde depois fomos ter.

Partimos desta coroa aos 13 de Abril pela manhã, e houve alguns homens que disseram que não partíssemos; dos quais foi António Sanches, que sempre era o que mais impedia as partidas dos portos; e vindo o guardião de terra, onde andara à noite fazendo aguada, a qual se fazia em alguns bambus que tínhamos resgatados, e quando viu que se punha dúvida à partida, disse ao capitão-mor: «Senhor, isto não é tempo para aguardarmos mais, partamo-nos; e olhe V. M. que nos falta o mantimento e que não temos resgate para mais, e será isto causa de maior trabalho do que temos passado, e por isso parece bem partirmos agora, que temos bonança, para o recife que nos falta para passar. E vendo D. Luiz isto, mandou que nos fôssemos logo, que não tínhamos outra saída senão aquela, que nos encomendássemos a Deus, e rezássemos uma Ave Maria a Nossa Senhora de Nazaré; e saímos às nove horas do dia pelo recife, com o vento Sueste e Lés-sueste bonança, e os mares vangueiros, que davam trabalho ao batel.

No próprio dia à tarde chegámos a uma povoação de negros, da qual, com ter novas de nós, ou com ver a embarcação diferente, mandou o Rei daquela terra duas almadias com galinhas, arroz, figos e dois côcos para o ca-

pitão-mor, que lhe rogava muito que fôsse à sua terra, que lhe daria o mantimento que houvesse mister; e o capitão-mor mandou dar ao negro um pouco de aljôfar, o qual não o quis tomar, dizendo que o mataria seu senhor se tal tomasse; e fomos ter a uma ilhota, que está obra de meia légua da sua povoação, e mandou-se ao guardião que fôsse lá, e levou consigo Giraldo Fernandes; e que fôsse ver que homem era aquêle, que tantas palavras de espírito mostrava ter, e que lhe dissesse como estava ali que vinha perdido. O qual Rei, como viu lá o guardião e o outro homem, mandou que se assentassem, e lhes dessem de comer, que vinham cansados; e meteu-se em uma almádia e veio onde estávamos, e trouxe consigo um fardo de arroz, figos e mel de abelhas, e deu-o a D. Luiz, mostrando, por sinais, estar muito pesaroso por nossa perdição. E era uma das maiores faltas que tínhamos em nossa desventura, que não nos entendiam nem nós a êles.

Estando nisto mandou D. Luiz dar um limão em conserva, e êle o tomou e partiu com uma faca, e deu dêle a quantos trazia em sua companhia. E nisto chegou o guardião e disse a D. Luiz o muito agasalhado que lá lhe mandara fazer, e que ainda não vira negro naquela terra de tanto aparato e tanta criação como aquêle, e que fizesse conta dêle porque parecia de muita estima, assim no serviço dos seus, como na obediência que lhe davam. E nisto disse o mouro que se queria ir, que fôssemos com êle, que nos mandaria dar o necessário; e D. Luiz disse que não podia ser e mandou ao guardião que fôsse mandar remar, para ir acompanhado até se desembarcarem, e deu-lhe umas memórias de ouro muito louças, cheias de âmbar, e êle ficou muito contente com isso dizendo que fôssemos todos com êle a sua casa. E nisto disse um Lopo Dias ao capitão-mor que lhe desse licença para ir com êle lá, a qual lha deu; e foi com êle, e o Rei muito contente com isso; e nós tornámos para a ilhota, e af dor-

mimos com levarmos muita chuva e frio; e nesta noite nos morreu um marinheiro por nome Manoel Fernandes, casado em Lisboa, e morreu ao desamparo, como Nosso Senhor sabe.

Aos catorze de Abril pela manhã fomos à banda da povoação, por nos estar o Rei esperando com muita gente que consigo trazia, e vinha com o nosso homem pela mão; quando foi ao chegar, êle mesmo nos ensinava para onde havíamos de ir, e trazia uma vaca de presente, e muito arroz, mel e figos, sem por isso querer nada; e esteve ali todo o dia em terra olhando para a nossa embarcação, e como fazíamos de comer. Quando veio à tarde, foi-se para a sua povoação e levou consigo o próprio Lopo Dias; parece que, sendo êle em sua casa, o dito Lopo Dias viu umas duas caixas de roupa da nau que os seus acharam na praia, tomou uma alcatifa e carregou-se de roupa, e êles saltaram com êle e tomaram-lha, e não sabemos se lhe deram ou não, e êle veio aonde nós estávamos, muito cansado, de maneira que parecia que não vinha devagar. E quando D. Luís viu isto, parecendo-lhe que ficaria agravado, mandou lá o guardião; e levou êste consigo dois homens, um por nome Francisco Arnau e outro Giraldo Fernandes, os quais chegaram lá de noite, e aí dormiram; e na mesma noite por lhes não falar, que não quis sair fora de casa, mandou-lhes dar de comer; e quando foi ao outro dia, desculpou o guardião ao capitão-mor, dizendo-lhe que já castigara aquêlê homem do que fizera e que fôsse falar ao dito capitão-mor, o que êle não quis fazer; e deu-lhe um fardo de arroz, e que se tornasse; o qual tornou, a dizer ao capitão-mor o que passava e como ficara agravado.

Aos quinze do dito mês mandou o capitão-mor ao guardião que o fôsse desculpar, e mais que resgatasse uma vaca; o qual foi, e resgatou com uma serra e mais um pedaço de tafetá e um pedaço de pano pintado; e sô-

bre isto lhe deu um barrete vermelho que trazia na cabeça, e mais lhe quisera dar o pelote que trazia vestido, se lhe não foram à mão, e veio-se dizendo que ficava satisfeito de tudo, e mais que neste dia saíram duas caixas de roupa e ele vira Baltazar Rodrigues, que com elle fôra; e com isto dormimos esta noite.

Aos dezasseis do dito mês de Abril disse o contra-mestre, e guardião, ao capitão-mor que olhasse Sua Mercê que se nos ia o tempo, e que já a gente ia enfraquecendo, e que seria bem que nos partíssemos caminho de Aro, para vermos que meio lá tínhamos, e não olhasse às vontades de algumas pessoas, que folgavam de estar em terra. Ao que respondeu o capitão-mor que bem via tudo, e que fizesse o que melhor lhe parecesse. E neste lugar esteve D. Luís para deixar dois homens, se lhe não fôra à mão o guardião, e o contra-mestre, dizendo que não olhasse Sua Mercê a mexericos, que visse o que nisso ia, e já que Nosso Senhor o salvara com aquelas pessoas, que as levasse consigo até que Deus fôsse servido fazer dêles alguma cousa. E partimos aos dezassete dias pela manhã, e fomos dormir daí obra de dez ou doze léguas, com assaz trabalho, com levarmos muito mais pouca água, que já começávamos a entrar por costa brava.

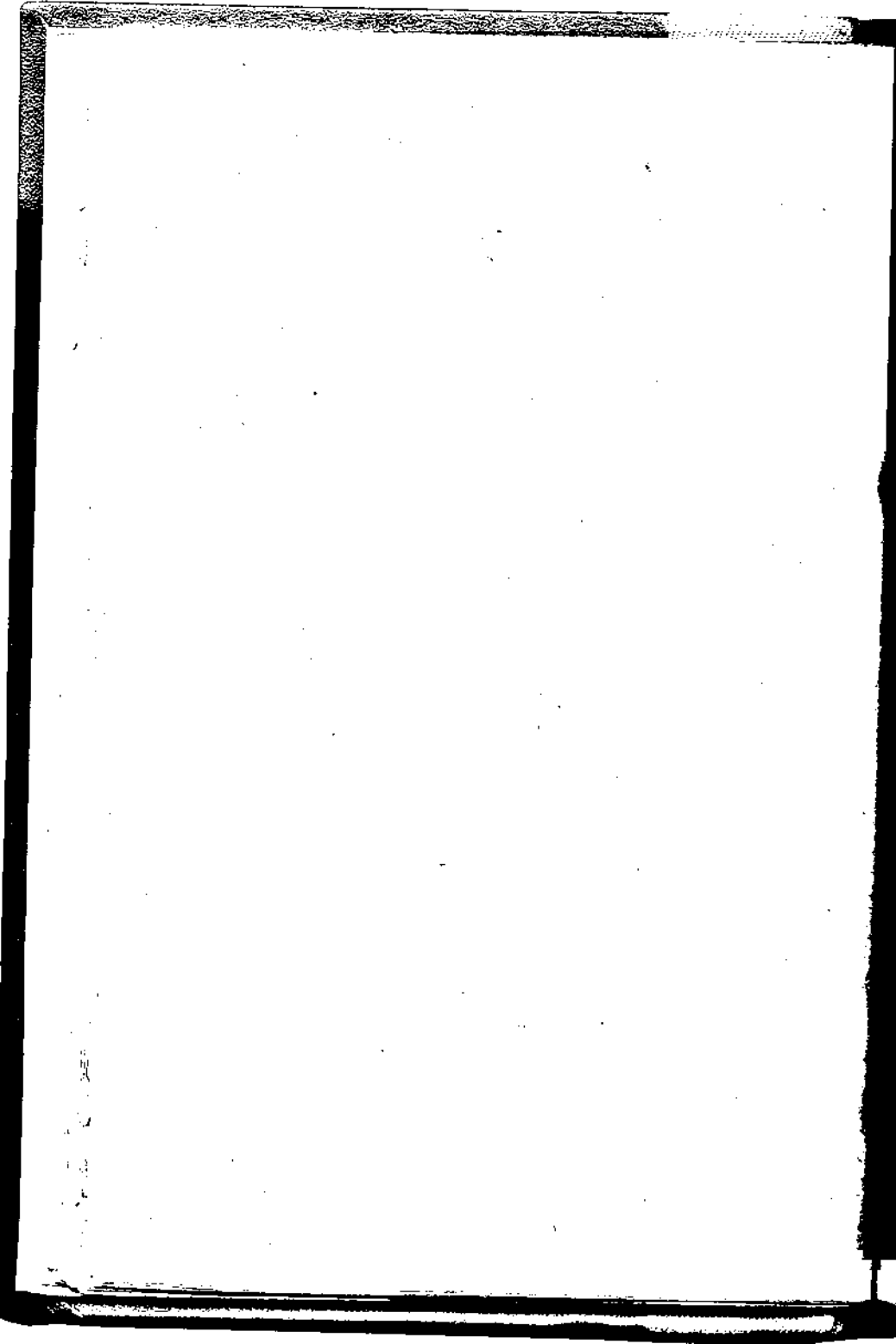
Aos dezassete dias do mês, amanhecendo, partimos desta lagoa, e fomos ao meio-dia a Sambá, onde tomámos o sol, e ficámos em catorze graus e um têrço. Nesta terra, estando tomando o sol, nos salvaram à mourisca, dizendo: *Salem leque*. E disseram-nos, por acenos, que em Aro estavam dois zambucos; e acabando de tomar o sol, partimos e fomos dormir daí obra de quinze léguas por nos recolhemos muito tarde, e isto por não acharmos acolheita.

Aos dezóito do mês partimos pela manhã, e às dez horas vimos andar uns negros pela praia; e por ser brava, não pudemos chegar; mandou o capitão-mor um homem a nado, por nome Giraldo Fernandes, a saber se tinha-

mos longe Aro; e elles quando o viram fugiram, e iam dizendo que perto a tínhamos, e que, se queríamos comer, que esperássemos, que o iriam buscar; e elle tornou-se para o batel. E fomos-nos à derrota, sempre ao longo da costa, sem poder achar abrigo. E quando foi à véspera, fomos detrás de uma ponta e surgimos; era tão sem abrigo, que disse o guardião, e Francisco Arnau, ao capitão-mor: « Senhor, muito melhor é varar o batel em terra, que temos dia, que não estarmos amarrados aqui de noite; quebrar-nos-á este cabo e viremos a morrer aqui todos; ou vamos avante, que quererá Deus dar-nos algum abrigo. Com isto houve muitas pessoas que disseram que havíamos de ser causa de todos morrerem, pelo muito vento que havia. Indo assim correndo, com muito temor, de ponta em ponta, vimos uns ilhéus, que primeiro os viu o guardião que ia de proa vigiando. E indo mais avante, viram um mastro de navio, e o advertiu um marinheiro por nome Francisco Arnau, pedindo alviçaras, e logo viram outro, e uma cruz, os quais navios estavam no pôrto de Aro; um era de António Machado, que era capitão das viagens de Moçambique, e por má navegação viera aí ter, e o navio era del-Rei; e o outro era de António Caldeira, que estava fazendo resgate, o qual ofereceu logo o navio ao capitão-mor, como de feito nêle foi para a Índia, com lhe dar por isso mil e seiscentos pardaus. E deu neste tempo D. Luís à sua gente dois arrates de contas e duas mãos de arroz, e aos seus officiais três e duas mãos de arroz, e mão e meia de farinha cada mês.

VII

Relação da viagem e
naufrágio da nau S. PAULO



RELAÇÃO
DA
VIAGEM E NAUFRÁGIO
DA
NAU S. PAULO

Que foi para a Índia no ano de 1560

De que era capitão

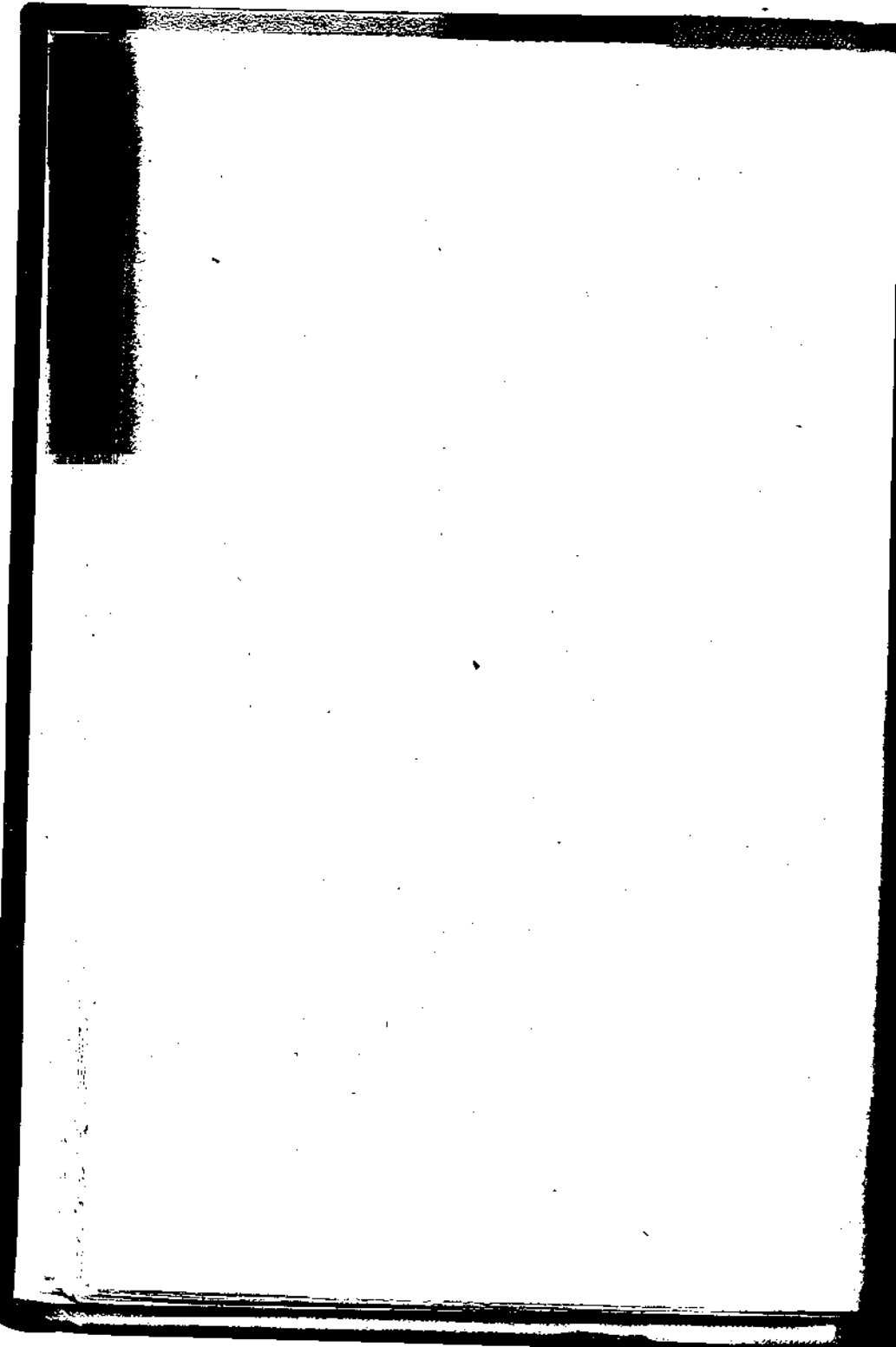
RUI DE MELO DA CÂMARA,
mestre João Luiz, e piloto António Dias,

ESCRITA

POR

HENRIQUE DIAS

Criado do Senhor D. António Prior do Crato



*Naufrágio da nau S. Paulo na
Ilha de Samatra no ano de
1561*

A CONTECE muitas vezes a voz do povo ser juízo do Senhor, e falar pela boca d'ele o que há-de vir, segundo no-lo mostra bem claro a Sagrada Escritura o que parece foi êle servido cumprir-se em nós, porque estando para partir de Santa Catarina de Ribamar de Lisboa, uma noite, com um vento rijo travessão, cortaram os muitos ratos, que havia naquele fundo, à nau uma amarra de duas que no mar tinha, e estivemos muito perto de dar à costa, porque só em três braças e meia de água esteve a nau; e nos foi necessário pedir ajuda e socorro, com tirarmos muitos tiros grossos tôda a noite para nos ouvirem e acudirerem; e andando na mesma noite, todos os que na nau nos achámos, com muito trabalho e receio de nos perdermos, nos acudiram de Belém todos os oficiais del-Rei Nosso Senhor com os batéis de tôdas as outras naus de nossa companhia, que estavam surtas em Belém, com âncoras e amarras, e andaram tôda a noite em nos amarrar e deixar quietos e fora de perigo; o que

certamente foi causa, à muita diligência daquela noite, da salvação da nau, e não se fazer, à porta tanto de casa, em pedaços. Pelo que, logo ao outro dia, em Lisboa, foi dito comumente de todos que a nau tocara, e que não havia de ir já este ano à Índia e que mandavam despejar, o que prouvera a Deus que assim fôra, ou então acontecera, e fôra chegado seu fim; do que parece não foi Deus servido, pelo não merecerem os pecados de muitos que nesta nau vínhamos, pois ainda que nisto se recebera perda, assim da fazenda del-Rei, como das partes, não custara despois tantos dias e meses de caminho, gastados e consumidos já os homens com doenças e gravíssimas fomes e desaventuras, quantas o humano pensamento o pode imaginar e alcançar; verem e gostarem tantas vezes a morte, e verem-na aos olhos em tantas figuras, hábitos e maneiras, e no fim perderem quasi tôdas as vidas onde nunca foi ter nau de cristãos, mouros, ou gentios; e os que da fúria dêste naufrágio e infortúnio ficámos, não sei se os julgue por mais mal afortunados, pois foram e são os mais doentes, de doenças tão diversas e tamanhas, que não sei que vida se pode chamar a de tantos desgostosos.

Partimos de Belém a vinte de Abril de 1560, um sábado pela manhã, véspera da Pascoela; e deitámo-nos de mar em fora, com um vento fresco Nordeste, seis naus, em que vinha por capitão-mor D. Jorge de Sousa. Era esta nossa nau feita na Índia, rija, e muito forte, que a todo o vento do mundo era uma firme rocha, singular em pópa, e fugia ao mar; mas, por ser pesada, algum tanto má de bolina, e de duro e áspero govêrno. Partimos tão tarde, por nos não darem lugar os ventos contrários ao sair da barra, havendo perto de um mês que estávamos prestes, que foi em parte a principal causa da nossa ruim viagem e nossa perdição.

Aos vinte e três de Abril, havendo três dias que partimos de Lisboa, se nos mudou o vento, e com êle o con-

tentamento que todos levávamos do princípio da boa viagem; era o vento Sul e Sudoeste, andaríamos ora em um bôrdô, ora em outro, pairando ao mar, porque, em durar mais, receávamos muito arribarmos ao reino; e o dia de antes nos apartámos tôdas as naus umas das outras, por causa do vento: *S. Vicente e Drago* se adiantaram de tôdas e as perdemos de vista, e a *Rainha e Castelo*, capitânia, viraram na volta do Noroeste, e nós na do Sueste; e *Cedro* ficava-nos à ré, e, por pender muito e não sofrer bem as velas, foi arribando para a Costa de Berberia; e assim andámos com êste enfadamento, com vento contrário, bordejando cinco dias, em o cabo dos quais nos largou. E aos vinte e sete do dito mês, um sábado antemanhã, vimos a Deserta e a Ilha da Madeira, e depois do meio-dia o Pôrto Santo, e fomos a barlavento das Ilhas, assaz contentes e alegres, por fazermos nossa viagem.

No primeiro de Maio pela manhã vimos, andando em calma, a Palma, Ilha das Canárias, a Loeste dela; e logo no outro dia houvemento vista de uma nau de nossa companhia, que vinha pela nossa esteira muito detrás de nós, que todos afirmámos ser o Cedro, por vir só; e assim a esperámos até à tarde, e salvámos ao longe, sem nunca podermos haver fala dela; e assim foi nossa viagem três dias, seguindo a volta do Sul; e a cinco de Maio nos alargou o vento, que era Oeste e Oês-sudoeste, com que até catorze de Maio fizemos nosso caminho, sem trovoadas nem temporais alguns, porque desde aqui por diante nos sobrevieram muitas chuvas e calmas, com que tivemos não pouco enfadamento e trabalho.

Seria às quatro horas depois do meio dia, quando, uma quinta-feira, dezasseis de Maio, indo com Noroeste galerno, nos deu uma trovoada cega do Lês-nordeste de tamanho vento e tão rijo, qual nunca nesta paragem até agora se viu; porque, com haver passado o nosso mestre por aqui trinta e duas vezes, afirmava nunca tal lhe

acontecera, e assim outros muitos homens do mar, cursados nesta carreira; porque, como foi de súbito, tomou-nos tôdas as velas em cima, com que a nau esteve tôda sossobrada, com as antenas e banda de estibordo tôda debaixo da água; e foi pouco o tempo que durou, que a ser mais qualquer cousa, aqui feneceram todos os trabalhos futuros; porque amainámos de romaria as velas tôdas juntas, com que a nau tornou logo, havendo já levado o mar o mastaréu da proa com a vela, e quebrou-nos o galindéu, ficando-nos tôdas as velas rôtas e em pedaços.

Assim fomos correndo com o traquete de proa a meio mastro, até abonançar o tempo, que durou pouco, e assim tornou o sangue às veias e as almas aos corpos, que olhando uns para os outros mostravam nas diferentes côres de seus rostos virem de novo ao mundo, não tão sômente os lascarins novos e pouco usados nestes perigos, mas ainda os muito antigos no mar, por um tão súbito momento nos vermos todos debaixo de água, e a nau pender de maneira, que esteve de todo virada, sem haver cousa que se nela tivesse, nem cousa que não corresse e se desarrumasse. E ao outro dia nos achámos em oito graus, em calmaria, que se faziam os que carteavam quarenta léguas ao mar da Costa de Guiné, onde tiveram princípio nossos trabalhos e se começaram a cumprir em nós o pronóstico e juízo das regateiras de Lisboa, e ditos das gentes, de que se não lembra nem lança mão o homem senão quando se vê revólto e carregado de misérias e trabalhos; e então nas adversidades recorre no pensamento mui diversamente tôdas as cousas que podem ser causa de suas fortunas, sem advertir que assim o merecem os seus pecados e o que quer assim a vontade divina, a que se não pode, nem há-de resistir, mas dizer sempre, com o sapientíssimo Job, «por muitos males que venham, sempre o Nome do Senhor seja louvado e exaltado», e ter nêle inteira fé e confiança, pois como

Senhor de piedade nas suas maiores pressas vem com sua misericórdia.

E porque querer escrever nossos infortúnios e acontecimentos de cada dia (pois não passou nenhum que os não tivéssemos) seria um grande processo, e causaria mais fastio ao leitor, que contentamento; já que as cousas compridas, como afirma o poeta, costumam ser desprezadas e tidas em pouco, e agradar as breves, não tratarei mais que, com a maior brevidade que em mim fôr possível, as cousas notáveis que nos aconteceram, assim na viagem como na perdição, e os dias em que foram, usando de tãda a verdade, que me assiste, pois em o que meu engenho e palavras faltarem ela só bastará para lhes dar ornamento e decôro; porque o caminho que a nau fazia todos os dias, e os rumos a que governava, e em que alturas, deixo aos que compete tal officio, que são homens do mar, e que têm seus roteiros por suas partidas e graus, pois não sou desta profissão, e era tão noviço no mar, por ser esta a primeira vez que fora do reino saí, que nem os rumos da agulha sabia. Pelo que, não parece razão que me meta no alheio e vedado, nem tome o seu a seu dono, por me não dizerem o que o excelente pintor Apeles disse ao sapateiro atrevido, querendo-lhe taxar — não sabendo mais que fazer sapatos — as perfeições do rosto de uma imagem que êle estranhamente, com sùtil engenho e grande artifício, havia pintado e composto, por haver de antes emendado à própria figura uma correia do sapato, que êle havia já notado: «o sapateiro com o sapato, e o barqueiro com a barca». Pelo que, o certo é medir-se cada um com seu pé e medida. E assim, no que eu nesta parte disser, que fôr necessário para declaração e ornamento de minha história, se se achar falta ou êrro, peço e rogo aos mais entendidos nesta côrte mo emendem com bom ânimo e vontade, deitando tudo à melhor parte.

Por ser o nosso pilóto novo nesta carreira, e ser esta a primeira vez que vinha do reino neste officio, por ser sempre cá na Índia de roteiro e prumo, como cá dizem e todos navegam, receou tanto, e mais do que devera, o su-laventear desta nau, que por ficar, segundo êle dava por razão, bem a barlavento do Cabo de Santo Agostinho, terra do Brasil, por a nau já o ano passado o não poder dobrar e arribar dêle ao reino, meteu-se tanto na terra da Costa de Guiné, que estivemos muito perto de acabar aqui todos, por ser inverno nesta paragem neste tempo, e partimos tarde de Portugal e virmos aqui ter na fôrça dêle, onde são tudo ventos do mar, que correm à terra — Sul, Sudoeste e Sussudoeste — tão rijos e de tantas chuvas e trovoadas, que andámos nesta paragem, bôrdo ao mar, bôrdo à terra, bons três meses, com nos adoecer tôda a gente; com que passámos muitas e mui grandes enfermidades e enfadamentos.

Aos dezanove de Maio pela manhã, vimos, obra de cinco ou seis léguas, uma vela redonda pequena, pelo que nos pareceu não seria de nossa companhia; e por ir tanto diante de nós lhe não falámos. E havia já três dias que tínhamos visto outra nau grande de nossa conserva diante de nós, na volta do Sul, a que por isso também não falámos.

Havia já neste tempo na nau duas dúzias de doentes de febres, e alguns de inchações; e as febres eram tão rijas, que, em dando à pessoa, a desatinavam, de maneira que falava e fazia mil doudices e desatinos, uns muito para rir, e outros de muita lástima e para chorar; e assim houve muitos que com a frenesia se iam deitar no mar, se os não tiveram e ataram uns com os outros. Era cousa lastimosa e de compaixão, ver os pobres soldados sangrados quatro e cinco vezes, deitados no convés da nau ao sol e à chuva — que quási nenhum dia, nesta paragem, deixámos de ter contínuas trovoadas; e, para ser em nau,

foram estes primeiros tão bem curados, e com tanta diligência e caridade (porque havia na nau com quê, e quem lho fizesse), que não sei (tirando o enfadamento do mar e mau agasalho) se o foram melhor em terra.

Aos oito de Junho tivemos tantas trovoadas com tanta água, com que os mares foram em tanto crescimento, tão alterados e de levadia, vindo todos do Sul, que a nau trabalhava muito e metia de maneira de pôpa e proa, que cada vez que caía parecia de uma alta torre, e que se queria sepultar nos abismos; e metia de pôpa até à varanda do capitão, e de proa a todos os castelos e gurupés por baixo da água; e com este grande jogar, com que se desfaziam tôdas as obras mortas, nos rendeu o mastro do traquete grande da proa, cima dos tamborettes, por onde fechava; mastro feito de um só pau, e nascido na Índia, e que todos o tinham pelo melhor que andava sôbre as águas do mar; e assim nos causou a todos grandes sustos, por nos ser tão necessário, e muito mais que o grande, assim para fazermos nossa viagem, como para arribar ao reino; e sem êle tínhamos muita dúvida de fazer tanto uma cousa como outra, e logo este dia lhe ordenámos umas ajudas, como roca de quatro peças, com que o fizemos mui honestamente forte, e ficou muito melhor concertado do que primeiro nos pareceu e todos cuidavam.

Assim andámos trabalhando até catorze de Junho, com algumas bafugens que das trovoadas nos ficavam, por nos deitar fora dos baixos de Santa Ana, tão trabalhosos, sem os podermos dobrar, havendo trinta e cinco dias que andávamos sôbre êles. Pelo que, parece — segundo dizem os que disso entendem, e nós bem o experimentámos — que partindo, como nós, tarde de Portugal, não se devem de chegar à terra mais que até cincoenta léguas, e isto até serem em cinco graus, pois, como já disse e toquei atrás, são neste tempo aqui os ventos ma-

reiros e de muitas trovoadas, com que tudo trazem para terra; e de cinco graus para baixo se podem chegar à terra ao Cabo das Palmas, e fazer sua viagem embora. Assim que, andando neste trabalho, indo aos dezassete do mês com receios de sermos perto de terra, de noite, no quarto da madorna, deitámos prumo, sem tomar fundo; e quando foi pela manhã, tornando-o a deitar, o tomámos de oitenta braças; e entrando o dia fomos descobrindo mal a terra, que pelo tempo andar revólto e embrulhado se não pôde nunca conhecer; mas os que cartearam faziam-se com o Cabo do Monte, do qual afirmavam alguns ser a terra. Este dia foi todo de muitas chuvas e continuas trovoadas, que nunca em todo êle cessaram; mas com o nosso trabalho, tôdas as vezes que nos fazíamos no bôrdo da terra, nos adoecia a gente e se achava muito mal; e no bôrdo do mar se achavam muito melhor, e mais leves e aliviados.

Aos quinze de Junho, que foi um sábado, sôbre a noite, estando às ladainhas, ventando um vento muito rijo e ruim — porque era assim o mau sempre, que nos não servia, e o bom muito fraco e escasso — fazendo com o vento mui grandes mares, que a nau jogava e abalanchava muito, por serem de través, estando o gageiro da gávea em pé em cima para descer, bem descuidado, deu a nau um balanço grande, com que meteu, e lançou o pobre grumete por cima da gávea, que veio pelo ar cair e dar na ponta de uma antena, que estava por banda do bombordo em pôpa; e caiu ao mar, dando com as pernas e partes do corpo em os pés de um homem que a bôrdo estava pegado, o qual consigo houvera de levar ao mar, deixando-o aleijado da grande pancada que lhe deu em um deles, e desfazendo a cabeça em pedaços, com os miolos fora dela, nas vêrgas, que tôdas ficaram tintas do seu sangue; foi cousa lastimosa ver tão horrendo e triste espectáculo, que a todos pôs muito temor e espanto, con-

siderando cada um os acontecimentos e perigos do mar, tão súbitos e estranhos, a que tôdas as horas e momentos fomos sujeitos. Era êste grumete mancebo valente, grosso, e bem disposto, desposado de novo em Almada.

Logo daí a três dias nos aconteceu para nossa consolação outro desastre mui semelhante a êste no gageiro da proa; mas foi mais bem afortunado, porque, levando a nau mui grandes e altos mares por proa, do Sui e Sussudoeste, com que arfava, e metia muito, caiu da gávea ao mar, tocando ao cair em uma unha das ancoras, que vão arriçadas por bordo da nau. Teve bom acôrdo e pegou-se em um cabo, e alaram-no acima todo ensangüentado, porque lhe levou a âncôra tôda a pele da cabeça, que lhe ficou prôpriamente como capelo pegado da banda do tancado por detrás; cousa por certo milagrosa, tamanha ponde não lhe fazer nenhuma lesão no casco, e ficar-lhe tão alvo como a neve. Foi visto muito bem, e curado muito melhor, e assim se sarou de cousa tão grande e não esperada.

Contar os enfadamentos que nesta Costa de Guiné passámos, tanto tempo quanto nela andámos, ora com calmas, ora com chuvas e trovoadas, que nunca nos faltaram, seria nunca acabar, e ser mui comprido, havendo prometido usar de tôda a brevidade; porque, de primeiro, tivemos o tempo tão quente e calmoso que andavam os homens a bôrdo como na Ribeira de Lisboa; depois, as chuvas e tormentas de maneira que, além de apodrecerem todos os aparelhos, nos corremperam os corpos, pois de quinhentas e tantas pessoas, que na nau iam, não ficaram senão só quinze que não passassem esta fúria de enfermidades e doenças gravíssimas, assim os homens do mar, cursados e antiqüíssimos nesta carreira, como os mais fidalgos, soldados, mulheres e meninos. E veio a cousa a tanto, que houve muitos dias juntos trezentos e cincoenta doentes, e dia que se davam setenta e oitenta

sangrias; e sangravam por meu mandado o barbeiro da nau, o piloto e sota-piloto, e um grumete que o fazia mui bem; e deram-se por tôdas mil cento e trinta e tantas sangrias; e aconteceu dar o mestre ao apito, e acudirẽm só um marinheiro e dois grumetes, sem haver aí mais nenhum são, de mais de cem homens do mar que nesta nau iam para a marear. Assim, que alguns poucos homens honrados, que ainda estávamos sãos, e outros que começavam já a convalescer, tínhamos nosso quarto de mandar à cadeira a via, e ir ao leme, porque não ficou, do capitão, que foi o primeiro, para baixo, nenhum oficial da nau que não adoecesse e recaísse duas e três vezes. Só ao mestre deu Nosso Senhor saúde, que como gentil oficial que era, e o maior vigiador do mundo, sofreu e passou todos estes trabalhos, que foram imensos, e depois veio a acabar tão miseravelmente à mão dos bárbaros e infiéis.

Eu por servir a Deus e a El-Rei Nosso Senhor todo o tempo de nossa viagem e perdição, até vir a Sunda, curei tôda esta gente, e usei de médico, sem nesta ciência ter profissão nenhuma, pois era boticário, e nesta arte vim a servir a El-Rei à Índia no hospital e misericórdia de Goa; e só por amizade e conversação que com alguns excelentes e celebrados médicos e singulares cirurgiões del-Rei tive na côrte, servindo a El-Rei Nosso Senhor, que em glória está, na sua botica, onde me criei, em Almeirim, Lisboa e Tomar, ficando-me disso alguma prática e uso. Assim, que foram curados com tôdas as sangrias, cristéis comuns e de meijoada, com muitos linimentos e esfregações, gargarejos e pitiniar, e defensivos, xaropados e purgados os mais, fazendo-lhos eu, e applicando-lhos com minhas próprias mãos, com vontade e amor de irmão, geral a todos, e em particular de cada um, não recusando nunca a nenhuma hora de dia e noite acudir às suas necessidades e dores, dando-lhes do meu, e das minhas mezi-

nhas, que eu para mim levava, as quais gastei com todos, porque as boticas que os do almazém em Lisboa dão a estas naus são quatro unguentos, e esses muito pouco necessários, deixando de lhes dar outras cousas muito necessárias para a vida e saúde dos homens, sem as quais, sendo tão pouca cousa e de tão pouco custo, não podem ser bem curados. E, assim, que não digo isto por louvor nem glória, pois foi tão claro e manifesto, e cada um é boa testemunha, pois não houve nenhum dos que nesta nau iam que nisto me não ficasse obrigado, com benefício e boa obra, sem nunca por isso receber nem pretender interêsse de uma palha.

Ajudaram muito para a saúde desta gente tôda, e foram grande parte, dois padres da Companhia de Jesus. Um era português, chamado Manoel Álvares, de muitas letras e mui insigne letrado e prégador, que nos serviu de cura pela nau não trazer clérigo, homem de mui santos e honestos costumes e de grande exemplo de vida e doutrina, que com suas muitas prêgações, devoções, amoestações e confissões, foi grande alívio e refrigério, assim aos enfermos, como aos sãos. O outro era valenciano, por nome João Roxo, muito virtuoso e zelador do bem comum, que, com fazer ajudas e as deitar por sua mão aos doentes, e outras cousas necessárias, sem nunca subir do fogão, foi grande ajudatório para a saúde de todos; que creio na verdade, a não virem aqui estes dois religiosos, foram os trabalhos, assim temporais como espirituais, muito maiores, em dôbro, porque com darem do seu e pedirem do alheio, que acharam em muitos homens honrados dos que na nau iam, fizeram muitas obras de misericórdia e piedade, officio tão natural nêles, em que também por certo não ganhou pouco merecimento o capitão, e um João Gonçalves, casado em Goa, feitor que foi desta nau, sendo de mercadores, que com muitas conservas, que levava da Ilha da Madeira, aproveitou e fêz muito bem a muitos.

Foram os doentes, que na nau de tão graves enfermidades morreram, cinco portugueses e quatro escravos, de quem se não tinha tanta conta, pela muita que se tinha com os outros. Com estes enfadamentos e trabalhos andámos sôbre estes baixos de Santa Ana, e nesta paragem de sete graus gastámos cincoenta e tantos dias; até que foi Nosso Senhor servido por sua grande bondade e infinita misericórdia tirar-nos dêste lugar, fazendo as mais das noites procissões, em que o capitão e padres com todos os mais fâmos descalços, e com todos os meninos, que seriam trinta de doze anos para baixo, disciplinando-se sempre, até que ouviu Deus nossas orações e rogos e levantou a mão de seu castigo. E indo algum tanto mais contentes por sermos fora dêstes baixos, ainda que em calmaria, de noite ao quarto da prima nos caíu um homem ao mar, e ficou de ré, por ir a nau com vento fresco e a escuridade da noite ser grande e de muita chuva, ao qual matou sua botica, por ir beber às escondidas, e não partir com ninguém ao lhe pedirem da água que em um barril de regra tinha; com que se foi pôr de fora de bombordo, e, sacudindo-se uma escota do traquete, acertou de o levar ao mar, e custar-lhe a vida.

Os doentes iam melhorando, e os mais convalecendo, e já não recaíam tantos como de primeiro, do que parecia era a causa a carne salgada assada e muito ruim que comiam; porque como corpos tão doentes e debilitados haviam mister mantimentos e cousas que os esforçassem, e não havia já galinha, nem quem a desse, pois cada um as havia bem mister para si, refrescavam-se e tornavam a comer do mau alimento, que era a própria morte, e fartavam-se de vinho da regra, que era o próprio veneno, com que recaíam três e quatro vezes; o que eu bem conjecturando, me pareceu melhor dita consentir-lhes e mandar-lhes que comessem do peixe fresco que ia muito con-

nosco; e já nesta paragem era muito bom e sadio, e com elle se achavam muito melhor.

Aos dezassete de Julho, não deixando ainda de nos perseguir o vento Sul, e sendo riço, e com grandes mares, sôbre a tarde vimos uma vela redonda, duas ou três léguas a sulavento de nós, e vinha-se chegando a nós quanto podia, que nos pareceu sem dúvida ser francesa na maneira do navio, como de feito era, vindo a tiro de berço; o casco era na feição francês, mas de portugueses, a que mandámos amainar, falando-lhe por um nosso marinheiro que sabia a língua francesa, ao que nunca responderam por ficarem a sulavento e nos não ouvirem, por mais brados que lhes deram; o que visto, virámos sôbre elles e lhes atirámos com um falcão pedreiro, que lhes foi esfuziando por cima; e por ser já noite, e nos haverem conhecido de dia, se chegaram tanto para nós e tanto nos capearam, antes de lhes atirar outro, que por ventura fóra causa de maior dano; com que esperámos, e nos detivemos até chegarem a nós, e os conhecemos serem, portugueses e irem para o Brasil, para S. Vicente; e haviam partido no próprio navio, que era francês, no mesmo dia, na mesma maré, connosco de Belém, e deram-nos novas em como havia dois meses que andavam no mesmo trabalho que nós, sem poderem dobrar a Linha, e haviam andado em companhia do galeão *Drago e S. Vicente*, naus de nossa conserva, muitos dias; e indo um dia no bordo do mar, muito perto do penedo de S. Pedro, sem nunca lhes alargar o vento, se apartaram delas sem nunca mais as ver; do que todos ficámos muito contentes, por nos parecer não éramos nós sós os mal navegados, nem mal afortunados, porque assaz de consolação é aos míseros e desaventurados, como diz Ovídio, ter companheiros em suas dores e penas; o que foi bem ao contrário, porque elles dobraram a Linha a vinte e cinco de Julho, e vieram à Índia, e nós nem daí a um mês a do-

brámos, e nos perdemos; e, se viemos à Índia, foi como adiante direi.

Rogámos-lhe muito se não apartassem aquela noite de nós, e que ao outro dia viriam à nossa nau, ou o nosso esquife iria a êles se pudesse, o que êles concederam de muito boa vontade; e ao outro dia nem êles nem nós o pudemos fazer por ser o vento rijo, e já por costume muito ruim, e os mares mui grossos; e nem o nosso esquife nem o seu os poderem sofrer; e, assim, que abalroámos um com outro, o que não houvera de ser sem muito perigo seu; porque a nau ao chegar lhe levou ao mar o traquete grande feito em pedaços, e lhes demos outro, e nos certificámos de sua viagem, e os participámos de nossos trabalhos e enfermidades, de que êles não tinham também pouca parte porque da pouca gente que era faltavam já cinco pessoas, e tinham outras doentes; e nos pediram algumas cousas necessárias para sua saúde, como também foi água, de que tinham muita falta, e que o capitão lhes prometeu de dar tudo, e partir do que pudesse com êles, como o tempo desse lugar. E aos vinte e um do mês, abonçado algum tanto o tempo, vieram a nós, e lhes demos água, biscoito, marmelada, passas, amendoas e outras cousas, com que assaz contentes os despedimos e nos deixaram da mesma sorte.

Aos vinte e sete de Julho foi Nosso Senhor servido dar fim a estes trabalhos, para princípio de outros maiores; e assim nos achámos êste dia com a Linha dobrada, e íamos já na volta do mar demandando o Cabo de Santo Agostinho. E neste tempo havia já muitos sãos, e outros convalescendo mui bem, recaído todavia os que ainda não haviam adoecido; e assim como eram os derradeiros nos trabalhos, por serem mais contínuos e gastados deles, eram muito maiores os accidentes, e tinham os remédios menos ou nenhuns, por ser tudo já gastado e não haver aí nada. E assim foi Nosso Senhor servido a

todos dar-nos saúde, não morrendo mais que os que já acima disse; e a cabo de três meses e sete dias, que de Portugal partimos, dobrámos a Linha.

Por ser mui tarde, neste tempo que tenho dito, para ir demandar o Cabo da Boa Esperança, e na nau haver muita falta de água, e de muitos aparelhos, que as chuvas de Guiné nos tinham podres, e as contínuas trovoadas levado ao mar outros; por, o que pior era e com que mais se havia de ter conta, estar a mais da gente mui fraca e outra doente; e por assim pedirem e desejarem todos, e parecer razão, curarem-se e restaurarem seus corpos tão doentes e debilitados, pois ainda que dobrássemos o Cabo não podíamos já passar este ano à Índia e assim havíamos de invernar em Moçambique — pareceu bem, e foi necessário conselho de todos os fidalgos, criados del-Rei, e homens do mar, arribarmos ao Brasil, a refrescar os doentes, e fazer nossa aguada e prover-nos de mantimentos e de outras cousas muito necessárias à nossa viagem e navegação, pois daqui podíamos fazer melhor nosso caminho, e mais prestes ir invernar à Índia, e estar lá por todo Janeiro. E assim virámos noutra bordo a demandar a costa do Brasil e procurar algum bom pôrto onde nos acolhêssemos.

Aos vinte e sete de Agôsto, uma manhã, havendo vinte dias que dobrámos a Linha, vimos a terra do Brasil, e era a Baía de Todos os Santos, pôrto singular, mui grande e mui seguro, que nós mesmos vínhamos buscar, por ser mais decente e direito a nosso caminho e ser cidade do Salvador, onde melhor que em outro nenhum pôrto desta costa nos podíamos prover do necessário, por ser a metrópole destas partes, e residirem nela o Governador, o Bispo, o Vedor da Fazenda e o Provedor-mor del-Rei Nosso Senhor; do que, por certo, a gente ficou tão contente e alvoroçada, e o prazer foi em todos tão geral, como se aqui fôsse o fim de sua viagem e repouso de

seus trabalhos, pelos muitos enfadamentos passados, sem lhes lembrar mais que tinham para começar outra nova navegação muito maior, e muito mais perigosa, daqui para a Índia, por terras incógnitas e de muita neve e frio imenso, e mares nunca navegados. Mas assim é o coração humano, e o permitiu a mãe nossa natureza, e o proveu a Sabedoria Divina — em qualquer pequeno deleite e breve prosperidade não lembrarem nem virem à memória, nem se fazer conta, e ficarem totalmente detrás das costas, as grandes adversidades e mui graves males e misérias passadas.

Tanto que houvermos vista da terra, vindo-nos chegando quanto mais podíamos, com vento galerno, começámos a fazer sinais de nossa vinda, com muitos tiros grossos de artilharia, para que viessem a nós e nos mettesse para dentro algum piloto da terra; o que fizeram, tanto que nos ouviram e conheceram, vindo a nós cinco ou seis léguas ao mar, e indo diante mostrando-nos um baixo que no porto havia. Sobre a tarde, já quasi noite, surgimos, fazendo este dia quatro meses justos que de Lisboa partíramos.

Não achámos aqui o Governador, e achámos dele não esperadas novas, que nos causaram dobrado contentamento, por haver tomado aos franceses e pôsto por terra a fortaleza do Rio de Janeiro, sobre que havia oito meses que daqui havia partido e sobre que estivera muitos dias, cousa muito mais forte e inexpugnável, do que o pensamento humano pode alcançar, em que por certo não ganhou menos glória para o Reino que louvor para si, e honra, pelo muito cuidado que as forças deste pequeno mal davam a El-Rei; e ia já em si criando raiões, que causavam não serem arrancadas sem grande trabalho, perigo e dano do Reino. Daí a poucos dias da nossa chegada foi a sua, em que a cidade e povo dela fez grandes mostras de alegria, e o festejou com momos

e invenções novas, e touros, e outras festas até então entre êles pouco costumadas.

Detivemo-nos na cidade do Salvador, em nos prover e fazer prestes, quarenta e quatro dias, em o qual tempo fizemos muitas cordas miúdas de uma erva que na terra há, a que chamam embira, e é honestamente rija, e dela se servem todos os habitantes desta costa; e assim concertámos o leme e outras cousas muito necessárias, no qual tanto tempo sararam todos os doentes e ficaram mui sãos, rijos e esforçados para todo o trabalho, por ser esta terra do Brasil mui sadia, e de mui bons ares tôda em si por extrêmo, e ter muitos bons mantimentos, e mui gostosos e sadios, assim os do mar como os da terra; chove nela quási todos os dias, e sempre em verão e inverno é temperada, verde e alegre, e muito aprazível aos olhos, e de mui gentil e fermoso arvoredo, sem criar em si nenhuns bichos peçonhentos que as mais das outras partes do mundo criam e têm em si. Mas os naturais da terra são por extrêmo bárbaros, assim no comer carne humana como em tôda a razão e bons costumes, e fora de tôda a vida política da outra gente, o que eu creio causa mais a sua muita rudeza e simplicidade que outra nenhuma maldade, refolhos, crueldades ou enganos que nêles haja.

Em uma só cousa guardam e têm justiça: que quem mata, hão-no de matar da maneira que matou, e, se o malfeitor se acolhe a outros, e o não tornam e entregam para dele se fazer justiça, tanta guerra se hão-de fazer, ainda que se matem e comam todos uns aos outros, até que hajam o delinquente e seja punido de seu êrro e peccado. Lei estabelecida é entre êles casarem os tios com as sobrinhas, e estas serem suas naturais mulheres; e os irmãos têm poder nas irmãs, e as trocam, vendem e escambam, em suas necessidades, o que nem os pais nem as mães podem fazer em nenhum modo sem licença e

consentimento dos filhos. Sentem muito os seus mortos, e fazem por eles grandes prantos que duram muitos dias.

De seus muitos abusos e ridículos costumes, direi um só. Quando as mulheres parem, em acabando de deitar as crianças, se vão com suas dores, ainda não pequenas, a fazer o que lhes é necessário, e ter conta com sua casa, e no que hão mister para seu sustentamento; o marido se deita na rêde, que são as suas camas, onde no ar dormem, e aí é visitado muitos dias de seus amigos e parentes, que festejam a sua arte, e lhe vêm dar os emboras de seus trabalhos, vendo que eles são os que puseram tudo de sua casa, sem elas terem nenhuma parte nêles. Isto me pareceu digno de escrever desta gente. Corre-se tôda esta costa à maneira da Índia, com seus terrinhos e virações.

E ainda que nesta cousa do mar me meta no alheio e vedado, e queira dar conselhos sendo tão pouco experimentado, havendo prometido o contrário, contudo por me parecer errar mais que acertar não dizer o que ouvi a homens mui doutos e expertos desta cousa do mar nesta nossa nau, para aviso dos que para estas partes navegarem, lançarei o dado, e o farei, e direi o que ouvi; e julgue cada um minha tenção, pois ela sem cortiça (como diz o rifão) me salvará. Assim que quem vier do Brasil há-se de vir pôr em mais altura do que estiver o pôrto que vier demandar; e isto vindo até todo o Agôsto, porque até êste tempo reinam os ventos Suestes e Lés-suestes, e é bom ficar bem a barlavento para a parte do Sul. E vindo do fim de Agôsto por diante, então se pode pôr na altura do pôrto que vem buscar, e correr por ela, e ficar ainda a sulavento se quiser, porque então cursam os Nordeste e Nox-nordestes; assim pode ficar em menos altura. E esta foi a causa por que, com ventos frescos e galernos, pusemos vinte dias depois de dobrar a Linha até o Brasil, e por nos pormos em mais altura e estarmos muito amarrados corremos alguns dias a demandar a terra.

Partimos do Brasil a dois de Outubro da mesma era, uma segunda-feira, às três horas depois do meio-dia, com o vento Nordeste, que nos lançou da barra; e nós do mar em fora achámos o vento Nordeste fresco e largo; assim nos fomos lançando ao mar, governando Sueste, tocando às vezes na quarta de Leste, fazendo nossa viagem embora. Ficaram-nos no Brasil cento e tantos homens, para irem a descobrir o Rio do Ouro, aonde então o Governador mandava um capitão, o que parece quis sua boa dita e sorte, de que nós vínhamos motejando e tendo-os em pouco, e havendo-os por perdidos e do número dos néscios.

Logo ao outro dia, indo com vento fresco Nordeste, tão rijo quanto a nau podia sofrer, no quarto da madorna carregou de maneira, que antes de a nau poder tomar a vela do traquete grande da gávea, no-lo levou todo em pedaços, sem mais aproveitar para nada isso que ficou; e eram os mares tão grandes e grossos, que tomou a nau este dia e noite pelos escovéns infinita água, por irem ainda abertos; e assim, com este descuido, sem caírem nisso, nos fomos ao fundo, que quando lhe acudimos já nos tinham entrado por dentro deles mais de trinta pipas de água; e assim todo o tempo que da noite ficava se gastou em os fechar e dar à bomba, que quando amanheceu os levávamos já cerrados e bem concertados. Indo fazendo nosso caminho ao mesmo rumo, amarrados quanto mais podíamos, para atravessarmos desta costa do Brasil à terra do Cabo da Boa Esperança, que é o maior gôlfo do descoberto, nem navegado de nenhuma outra nação fora da portuguesa, tão calejada e costumada a estas más fadas, caminho deserto na carta, de terra em terra, sem nenhum rodeio, de mil e cento e trinta léguas. Indo sempre em pôpa (que é cousa que nunca, e de maravilha, no mar aconteceu), aos nove dias do mesmo mês, havendo sete que partimos do Brasil, fomos com as Ilhas da As-

cenção e da Trindade, que estão ao mar desta costa, de que nunca houve vista, por andar este dia o sol mui encoberto, e com uns chuveirinhos mui miudos e em calma, sem fazermos mais caminho que quanto a nau governava. Vieram e iam connosco muitos pássaros das mesmas Ilhas. Seríamos sete até oito léguas ao mais delas. Foi este dia o vento de muitas partes, e acudia a muitos rumos sem se determinar em nenhum.

E aos onze do mês, levando mares mui grandes por proa causados do vento Sul, com que a nau metia todos os castelos a cada balanço por baixo da água, sôbre a noite foi o vento tanto e tão forte, que engrossou o mar em dôbro, com que nos quebrou um estai dos grandes; e assim tôda a noite, e ao outro dia todo, tivemos assaz trabalho em lhe pôr outro de uma amarra nova, com que ficou o mastro grande forte e seguro, por terem e sustentarem os estais ambos os mastros grandes; por cuja causa são cousa mui importante. Não eram estes ventos súbitos, nem de refegas, por serem e virem ainda de terra temperada e quente, e sem trovoadas.

Até os dezoito deste mês, ainda que as mais vezes tivéssemos os ventos mui rijos e grandes, com mares mui grossos e alguns choveiros, foram sempre sem trovoadas; nem por isso tirávamos as monetas, só com tomar os traquetes e mesurar as velas sempre a nau sofreu. Até aqui, com sol e chuva sempre achámos o tempo quente, e nos parecia então verão nestas partes; porque, sendo o dia claro e o vento honesto, era o mar como o rio, e o dia muito alegre com uns céus mui fermosos e adasmascados, muito para ver e maravilhar, fazendo mil manei-ras de ondas e águas, e as noites muito melhor assombradas.

Daqui por diante começámos a sentir frio, e começou a saber bem a roupa, e apertar-se cada um com ela. Daí a poucos dias fomos na altura das ilhas de Tristão

da Cunha, por que corremos alguns dias a demandá-las e haver vista delas. Achámos nesta paragem diferença no Sol, e nas agulhas, que nordesteavam uma quarta e mais; e tínhamos para nós que corriam aqui as águas para o Rio da Prata, que sai da terra do Perú, em cuja altura andávamos, e de que esperávamos acudirerem os ventos Nordeste, Nor-nordeste e Leste, singulares para nossa viagem, como de feito nos deram e os achámos, com que sempre fizemos honesto caminho, indo mui contentes, mortijando e tendo por passa-tempo zombar de nossos companheiros, que iam descobrir o Rio do Ouro, como que fôsse nossa sorte no mar mais certa e segura que a sua na terra onde ficavam — de cristãos, e seus naturais, — fartos de muitos mantimentos, e em terra mui sadia, e nós metidos sôbre um pau pôdre, tão perto da morte, segundo a resposta do Filósofo sôbre os que navegam, como a grossura da tábua da nau sôbre que vão.

Aos vinte e nove dêste mês, foi o primeiro vento que tivemos a que se possa dar o nome de tormenta, porque foi, em anoitecendo, um mui rijo Nordeste, que durou tôda a noite; e começando a cair, tomámos os traquetes e mesurámos as velas; mas carregou de maneira, que foi necessário amainar de todo, e tirar as monetas que já o vento nos tinha feito em pedaços; e parecia que falava, com mui grandes mares, e muita chuva.

Corremos tôda a noite, que era assaz escura e medonha, com o traquete e papafigo grande, até que rompendo a alva, com um chuveiro do Norte, nos saltou ao Sudoeste, e ficou bonança; e aclarando o dia nos achámos em trinta e cinco graus e um quarto, e seríamos das ilhas de Tristão da Cunha noventa léguas.

Ao primeiro de Novembro, tomado o sol, ficaram todos os que o tomaram em trinta e seis graus; e até o outro dia se faziam com as ilhas de Tristão da Cunha por seus pontos, como de feito, ao outro dia, por estarem em

sua altura e serem com elas, vimos muitos sinais de terra, de umas ervas como as que chamam corriolas, muita ciscalhada, muitos gaiotões e entonais, e o mar coberto de outros pássaros; e não tomaram o sol por andar o dia toldado de muita nebrina e de muitos chuveiros. Íamos com o vento Norte, que foi como a noite de antes, tanto quanto a nau sem traquete podia mal sofrer; e se não nos escasseara, ainda que o tempo estava embrulhado, sempre viéramos às Ilhas, o que Nosso Senhor não quis, pelo não merecerem nossos pecados, e para fazermos logo nossa viagem e derrota tão abatida; porque não bastou termos estes sinais cinco dias contínuos, até seis que foram do mês, de muitas ervas e ciscalhadas, e pássaros, e lóbos marinhos, que são certos sinais de terra, para o nosso piloto querer fazer seu caminho, e correr pela altura em Leste, até se pôr Norte e Sul com Ceilão, como fez o piloto desta própria nau da outra vez que, partindo do reino, veio ter como nós à Baía, e dali partiu para ir invernar à Índia. Ele só foi o primeiro, desde que a Índia é descoberta, que este caminho cometeu e fez; e assim o trouxe Nosso Senhor à Índia em Janeiro, sem saber ler nem escrever, porque como conheceu os sinais das Ilhas, e soube que estava para dentro do Cabo, correu logo pela altura. E — por mais que todos contra isto votaram, clamaram e disseram, e muitos marinheiros, que esta viagem na própria nau haviam por aqui já feito de outra vez, e tomavam o sol e carteavam mui bem, o requererem — não aproveitou nada para querer deixar de ir haver vista do Cabo de Boa Esperança, quinhentas léguas daqui, e outras tantas que perdeu da viagem, que faziam mil; as quais tôdas perdemos, e a risco de nos darem uns levantados, de que mais nos receávamos e íamos mui medrosos que dessem connosco à costa. E assim tornou a diminuir, e governou para o Cabo a haver vista de terra; parece que como não viu a das Ilhas, não se atreveu a cometer o caminho.

por não ser piloto desta carreira, e ser mui diferente da navegação das viagens que elles para cá fazem, que navegam sempre ao longo da costa, com o prumo na mão, sem nunca atravessarem gôlfo de mais de cem léguas; e assim cá todo o bom soldado, ou os mais deles que a isto se lançam, navegam e mandam melhor que elles todos, por onde são tidos os homens do mar nestas partes em mui pouco, e valem menos e são bem diferentemente estimados que em Portugal; cousa por certo mui bem merecida nêles. E por ser gente mui sôbre si, de pouco amor e caridade e de muito menos verdade, nos maiores perigos e tormentas não tem conta com Deus e seus Santos; pelo que, com muita razão são chamados de Ludovico Vives, todos os mareantes, *fex maris*. Assim que tornámos a desfazer o caminho, e para trás como caranguejo, não por minguia, em verdade, nem falta do nosso piloto não trazer cartas nem astrolábios todos dourados, e mui diferentes dos dos outros pilotos, que trazem suas cartas rôtas e seus astrolábios mui ferrugentos e cheios de azinhabre; e assim, com sua simplicidade, os leva Nosso Senhor à Índia e a Portugal, muitas vezes — parece — porque têm conta consigo e com o que sabem, sem lançar pé além da mão; porque todo o tempo se foi a êste nosso em contemplação dos movimentos dos céus e cursos dos Planetas, tudo filosofia mera, em que parece que queria exceder a Platão, Aristóteles, e a todos os filósofos naturais, sendo tão rústico e não havendo aprendido nem cursado nada nas escolas de Atenas, até que veio dar connosco à costa, causa de tantos infortúnios, males e mortes. Mas perdoo Deus a quem engana em casos de tanta consciência à Pessoa Real. Por aqui foram todos estes dias em nosso caminho e companhia muitas baleias, em que havia muitas tamanhas como barcas de Aldeia Galega.

Seríamos cem léguas à ré do Cabo, em trinta e cinco graus e dois terços, a doze de Novembro; e em amanhe-

cendo nos começaram alguns chuveirinhos, e com êles a cair o vento, que nesta paragem, quando vem, é muito diferente das outras, por ser tão perto do Cabo; e ainda que era na força do verão, quando por aqui passámos, levámos nossas borriscadas, e não tão pequenas que nos não danassem bem os estômagos, e nos causassem muito maior temor e espanto; porque não sei qual foi a nau tão bem-aventurada, que não deixasse de sentir suas temerosas tormentas e cruéis mares, e não recear muitos mais no dobrar esta ponta de terra, que vem desde a costa de Guiné lançando ao mar, que mete aqui neste Cabo mil léguas a êle, pelo que, com razão, era chamado dos antigos o Cabo das Tormentas.

E tornando a meu propósito: tomámos os traquetes e amainámos as velas grandes, e a do traquete um pouco, com que passámos o dia com mui grandes mares pela quadra, a que chamam dança, e muito maior vento, com as mãos nos cabelos, e mais vinda a noite com muita escuridade, chuva e tormenta; e foi o vento de maneira, e de tantas partes, e acudia a tantas partes e a tantos rumos, que com assaz trabalho e enfadamento passámos esta noite com chuveiros e vento que falava, só com os papafigos, sem moneta nem mastro. E em amanhecendo, saindo o sol, abonançou o vento e abrandou o mar de sua fúria e braveza, ficámos em bonança com o vento galerno Oes-sudoeste; governávamos em Leste quarta de Sueste; o dia mui claro e bem assombrado, e bem alheio dos passados.

Aos quinze dêste mês, sendo em catorze graus e meio, largos, pelo tempo muito claro e bom sol, o vento fresco e bonança, sôbre a tarde houve vista de terra, que era a da ponta do Cabo de Boa Esperança. Seríamos dela dez ou doze léguas, e nenhum dos que cartavam se fazia ainda com ela porque lhe traziam furto do da nau e o piloto setenta ou oitenta léguas, nem nunca vimos sinais de terra. Pelo que, quem neste tempo vier

buscar o Cabo, traga o sol mui fixo, e mui tento nas agulhas, e não desça de trinta e cinco graus, pois lhe pode escassear o vento e achar-se muito enganado e com muito perigo e enfadamento.

Vieram sempre connosco desde as ilhas de Tristão da Cunha até aqui muitos alcatrazes, mas eram estes mui diferentes dos outros que atrás achámos, pardos e de outra côr e feição, tamanhos que da ponta a ponta das asas abertas tinham mais de doze palmos. Nesta travessa do Brasil tivemos os dias e noites bem diferentes, até o Cabo, das que têm as naus que vêm do reino por aqui em Junho e em Julho; porque tivemos sempre os dias de quinze e dezasseis horas, e as noites de oito e nove; parece que era então aqui verão, mas não para que por isso os ventos e mares fôsem menos furiosos. Assim que nos foi isto um grande esforço e ajuda para tão comprida e desgostosa viagem; de maneira que fomos correndo a costa com vento Oeste a prazer, sem nunca (bemdito Nosso Senhor!) acharmos levantes, que tanto receávamos, pois além de nos serem mui contrários à nossa viagem, podiam ser de maneira, com que mui levemente dessem connosco à costa e nos destruissem totalmente. Ao outro dia houvemos vista do Cabo Falso, que mete mais ao mar, e do das Agulhas; e a dezassete do mês, à noite, virámos na volta do Sul, a nos empregar e pôr em quarenta e dois graus para correr por elles, e fazemos nosso caminho e viagem, pelos quais corremos tantos dias, indo tão engolfados, como ao diante direi. E com quanta mais razão se podia dizer por nós: *Mare undique & undique costum*, do que Virgílio o diz e canta do seu Eneas, navegando pelo Mar Tirreno tão diferente dêste Oceano, sem fim em sua largura e grandeza, cujas ondas nós fomos cortando, segando, e correndo.

Aos dezanove dêste mês seríamos em trinta e sete graus, e avante do Cabo algumas cem léguas, indo êste

dia com o vento Oés-noroeste brando à maneira de viração, que nos durou todo este dia, e vimos muitos alcatrazes e trombas sobre a noite, indo mui descuidados, por ao pôr do sol e ao enoitecer ser tudo muito bem assombrado. À uma hora da noite nos deu de súbito um pé de vento, que nos vimos em assaz perigo, por meter a nau um bordo tanto debaixo da água, que chegou a lhe meter parte do cabrestante que vai no convés, e não houve pessoa que se tivesse em pé; e causou-nos este dano tomar-nos com tôdas as velas em cima e à nau cortarmos a driça da vela grande da gávea, com que veio em continente abaixo, e juntamente amainar tôdas as velas; e sem dúvida nem remédio nos perdíamos, havendo-nos já levado pelo ar em mui pequenos pedaços a vela grande da gávea e tôdas as monetas do papafigo grande. Assim fomos correndo com a moneta de prôa, com vento espantoso, com nos fuzilar tôda a noite, que foi escuríssima e mui temerosa; e em amanhecendo, saindo o sol, com o dia de muita claridade e que prometia de si muita serenidade e bonança, para repouso de noite tão medonha e passada com tantos mêdos, começou a crescer o vento, e carregou de maneira, que, indo correndo com os papafigos mui baixos e cevadeira, nos levou o papafigo do traquete e cevadeira em milhares de pedaços, ficando as vêrgas tão limpas e esburgadas como que à mão lhe tiraram as velas (cousa por certo de admiração).

Assim fomos correndo ao som do mar e vento todo este dia e noite seguinte, com só um bonço de papafigo grande assaz mesurado, sem termos outras velas metidas, nem a muita fúria do vento e a grande braveza das inchadas ondas nos darem a isto lugar; até que no outro dia, vinte e um do mês, no quarto da alva, nos enfraqueceu o vento; e entrando mais o dia, nos acalmou, e ficou em Sussudueste brando, com que governávamos em Leste quarta de Sueste, amarrando-nos, e correndo pela altura,

quanto mais podíamos, não deixando nunca o piloto de meter de ló; e assim foi sempre, escasseando os ventos largos, e a portuchar, até nos trazer às extremas partes do mundo, de que parece que se queria pôr a barlavento, e de toda a terra do descoberto. Assim corremos e encercámos o mar e toda a redondeza dele.

Vimos até vinte e quatro deste mês, com ventos largos e tão rijos, quanto a nau sem traquetes algumas vezes podia mal sofrer. Este dia fez sol bem claro até as dozes horas, em que, tomado, nos achámos em trinta e nove graus e um terço, e não durou depois muito que se não mudasse e embrulhasse o tempo, com sol de nuvens e chuvereiros, com que o Sudoeste e Su-sudoeste mui forte, com que governávamos em Lés-sueste, cresceu, e foi de maneira, que tirámos as monetas e mesurámos as velas, indo com mares tão grossos, que nos metiam muita água dentro com entrarem por um bordo e saírem por outro. Assim fomos correndo fortuna com tão grande temporal todo este dia e noite, com mui grande trabalho, e nenhum repouso em todo elle.

Ao outro dia, que foi dia da Bem-aventurada Santa Catarina, cresceu o vento tanto e tão diferente dos dias passados, com uma chuvinha miuda, que, com irmos amainados, muito mal o sofria a nau, com assaz risco e trabalho. Os mares eram tão grandes, tão altos como altíssimas torres, tão furiosos e soberbos, que parece graça querer pintar e escrever o que se não pode crer senão de quem o viu e passou, pois é como do vivo ao pintado. Como pode nenhum engenho, por mais sutil, delgado e agudo que seja, figurar ou pintar uma tempestade destas, em que acontecem mil desastres e mil invenções de trabalhos? Pois os que andam mui metidos, e se acham mui revoltosos nêles, não sabem, por muito que entendam, dar acôrdo de si; porque uns, com se encomendarem a Deus e a seus Santos, e terem conta com suas almas e

chorarem seus pecados, e outros, de mais coração e esforço, em acudir aos aparelhos e cousas necessárias, assim andam todos ocupados e embebidos e com os receios da morte tanto aos olhos, que não há quem de si dê acôrdo, nem lhe lembre cousa viva, nem do mundo; o que farão pior, e darão menos razão, outros que se dão de todo por mortos e que dizem que não querem ver-se morrer, e assim como homens sem valor se escondem e ocultam, proferindo palavras e ditos que depois lhe custam muitos desgostos e injúrias, causas de muitas zombarias, em que se divertem se depois passa o tempo e enfadamento do mar e da comprida viagem; e coitado, e assaz miserável e muito mofino, o que neste tempo deita alguma palavra que não deve ser, pois se vive depois d'este tal conflito é mantimento de todo outro género de homem de sua companhia.

E tornando a meu propósito e ao que nos mais toca: este dia nos deu um mar, além de outros muitos, que, não obstante nos meter infinita água dentro, levou pelo ar sete ou oito caixas que estavam em cima do bordo por onde deu, que foram cair pela escotilha grande, que acertou de estar aberta, quebradas e em pedaços, e feriram muitos na primeira coberta, e assim arrombou as mais das câmaras da outra banda com a muita fúria com que entrou, e deu ainda em baixo. Vinda a noite, e crescendo com a humidade dela o vento, foi a tempestade tamanha e o temporal tão desfeito, que amainámos de todo e fomos correndo ao som do mar com um bonço de vela a redor dos castelos, quanto a nau governasse esta noite, que era bem escura e espantosa.

Andando o nosso guardião trabalhando com outros soldados e marinheiros, antes de amainar as velas o levou uma escota do traquete do papafigo pelo ar fora da nau; e foi tão bem afortunado e ditoso, que deu com elle sobre uma escota da cevadeira, em a qual ficou cavalga-

do, e com muito esforço e acôrdo se pegou, bradando que lhe acudissem e dessem um cabo; antes de o poderem fazer, de uma sacudidura que a escota deu o deitou de si, muito a seu pesar; e por mais que se pegou e ferrou dela, o levou pelo ar e veio a cair no meio do convés da nau donde antes fôra arrebatado. Assim que, se uma escota lhe deu a morte tão desastradamente, outra lhe tornou a dar vida muito mais alegremente. Foi por certo esta uma mui grande cousa, e em que Nosso Senhor fêz um assinalado milagre; porque, de outra maneira *Actum erat.*

Outro semelhante caso, como êste, aconteceu esta mesma noite, daí a bem pouco tempo, a outro marinheiro que ao recolher da vela, depois de amainada, estando na ponta da vêrga, escorregou e caiu; e antes de chegar ao mar, no ar se pegou a um cabo, em que deu com os focinhos, e lançou dêle mão com muito ânimo às apal-padelas, por ser grande a escuridade da noite, e assim se livrou da morte. Acudiram a seus brados e recolheram-no dentro. Desta maneira andam os homens no mar jogados aos dados, e oferecidos a tantos perigos. Ao outro dia, vinte e seis do mês, indo algum tanto com as velas mais içadas, mas com o mesmo vento, e mui forte, e com muito frio, fêz sol; e tomado, nos achámos em quarta graus e um têrço; depois de tomado se embrulhou o tempo, e nos começou a chover muita neve e fêz muito frio.

Logo ao outro dia nos abonçou o tempo, e veio a manhã assaz fermosa e alegre, que causou um contente e aprazível dia, em desconto de outros bruscos e chuvosos que antes tivemos. O vento era Oês-noroeste, como os passados, à pôpa e de tôdas as velas, e era o mar tão chão, que, por muito que o vento fôsse, se não empolava nem erguia, e parecia por cima de alguma terra. Também nesta paragem vimos muitas baleias, e o mar todo

cheio de manchas de ovas delas. Com este vento fomos até o outro dia pela manhã, que nos acalmou de todo, com que até a tarde andámos em calma, e sobre a noite refrescou o vento Nordeste franco, com que fomos ao Sueste, tocando a quarta de Leste o mais que podíamos. Assim fomos tôda esta noite até que ao romper da alva se fêz o vento Norte de todo, e bem fresco e rijo, com que governávamos a Lés-sueste. Este dia foi de tanto frio, e de tanta neve, que com muito trabalho, e coberto bem de roupa, se podia mal sofrer. Fêz sol, e, tomado, ficámos em quarenta e um graus e meio. O mar ainda era tão chão, que por mais que o vento fôsse, havia nêlo pouca ou nenhuma asperidade, nem braveza. As águas eram mui brancas, e como de fundo, e pareciam de perto de terra; e o mesmo achámos nos ventos, estes três ou quatro dias passados, que mostravam todos virem por cima de alguma terra. Esta tarde nos rodeou o vento e saltou ao Sudoeste, tão terrível e bravo, que tivemos muito trabalho e corremos assaz perigo.

Ao outro dia, que foi do glorioso Apóstolo Santo André, e o derradeiro do mês, seríamos em quarenta e dois graus largos, o tempo toldado, e o vento de maneira, que só com o traquete da proa ao meio mastro, sem monetas, como sempre o trazíamos, ia a nau em pulos e saltos, acolhendo-se e fugindo aos mares que eram altíssimos e medonhos, que não sabia a nau por onde se meter. Foi este um dos mais desabridos dias que em tôda esta viagem tivemos, assim de muito frio e muita neve, que chegava aos ossos, de que tôda a nau, aparelhos e enxárcia eram mui alvos e cobertos, como de mui desarrazoados ventos e de soberbos mares, que entravam por uma banda e saíam por outra, lavavam tôda a nau, que a maior parte ficavam dentro. E na verdade trabalhou tôda a gente neste tempo, assim de dia, não comendo nunca se não em pé, e na mão, e fora de horas, como de noite,

não dormindo nunca, vigiando sempre, em que por certo o mais triste soldado o fazia e acudia melhor que os bons marinheiros. Parece — perdido já o medo, do costume das contínuas tormentas e ventos tão fortes, calejados já e afeitos — não tinham em conta nada, ventos, nem águas, frios e neves, quer de dia, quer de noite, tôdas as horas e momentos, tudo o que de antes os atemorizava, lhe ficava já em natureza.

Assim, não houve dia que não fôsse mui trabalhoso, por haver muitos em que amainávamos três e quatro vezes, e tornávamos outras tantas a erguer as vêrgas, e coser as velas todos os dias, de que não tínhamos mais que pedaços remendados; em o que nenhum, por nobre que fôsse, recusava o trabalho, e o que cuidava que era o derradeiro no acudir se achava primeiro com todos os outros a um tempo; assim pretendiam cada um não ser o último, havendo-o por muita injúria e infâmia.

Faltava já quási a todos o comer, por não haver af vinho del-Rei, nem o bebiam os soldados desde que saíram do Brasil. Tomavam à custa del-Rei do que ia na nau, das partes, para a gente do mar, que se queixava e não queria trabalhar por lhe tirarem uma fiada de três que tem de regra e lhe darem duas; com que aos pobres soldados ficavam os trabalhos multiplicados em dôbro, costumados já nêles de dia e de noite, comendo o biscuito da regra todo podre das baratas, e com bolor muito fedorento, sem haver outro, nem quem o tivesse para si, senão muito poucos, nem carne, nem vinho, nem pescado, nem com que poderem sustentar e alimentar corpos tão debilitados, e alguns mui pouca roupa com que pudessem reparar e cobrir suas carnes, e defender-se dos frios e grandes neves, que todos seus membros e ossos penetravam; assim passavam sua miséria. E nesta paragem, movido o capitão da piedade, do mau trato da gente, e obri-

gado de sua consciência que dentro lhe mordia, e do clamor, de toda ela, que lhe pedia comer ou beber com que sossegassem seus ânimos, lhe mandou dar uma fiada de vinho de duas que del-Rei tem de sua regra; cousa por certo mal feita, e bem mal atentada, e pior olhada; pois é costume, quando falta nas viagens muito menos compridas e costumadas desta nossa, tomar-se à custa del-Rei das partes, e dar-se à gente, o que certamente devera ser especial mandado dos vedores da fazenda del-Rei nosso Senhor — pois é cousa tão necessária à vida dos homens —, por terem dúvidas os capitães de o fazer, com receio de se lhe não levar em conta e o pagarem à sua custa.

Um dos maiores trabalhos, acompanhado de muitos perigos, que tivemos muitas vezes nesta viagem, foi o leme, porque, por ser a nau pesada e feita na Índia, era (como no princípio disse) dura de governo e acudia mal ao leme, e assim não havia tormenta em que não estivessem a êle quarenta, cincoenta homens e às vezes mais, uns pegados no picão e outros em uns aparelhos a que chamam talhas, de cada banda, com seus capitães, pessoas de cuidado e confiança, com vinte homens cada um, que chegavam até o cabrestante e alcáceva dos bombardeiros, para deitar o leme com tempo para a banda necessária, por não tomarmos a lava; cousa que entre os cinco perigos principais, e que mais os mareantes receam, de fogo, água, baixos, ou inimigos, é o maior e o mais principal. Mas duas cousas tivemos sempre por nós em toda esta viagem, indo e navegando por paragens tão incógnitas, e tão engolfados, que íamos metidos na grandeza do mar mais de mil e duzentas léguas da mais vizinha terra firme que de nós tínhamos: os ventos eram todos à pôpa e quartel, do que a nau era uma águia, corria como um peixe, e tínhamos comumente as singraduras de cincoenta e sessenta léguas, e algumas vezes de oitenta

e noventa, e a todo o vento do mundo era em pópa esta nau uma firme rocha e acertou muitas vezes tomar a luva com tôdas as velas e grande vento, sem fazer sinal de nada e dar bem pouco por isso, mais que o risco dos mastros; a outra, que também nos favoreceu e ajudou muito, era serem aqui neste tempo os dias tão grandes, como já atrás disse e contei, o que foi mui grande alívio a tamanhos frios e tão imensos trabalhos. O que bem visto e considerado de cada um, os ventos que aqui entram e cursam, e a fôrça e fúria com que vêm e neste tempo reinam, e conhecerá bem claro que tais serão os ventos do inverno, e que cousa haverá aí, nem se poderá conjecturar no mundo, que os possa sofrer? Pois nós em tal tempo, e em tal nau tão singular e forte, escassamente os podíamos sofrer por estas paragens, e esperar, com as velas quási tôdas rôtas, gastadas e feitas em pedaços, e a meio mastro.

Ao outro dia, primeiro que foi de Dezembro, correndo o vento Oés-sudoeste bem honesto, e os mares, dos dias passados, muito grossos, com uns chuveirinhos miudos e frigidíssimos, se nos mudou o vento e nos fêz mil repiquetes, sem se firmar a nenhum rumo, com que nos deu algumas borriscadas tôdas do Sudoeste e do Loeste; e como foram tôdas as mais passadas de ventos fortes, tôdas foram e nos deram dêstes rumos para a banda de estibordo, de que nós folgávamos, por irmos amurados de bom-bordo, e ser a nau singular e excelente, e muito mais segura neste bordo que no outro, e nêle barlaventear muito de vantagem; de maneira que ainda que o vento passasse dos rumos que já acima digo, se tornava logo a êles. E em rompendo a alva com rosto mui sereno e alegre, mostras e esperanças de muito contentamento e bom dia, como êste foi, se segurou o vento e ficou fixo em Norte galerno, e em pópa, a surcar mar de rosas, como rio. Governávamos em Leste, quarta de Sueste às vezes;

e depois do sol tomado em quarenta graus e meio, mandou o piloto governar ao Sueste, por causa de nordestearem as agulhas uma quarta e meia e diminuir mais do que queria. Aos quatro do mês — fazendo nosso caminho, governando em Lés-Sueste, para fazer o caminho de Leste, por nordestearem as agulhas, que eram duas quartas — o vento Noroeste a portuchar quanto a nau podia sofrer, tempo claro e bem assombrado, sôbre a tarde às cinco horas nos apertou de maneira, que foi necessário ficar a noiva em palminhas; e assim, ao som do vento e do mar, fomos correndo com os papafigos, até que bem de noite com um chuveiro saltou a Loeste, não mais brando nem conversável, assim no rigor que trouxe e com que veio, como com um frio que penetrava tudo e a que não havia cousa com que se valesse, nem com o muito trabalho se esquentava a gente. Assim que, da-quele dia até o outro tornava o vento aos rumos que já disse; e sendo nesta paragem, dela por diante nos começou o vento a alargar, e andar algum tanto pela banda do Norte, com refegas, nuvens e chuveiros, como que vinha por fora da ilha de S. Lourenço, avante da qual se faziam, os mais dos que carteavam, com vinte e cinco ou trinta léguas Norte e Sul da derradeira ponta.

Assim fomos com Norte e Noroeste a prazer, com chuvas e cerrações grandíssimas, até os sete do mês que nos deu o vento Oeste. O dia tão chuvoso, tão escuro e cerrado, que mal se divisava da pôpa uma pessoa estando na proa, foi o mais tristonho e soturno dia que em todo este caminho tivemos. Toda a água que nos chovia por aqui foi neve; e assim foi a deste dia tão fria, e nunca cessou. Vinham connosco muitos antenais, e outros pássaros a que chamam borrelhos, pardos pelas costas e brancos pelas barrigas, do tamanho dos garajaus, os quais nos vinham seguindo e acompanhando desde muito atrás das Ilhas de Tristão da Cunha.

Ao seguinte dia, que foi da Gloriosíssima Virgem Nossa Senhora da Conceição, Madre de Deus, foi ela ser-vida de nos abonançar o vento e clarear o tempo, e mi-tigar o mar de sua fúria e braveza, para celebrarmos com missa e prêgação, e muita festa que fizemos, seu glorioso dia; governávamos já em Leste, e começávamos a dimi-nuir. Fazíamos o caminho de Lés-nordeste por nordestea-rem ainda as agulhas duas quartas. Tomado o sol, nos achámos em triuta e nove graus largos, o vento Oés-no-roeste quanto a nau podia sofrer. Sôbre a tarde, com a sombra e ar da noite nos deram uns chuviros mais frios que os passados, que nos deitaram assaz de neve miúda, bem fria e desarrazoada, que cobriu tôda a nau que dela ficou mui alva.

Vínhamos tão amarados, metidos tanto no gôlfo e grandeza do mar, qual nunca outra nau nem gente de nenhuma nação se meteu nem achou, porque nem quando esta nau fêz êste caminho por aqui a primeira vez que veio ao Brazil (que nenhuma até agora, ou antes, não ousou mais acometer nem fazer) não veio por tanta al-tura, nem tão amarada como nós desta vez nesta viagem e navegação fizemos, correndo muitos dias por mais al-tura, mais de quatrocentas e quinhentas léguas ao mar, sem nunca o nosso pilôto deixar de meter de lô quanto podia.

Ao outro dia vimos umas ervas, a que chamam Cama de Bretão, como as que achámos nas Ilhas de Tristão da Cunha, que são mostras e sinais certos de terra, o que nos causou novo temor e nos meteu novo espanto, por não sabermos onde estávamos, estando tanto metidos den-tro na grandeza do mar, nem na carta haver af terra, ilha ou baixo nenhum até o presente descoberto. Assim que, com estes sinais e receios, dobrando-se-nos o cuidado, e com êle a vigia mui esperta, assim de homens do mar como de soldados de confiança, fomos nossa rota abatida

com ventos a prazer, e muito mais depressa do que queríamos, até treze do mês, que sendo em trinta e sete graus e dois têrços, vento Sudoeste ventante, tornou o piloto a governar em Lés-sueste, por não querer mais diminuir, do que a todos nos pesou muito em extremo; pelo que, começou na nau a haver muitas murmurações e clamores dos que o entendiam, por termos e vímos correndo tantos dias, com ventos tão rijos e fortes, pela altura, e estarmos tão amarados para a parte do Sul, e a barlavento da maior parte do descoberto; e servindo-nos os ventos em pópa, os quis sempre o piloto escassear e ir pela bolina, podendo fazermos o caminho em pópa e uma viagem brevíssima, e sermos mais prestes na Índia do que cuidávamos, muito primeiro do que a nau que lá chegou partindo do Brasil um mês antes de vantagem de nós — tão fortes, grandes e singulares tivemos os ventos — se a fortuna nos ajudara bem e nossos pecados não atalharam nossos pensamentos. Mas parece que era assim a vontade Divina, e se chegava a hora e desventura de nosso naufrágio e perdição; mas quem fugirá a seu fado, e hora limitada, pois *Stat sua cuique dies breve & inexorabile tempus*. Nesta paragem tínhamos para nós que corriam as águas para o Nordeste.

Caminhando com vento fresco, que havia dois dias que nos dera, de cincoenta e cinco léguas, tempo claro e bem assombrado, governávamos ao costumado rumo de Lés-sueste, teima já velha do nosso piloto, contra o parecer dos homens do mar e de todos os mais que disso entendiam.

Um domingo, quinze de Dezembro, havendo um mês que víramos a terra do Cabo de Boa Esperança, no quarto da alva, em querendo romper a manhã, que saíu assaz fermosa e clara, vimos uma ilha, três ou quatro léguas de nós por nossa proa; e saíndo o sol com seus dourados e resplandecentes raios, muito para alegrar todo o coração

humano e cousa mortal, a fomos descobrindo; seria, ao parecer e juizo de todos, de cinco ou seis léguas; foi por certo cousa muito para ver, e dar contentamento aos olhos, ver a nau em pôpa com tôdas as velas, vento fresco quanto ela podia sofrer, sôbre a ilha, cousa muito para pinhar, como algumas fizeram; o dia claro, sereno e mui quieto, tôda a gente a bordo dando todos muitas graças a Deus com muitas lágrimas; a missa e prêgação que o padre fêz sôbre isso, por descobrir-nos terra nova e ilha nunca vista de outros olhos mortais, senão dos nossos, em mares tão remotos e nunca navegados de nenhuma gente do mundo, metida tanto na grandeza do mar e centro dele, que a mais vizinha terra firme que tínhamos era o Cabo do Comorim, de que estávamos Nordeste e Sudoeste mil e tantas léguas dele ao mar, tendo já diminuído boa parte do caminho, por que antes vínhamos. Foi esta a mais fermosa terra e uma das bem postas ilhas que no mar se podem ver, mui alta e bem assentada da banda do Sueste, vindo fazendo um vale abaixo e sombrio da banda do Nordeste, que parecia cheio de arvoredos e ter nesta parte bom surgidouro; no mais alto dela, redonda e chã; por cima da banda do Sueste tinha um pico ou muro redondo muito fermoso, e bem pôsto e talhado, que parecia um castelo feito à mão; está Norte e Sul com a Ilha dos Romeiros e com a das Sete Irmãs, e Nor-nordeste e Sussudoeste com tôda a outra terra firme.

Ficámos a balravento da ilha, e assim fomos correndo em redor; é tôda limpa, sem nenhuma restinga nem baixo, sômente um ilhéu, que tem pegado com terra da banda do Sueste; ao redor dela achámos muitos lóbos marinhos, e depois que a passámos muitas camadas de umas ervas muito grandes, como as de Cama de Bretão, e de uma fôlha muito mais larga que de uma mão travessa, e assim outras ervas, que traziam em si pegadas umas frutas redondas, brancas, do tamanho de ameixas.

Estava esta ilha em trinta e sete graus e três quartos da banda do Sul; em esta altura foi posta e arrumada em tôdas as cartas e quarteirões que na nau iam. Sobre o pôr do nome houve muitos debates e diferenças, por quererem os soldados que se denominasse a Ilha dos Soldados, por um a ver primeiro que todos, no quarto da alva, e o capitão querer que tivesse seu nome, dizendo ser assim costume as ilhas novamente debaixo das suas capitánias descobertas tomarem seus apelidos dos capitães; o que o pilôto, desejoso de glória e louvor, não consentiu, nem teve conta com nada, senão, depois de arrumada nas cartas em sua altura, lhe pôr o seu nome, chamando-lhe a Ilha de António Dias, dizendo-lhe alguns, que bem entendiam, que aos baixos somente se davam e tinham os nomes dos pilôtos; mas êle determinou brevemente esta questão, de maneira que com o mesmo vento, e governando ao rumo costumado, deixámos à ré a ilha e a perdemos de vista antes do meio dia.

Com êste vento fomos até o outro dia, que, em amanhecendo, com um chuvaireiro nos acalmou; e, se vinha alguma bafugem, era do Norte; o mar muito chão. Choveu-nos até depois do meio dia sem nunca cessar, e depois aclarou e fêz bom sol, e entre as quatro e cinco horas do dia, sem se mudar nem escurecer o tempo, nos deu um chuvaireiro, com três ou quatro fuzis, a que os navegantes chamam Olho de Boi, sinal mui certo no cabo de temerosa tormenta e tempestade desfeita; e assim, bem descuidados, em um momento nos deu um pé de vento Sudoeste, com que fomos correndo em Leste, o maior e mais espantoso e de mais temor que em tôda esta viagem até aqui passámos. Demos de súbito com as velas em baixo; e a do traquete da gávea, sem se poder recolher dentro, foi pelo ar em muitos pedaços, e assim andava a gávea ao redor, com seis ou sete marinheiros que dentro tinha, que haviam ido recolher a vela, que parecia uma dobadoura ou

roda que anda mui depressa; em que os miseráveis e coitados homens, não se atrevendo a descer nem se desaparecer dos cabos, gritando se davam por perdidos e defuntos. O mesmo aconteceu à cevadeira, que antes de se poder tomar foi tóda ao mar; e ficou a vêrga limpa.

Uma das cousas que mais receávamos e temíamos, era o traquete grande da proa, que da Costa de Guiné (como já toquei atrás) trazíamos rendido, que nunca quis a driça correr, nem a pudemos trazer abaixo, nem a vela amainar; assim esteve em todo o temporal (tão defeito quanto o pensamento humano pode consigo conjecturar) o traquete grande, e a luva, pedindo todos a Nosso Senhor com muitos gemidos e lágrimas no-lo guardasse e conservasse para nosso remédio; até que a vela rebentou e se fêz em pedaços, que o vento em breve tirou e fêz perder de vista. Com isto nos ficou o mastro seguro, sem nunca a nau, enquanto esteve neste perigo, fazer mudança nem dar por isso, por ser mui segura, de estaque forte e de mui bom paio, sendo a todo o vento uma firme rocha.

Foi, por certo, este vento tamanho e de tão grande ímpeto e fôrça, que ia a nau fazendo e ferindo fogo na água, com o vento levar as ondas em chuveiros e horricadas desleitas pelo ar, sem consentir nem menos admitir levantar-se onda nem causar braveza no mar. Assim que, com este temporal fomos correndo, com um bonço de vela ao redor dos castelos, rota abatida, até ao outro dia pela manhã, que nos acalmou, e ficámos em bonança e em calma, com algumas bafugens quanto a nau governava, até a tarde, que saltou em Norte ventante. E no quarto de alva, dezoito que foram do mês, o Nordeste de todo se nos fêz vento galerno e de tódas as velas. Seríamos adiante da ilha que achámos cem léguas, e metíamos de ló o que podíamos. Achámos neste dia muitas ervas, como de Cama de Bretão, não tão grandes como as que

achámos antes de ver a ilha; o mar muito chão, o tempo bem assombrado, e algum tanto mais quente e temperado, que os dias passados.

Vinhamos já tão gastados de velas e enxárcias e todos os outros aparelhos à nossa navegação necessários, por trazermos os mais deles destroçados e danados da Costa de Guiné, tanto tempo como nela andámos, com tantas chuvas e trovoadas como nela tivemos, e por a cordalha que no Brasil fizemos ser pouca e miúda, e mui fraca. Pelo que, já neste tempo não havia corda sã, com ventos tão rijos e ímpetuosos como até aqui tivemos, nem cousa que prestasse e que pudesse sofrer qualquer maneira de trabalho ou fúria de vento forte. E assim, com muita vigia e recato, por sermos em mares tão remotos e estranhos, e tão metidos no centro deles, nos era mui necessário ter tento e muito acôrdo, e a seu tempo acudir aos aparelhos e andar muito alerta, por nos não desapparelhar de todo qualquer dos ventos, como eram os que trazíamos; e assim se dobrava o trabalho de vigia, com novo cuidado e pouca quietação do ânimo em todos, indo sempre o desgosto e trabalho em muito maior crescimento. Assim fomos com êste desvêlo navegando, com mui tristes e ofuscados dias, com muita chuva, ora miúda ora grossa, ventos a prazer, e algumas vezes com mil repiquetes e por mil maneiras. Já nestas paragens o tempo era mais quente; e quando fazia sol, o era muito mais. Eram-nos estes dias atrás os ventos escassos algum tanto para meter de ló, o que fazíamos quando o tempo dava lugar e quando podíamos.

A vinte e quatro de Dezembro, véspera que foi do Natal, andando ainda o tempo como o passado, coberto e chuvoso, nos alargou o vento e deu a Sussudoeste muito rijo e mui bom para nosso caminho, que em todos causou novo prazer e nova alegria; governávamos com êle em Nor-nordeste, fazíamos nossa viagem, e diminuíamos. Se-

riamos Norte e Sul com o Cabo de Comorim; êste dia à noite, com um chuva grande e de muita água, ventou o vento em tão grande maneira, que só com o papafigo de proa corremos tôda a noite, voando a nau, sem saber onde se acolhesse, até ao romper do dia, que foi do nascimento de Cristo Redentor nosso. Tornou o vento à ré ao Sudoeste, em tanta quantidade, que nos demos êste dia por perdidos de todo; e os trovões, chuvas e relâmpagos eram tantos e tão contínuos e furiosos, que parecia na verdade pegar-se o fogo deles à nau e abrasá-la tôda, ao mesmo tempo que, com sua muita claridade, davam grande resplendor ao dia, que era bem terrível e chuvoso e assaz escuro.

Aconteceu-nos êste dia uma cousa para ver, e muito mais para temer e recear, e em que nos vimos no extrêmo perigo. Encontraram-se o vento Norte e Sul, travessão um do outro, e ambos grandíssimos e mui furiosos, de baixo dos quais nos achámos, onde pagámos a fúria e diferença deles, de que Nosso Senhor nos salvou milagrosamente. Assim, que os mares, pela antiga contenda que entre êles e os ventos há, de que por derradeiro são vencidos e domados, andando já levantados da noite passada, se incharam e ensoberbeceram de maneira, que pareciam mui altíssimas tôrres, fazendo uns vales entre onda e onda de tanta baixeza e profundidade, que a cada cair da nau parecia cair nos abismos, e quererem-na engulir e sorver enfim de todo. Assim que era mui triste e medonha cousa para ver, e muito miserêvel para passar, e muito mais aos que entre êles se achavam revoltos; e coitados dos que os passavam e sofriam, e viam aos seus olhos os elementos conjurados contra êles, prometendo-lhes as ondas tão furiosas, pela separação de suas almas, serem sepultura de suas carnes; e sem dúvida que não havia aí nenhum, por mais esforçado que fôsse, e por mais que blasonasse, que não desejasse neste tempo ser

um dos mais ínfimos bichos da terra; pelo que, parece, pede a cada um sua natureza desejar tornar à sua mãe antiga, a terra de que foi nosso pai Adão formado. Mas são os homens no mar mui semelhantes às mulheres nos tempos de seus partos, em suas mui estranhas e grandíssimas dores, que juram, se daquela escapam, não terem mais cópula nem ajuntamento nunca com varão. Assim nestes perigos tão evidentes e de tanto temor e espanto, qual há aí que não jure e prometa de nunca outra tal lhe acontecer, nem em outra tal se achar? O que passado, passou-se; e acabou-se a memória de tudo, e tudo são folias, pandeiros e zombarias.

E tornando a meu propósito; amainámos de todo e fomos correndo com uma moneta a redor dos castelos, até que sobre a noite nos abrandou e abonançou o tempo, e se verificou e viu bem claro em nós o que já disse, porque de noite houve um auto na tolda, com tochas, tão bem representado e de tão boas figuras e aparatos, como o pudera ser dentro em Lisboa, com que houve novo prazer e bem diferente do que todo o dia tivemos da tormenta passada. Ficou o outro dia em oitava, toldado, e de nenhum sol; e com o mar ser ainda muito grosso, governávamos com o vento Sueste, que nos tornou à ré ao Nordeste, tempo já bem quente. Assim fomos até vinte e oito do mês, que, venteando Lés-sueste brando, dia bem assombrado, tempo claro e bem quente, como no meio do verão, tomando o sol nos achámos em vinte e seis graus; o mar muito chão, como rio.

O dia seguinte, depois do sol tomado, em vinte e cinco graus escassos, se mudou algum tanto o tempo, e nos deixou o vento Leste e Les-nordeste, com que governámos ao Norte, e nos saltou ao Sueste ventante, com que fomos este dia e noite até pela manhã, que nos acalmou de todo; era o dia tão quente e de tanta calma, que se não podia sofrer o muito fogo dele. Estávamos perto

do Círculo ou Trópico Antártico, que está em vinte e três graus da banda do Sul; este dia, e outro, que foi o derradeiro do mês, andámos em calma, e sem nenhum vento; porém sempre a nau governou. Não se tomou o sol por estarmos debaixo dele, e não se poder sofrer, nem esperar, sua grande quentura; e não era bastante estar a nau tôda toldada para reparar-se dela, com que fazia lembrar os dias passados tão frios e nevosos, que, agudados com estes, se fizeram temperados e assaz bons dias. Assim, não nos contentando com o que nos é dado e concedido de Deus, nos obriga nossa cobiça, *omnium malorum radix*, a deixar nossa amada pátria e lares próprios, tão desejados, só por fugirmos à pobreza, que não pode ser maior que a dêste estado em que sofremos e passámos o fogo e frio de ambas as zonas, tão memoradas dos antigos, que elles nunca cometeram nem viram, e menos experimentaram suas quenturas e frialdades; o que tudo penetrámos por coriscos, rochas, e perigos incriveis e imensos, do que já também em seu tempo se queixava Horácio dos seus naturais romanos, e clamava, dizendo:

*Impiger extremos currit mercator ad Indos,
Per mare pauperlem fugiens, per saxa, per ignes.
Ne cures ea quæ stulte miraris & optas
Dicere, & audire, & meliori credere non vis.*

Mas, ¿ quem há aí tão ditoso e bem-aventurado, a que seu bom génio e fado concedesse de seu estado e fortuna, com que aquietasse seu ânimo e desse alívio e repouso a seus membros gastados e consumidos já da idade, e já de velhice? Pois, como o mesmo poeta afirma em outra parte, não há aí nenhum mortal que contente viva, e não louve a fortuna e sorte dos outros, e não reprove a sua própria. Mas é natural propriedade que as riquezas têm consigo, com que enganam e atraem a si os

ânimos mortais, como diz elegante e agudamente Ovídio: que cresce o amor e cobiça do dinheiro tanto quanto êle mais cresce. E assim a vida humana, como o Santo Job afirma, é uma batalha ordenada sôbre a terra.

O primeiro de Janeiro de 1561, seríamos, ao parecer de todos, algum tanto avante do Trópico, com a mesma calma ainda, e vento Sueste quanto a nau governava ao Norte; metíamos de ló quanto podíamos. Ao outro dia nos refrescou alguma cousa mais o vento Sudoeste e Sudoeste, com que fomos ao Nordeste, que durou até o outro dia, que tornou ao Sueste, com que fazíamos caminho ao mesmo rumo, tempo claro e de muito sol e bem quente. Depois de tomado o sol, ficámos em vinte e um graus escassos; êste dia vimos dois ou três rabos de juncos, os quais foram daqui por diante connosco; e aos seis do mês, dia que foi dos Reis, o vento Leste bom e bem fresco, tomado o sol nos achámos em dezasseis graus largos, tempo quieto e sereno; alguns chuveiros nos deram, que por serem em terra quente tiveram pouca fôrça, e nos causaram mais enfadamento que dano.

O seguinte dia seríamos em catorze graus largos, vento Sueste e Les-sueste, quanto a nau podia sofrer; governávamos ao Noroeste, fazíamos o caminho do Nordeste e quarta do Norte; achávamos aqui ainda que nordesteavam as agulhas perto de uma quarta, mas o mar quieto, e bom sol. Vieram neste dia a nós muitos alcatrazes, que se puseram em as antenas e vêrgas, e por tôda a enxárcia, gurupês, e mais partes, dos quais os grumetes tomaram quarenta ou cinqüenta, que depenavam e comiam; e no sabor ninguém saberia bem determinar ser carne ou peixe; foi mui grande ajuda para remédio e mantimento da gente, porque havia bem pouco ou nenhum na nau, nem biscoito del-Rei, senão bem pouco ou nenhum, e êsse, podre e comido da barata; e ainda assim davam meia regra, porque não faltasse de todo; assim que escassamente

se tirava de uma regra duas onças, com que cada pessoa passava o dia; vinho, só os marinheiros tinham meia regra.

Parece queria Nosso Senhor salvar alguns inocentes que nesta nau vinham, por não perecerem no mar de todo à fome, com lhe dar, e mandar as aves do ceu que à mão tomavam para sustentamento da gente, porque andaram estes dias tantas connosco, que, pondo-se na nau, as tomavam quantas queriam. Tínhamos para nós que eram da Ilha Polvoreira, perto da qual nos fazíamos, e também das Ilhas do Ouro, por cuja altura andávamos; havia alguns tão cobiçosos, que tomaram por partido darem à costa nelas, e diziam que arribássemos a elas, mais certo por seu interêsse próprio, que por bem comum, indo já formando juízos e fazendo mil castelos de vento, não se contentando muitos, de ínfima sorte e estado, com condessas em Portugal.

Ao outro dia nos morreu um homem e uma menina, filha de um casado que na nau ia; morreram-nos mais dez pessoas nesta viagem do Brasil até que nos perdemos. Os pássaros eram muitos mais de cada vez; muitos rabos de juncos, muitos rabisforcados, e alguns garajaus, e infinitos alcatrazes, com que passávamos o tempo com muita festa que os grumetes tinham no tomar dêles, e de que se aproveitavam mui bem, e com que faziam contínuo banquete.

Já neste tempo tínhamos, havia três dias, desfeita uma amarra em aparelhos, e andávamos em vésperas de desfazer outra para consertar e remendar outros com que nos reparássemos, porque tudo era já gastado, e assim pospúnhamos uma necessidade à outra, e o maior mal ao menor presente.

Aos nove de Janeiro, depois do sol tomado em onze graus e um sêsmo, vento Sueste honesto e galerno, o dia claro e mui sereno, governando em Nordeste quarta de

Leste, nos aconteceu um triste e desastrado caso, que em todos causou grandíssima dor e compaixão, por ser o desastre em si muito para isso e para comover à comiseracão tôda a pessoa, por ser com quem foi.

Seria entre o meio-dia e uma hora, quando alguns, que por bordo estavam, gritaram: «homens ao mar». E era que da varanda da câmara do leme, em que ia agasalhado com sua mulher Diogo Pereira de Vasconcelos, um fidalgo que vinha provido nas viagens de Pegú, parece que indo tirar ou pôr alguma cousa, caiu ao mar uma moça, sobrinha sua, filha de um seu irmão, que consigo trazia. Chamava-se D. Isabel, de idade de catorze até quinze anos, muito fermosa e bem afigurada; e em caindo, enquanto deram com a nau por davante, ia já meia légua, que foi à vista de todos sempre sôbre a água, batendo com os pés e com as mãos. O capitão, e todo o homem honrado com êle, acudiu logo, mandando ao mestre que deitasse o batel fora e ao pilôto que pusesse a nau à trinca, o que nem um nem outro quis fazer, dizendo e dando por razão que ia já muito longe e que não aproveitava nada, e que era trabalho e perigo demais; e assim mandou o pilôto governar sua rota abatida ao marinheiro que no leme estava, a que o capitão mandou estar à trinca logo, ou que lhe cortaria a cabeça à mesma hora, e levou de uma espada para o fazer; com o qual mêdo todos os marinheiros nos começaram a ajudar a deitar o esquite ao mar, a que já com ajuda do calafate e guardião, valentes homens do mar, tífhamos dado um aparelho. E assim foi em continente ao mar com o calafate e marinheiros em busca da moça, que já não apparecia; e depois de duas grandes horas que lá andaram, a acharam sem fala sôbre a água, que andava acabando de morrer. Trouxeram-na; e já, quando na nau entrou, vinha de todo morta, com um rosto tão sereno e bem asombrado que parecia viva; andou quási uma hora sôbre

a água, viva e morta, sem nunca se ir ao fundo; encomendou-a o padre, e em uma alcatifa, com um pelouro aos pés, tornou ao mar. E assim desta maneira e nesta idade cortaram as Parcas e seu fado os seus dias; e sem dúvida que, se o mestre deitara o esquite ao tempo que o capitão o mandou, e não deram êle e o piloto razões, já pode ser, segundo a todos nos pareceu, a acharam e viera ainda a moça viva; do que êles gracejavam, acharem-na; e quando a viram trazer ficaram mui enleados e compreendidos na culpa; mas é condição já mui vèlha de marinheiro contradizer sempre o bem e aprazer-lhe o mal, por sua natural e má inclinação, e não consentir nunca nem admitir conselho, nem cousa dita sôbre seu officio, ainda que saiba muito certo e tenha por averiguado perder-se a nau com quantos nela vão, se o contrário fizeram. Exemplo do qual ao diante se verá bem claro em nós, pois por causa do nosso piloto e sua contumácia demos à costa, e assim ficámos, em experiência de outros muitos. Tão contumazes e pertinazes são em seu officio, e assim rústicos e cruéis na conversação dos homens, que com as suas próprias camisas não têm lei, nem com suas carnes têm dó nem piedade; assim que não têm amor a cousa alguma viva, nem o pai é amigo do filho, nem o irmão do irmão, mais que enquanto comem e bebem.

Já neste tempo, por andarem infinidade de pássaros connosco de tôda a sorte, de que se tomavam muitos dias um cento, com paus e laços e à mão, vínhamos mui receosos de terra; e assim, por termos alguns chuveirinhos com bruegazinhas, e nos fazermos mui perto das Ilhas de Samatra, tinha o piloto mandado abrir o escovém, e íamos com as âncoras relingadas e a pique; e tôdas as noites se vigiava terra, dois marinheiros a cada quarto dos gurus-pés, e os soldados pelos castelos em proa. Seríamos trezentas ou trezentas e cinqüenta léguas de Ceilão; viagem, segundo os ventos, tínhamos de bem poucos dias, com o

que a gente ia tão alvoroçada e contente, que se dava cada um já por estar em casa. E assim iam assoalhando os vestidos, e alimpando as armas e todo o outro fato, o que tudo se lhe tornou em sonho daí a bem poucos dias, e sonho bem contrário do que todos cuidávamos; que, fazendo a conta sem a hóspeda, e mil castelos de vento, dando fios às espadas, havendo mil desafios e brigas para a terra, porque em tão comprida viagem, tanta gente metida tanto tempo em tão breve lugar, não havia já cousa que não aborrecesse, nem homem que quisesse ver outro e que não tivesse brigas e diferenças, uns cuidavam já nas maneiras de mortes e vinganças, outros tratavam do interesse e cobiça. Assim ficou tudo no ar, e castigou Deus nossos pecados, e atalhou nossos pensamentos, por serem estes contrários em tudo à sua Divina vontade.

Assim que receosos de terra, por sermos em seis graus, e com as Ilhas de Samatra, em cuja altura andávamos, da ponta de Leste do boqueirão de Sunda, aos catorze de Janeiro vimos os primeiros sinais de terra; e ao outro dia, que foram quinze do mês, tivemos muitos mais de umas canas de bambús e umas cordas, ou manchas pelo mar, de uma sujidade como ova de peixe, que parecia mais sujidade da maré, como areia em cima da água, que não ovas de peixe, como alguns discretos diziam. O que vendo os que carteavam e alguns marinheiros, que bem o entendiam, e esta viagem por aqui tinham já feito nesta própria nau, da outra vez, como experimentados começaram a dizer e clamar contra o piloto, e que fôssemos nosso caminho rota abatida, e virássemos no outro bordo e governássemos a outro rumo, e que se deixasse já o Nordeste e quarta de Leste, e o Nor-nordeste, porque nem ao Loeste podíamos já tomar Ceilão, como eles da outra vez tomaram, por estarem muito ao barlavento dele, e sermos muito mais metidos na terra do que êle cuidava, por andar mais a nau do que lhe davam e trazer fur-

tadas muitas léguas, como bem vimos e experimentámos no Cabo de Boa Esperança, que vinha diante de todos setenta ou oitenta léguas; e que olhasse, ou lhe lembrassem as trovoadas de Samatra da banda de dentro, de que êle mesmo nos vinha contando maravilhas, milagres, estranhezas que faziam os corações bem pequenos. Que fariam as bandas de fora, não sabidas nem experimentadas nunca de ninguém, e em mares nunca navegados dos nossos! Para os quais trabalhos nós fomos bem mal aparelhados de velagem e enxárcia. Pelo que todos, vendo os sinais certos de terra, sabendo já pouco mais ou menos onde estávamos, e serem de Samatra, que nós vínhamos buscar, não houve nenhum que se não desse por navegado, com darmos todos muitas graças a Nosso Senhor por nos vermos assim tão adiantados, donde tão prestes podíamos ser na Índia, viagem de doze até quinze dias o mais. E assim, tendo o vento largo e a quartel, o escasseou o piloto, e mandou meter de ló a haver vista de terra, caminho bem diferente e contra o parecer do que todos esperávamos, zombando e dizendo mil motetes dos pilotos do convés, que êle os poria em parte que não soubessem onde estavam, como de feito pôs. E se bem o disse, o fêz melhor, e deu com tudo a través.

Seríamos, aos dezasseis dias, em quatro graus e três quartos, quando tivemos muitos chuveiros e carrancas de trovoadas de muitas partes, tudo da Ilha de Samatra; ventou-nos o vento até o meio dia por mil invenções e maneiras, até que se firmou no Sueste fraco, com que governávamos em Nordeste e à quarta de Leste quanto podíamos. Como que todos fomos bem tristes pelo grande clamor e reboição que na nau ia, contra o piloto, por meter tanto de ló e querer ver terra aos olhos tão arriscada e perigosa, e de costa tão suja de mil restingas e ilhéus e infinidade de ilhas, como a carta pintava, de tão terríveis e continuas tormentas, que nem dos natu-

rais da terra é habitada por esta parte de fora, nem menos navegada; e mais fazendo-nos Nosso Senhor tanta mercê e esmola, usando de tanta piedade connosco, não olhando nossos pecados e as soberbas e ódios de uns com outros; no que parece queria que nos salvássemos, pois como êle próprio diz: Que não quer a morte do pecador, mas que viva. Pois sem aparelhos, nem cousa de que nos pudéssemos em nossa navegação já aproveitar, nos estava mostrando tantos e tão certos sinais de terra, como êste dia tivemos, de uns rôlos grossos de pau, ou pés mais certo de palmeiras, como nimpas de Tanafarim, que vêem os que vão para Malaca, e um pedaço de bambu do tamanho de duas varas e de grossura de uma perna pela barriga, e muitas manchas barrentas. E assim dizia a gente na bochecha ao piloto que não podíamos dobrar a Linha senão em terra, sem nada disto o mover, nem abrandar a governar a outro rumo. Tão seguro ia buscar a terra, como que êle fôra tão justo, que lhe fôra mandado e concedido de Deus ter os ventos tanto de sua mão e de sua parte, e metidos no odre, como as fábulas fingem, para poder usar deles, e tirar da manga, cada vez que quisesse, os ventos da terra Nortes e Nordeste, e não alguns Ponentes e travessões que nos destruissem e dessem connosco à costa. E assim, ajuntando-se nossas culpas e pecados com sua muita soberba, caímos do céu como Lúcifer.

Assim que iam aporpinquando-se os nossos trabalhos e misérias, e os fados já cumprindo os de alguns, e com mortes tão desastradas a sua hora limitada se vinha chegando, quando aos dezassete de Janeiro, vindo com mui pouco vento, quanto a nau governava ao Norte quarta de Nordeste, e o mar muito chão, sem bulir, como de perto de terra, o tempo mui embrulhado e de muitas carancas, com que sôbre a tarde pariu e deitou muita água de si, e os sinais de terra sempre em crescimento e de

cada vez mais. Vimos êste dia muitos de sermos muito perto dele, de paus grossos e de bambus, como também de estarmos pouco tempo no mar. Estaríamos dois graus e um quarto da Linha, segundo o caminho que fazíamos e o vento que trouxemos, com que sempre a nau andou às vezes mal, que foi êste dia de mil feições e maneiras, e de muitas partes, e por cada uma seu vento; com que para tôdas governávamos, fazendo o caminho que já disse, e o melhor que pudemos, de quando em quando metendo de ló, o que muitas vezes os marinheiros, ainda que mandados, não queriam fazer, do que todos folgávamos, e era o que queríamos; parece que se atreviam a o fazerem por confiarem em alguns que os podiam livrar do dano que disso lhes viesse, e da pena e culpa que por isso merecessem.

Ao domingo seguinte, dezanove de Janeiro, tivemos sol, e bem quente; e depois de tomado em dois graus escassos, se embrulhou com uns chuveirinhos e bolsões, que se nos figuravam terra. Governávamos em Norte quarta de Nordeste, fazíamos o caminho do Norte por o nordestear das agulhas, e correrem aqui as águas para o Noroeste, o vento como viração, e pouco, quanto a nau governava, Oeste e Oês-noroeste. Vimos todo o dia muitos pedaços de bambus e paus, e umas ervas como as que chamam corriolas, e outras como espigas de milho de maçaroca, e muitas finhosas, e uma cobra, e um pedaço de cana como de Bengala; com o que todos nos fazíamos com terra. Sôbre a tarde refrescou o vento, e foi tomando fôrça com a humidade da noite, até que lá quasi às doze horas nos deu um chuveiro com um pé de vento tão terrível e espantoso, que com as velas tôdas em baixo o sofríamos muito mal, com um bolso do papafigo do traquete. Os mares, andando já empolados do dia, se embraveceram de noite de todo; parece, convocados dos ventos em nossa total destruição, se levantaram de maneira, mui di-

ferentemente de outros muitos que nesta viagem havíamos passado; a água começou a ser tanta, com tão grande tempestade de relâmpagos, coriscos, trovões e chuvas, que bem parecia ser véspera da derradeira de nossa perdição, em que todos os elementos consentiam, e para isso se conjuravam, trabalhando em parte cada um de ser o primeiro que acabasse esta contenda, como que fôsse grande cousa, e de muito pêso para sua muita fúria, entidade tão pouca e fraca como nós éramos; os mares tantos, e metiam-nos tanta água dentro, que não havia aí bomba que a esgotasse, nem cousa que parecesse que a pudesse vencer nem diminuir em parte. Os ventos na região do ar eram tamanhos e de tanto ímpeto e lórça, que cá sentíamos a diferença e briga e grande contenda que entre êles ia, tôda sôbre nosso dano; a água do céu era tanta, e em tanta quantidade, que sem dúvida parecia haverem-se aberto suas cataratas, a tomarem parte e serem em ajuda de nossa perdição. Assim que — revólto entre estes trabalhos e tantos perigos, como o vento de cada vez em crescimento, Oeste, que, segundo nos fazíamos com terra sem remissão, era travessão na costa e dava connosco nela, não havendo já paciência que o soffresse, por estar todo o sofrimento gastado, a gente tôda clamando aonde íamos — João Gonçalves, feitor que foi da nau, sendo de armadores, casado em Goa, mui gentil soldado e de muito trabalho, como depois em todos os futuros se mostrou, disse públicamente ao capitão, como quem bem entendia a arte do mar, que mandasse ao piloto tomar as velas, pois com vento desfeito e travessão na costa, de noite, com tantas chuvas e trovoadas, sem saber onde estávamos, não era bem correremos; pelo que o capitão, parecendo-lhe mui bem o seu conselho, porque também carteava e tomava mui bem o sol, mandou ao piloto amainar, e que não desse às velas nem corresse à noite; e assim lho requereu da parte del-Rei, o que êle

nunca quis fazer, por mais requerimentos, rogos e ameaças, dizendo e dando em resposta palavras dignas de muita culpa e pena, de que fôra bem castigado, se não foram terceiros (parvos, tais como êle) que disso o absolveram; e assim mostrou provisões del-Rei, de não entenderem com êle sôbre seu officio, nem nêle intervir pessoa de nenhuma qualidade, tão largas que parece querer a vontade real, além de confiar a fazenda, meter e entregar a vida dos homens na contumácia de um rústico, na opinião de seu officio mui emperrado e que não há-de nêle admitir conselho, ainda que seja de um Anjo. Mas perdeu Deus a quem assim enganou a Magestade Real e entregou a nau a homem tão desacostumado nesta carreira, de tanto risco, e em que aconteceram tantos desastres e estranhezas nunca vistas nem cuidadas; porque só o dinheiro que de Malaca e Maluco levou a Portugal lhe deu crédito para lhe darem esta nau e ser piloto desta carreira; o qual tôda esta noite correu em pôpa, à terra, em que andou mais de vinte léguas, devendo virar na volta do mar e afastar-se de terra e deixar abonançar o tempo, havendo já quinze dias que corria a ela contra o parecer e vontade de todos. E assim se verificou em nós a sentença de Boécio, que diz: *Que a primeira cousa que Nosso Senhor tira a um mau, quando o quiere destruir, é o verdadeiro conhecimento do bem.* Por onde, parece, quis a vontade Divina, enfadada já da soberba e contumácia do piloto, e também com os nossos pecados, que passássemos outros novos trabalhos, e sentíssemos a mão de seu castigo, e nos perdéssemos. E assim cegou a razão e juízo dêste piloto, por não querer lançar mão das mercês que Nosso Senhor lhe fazia de tão manifestos e claros sinais de terra, para fazer sua viagem e caminho rota abatida.

Assim passámos tôda esta noite com êste trabalho, correndo esta fortuna, até o outro dia, vinte do mês, que

foi do glorioso Mártir S. Sebastião, que em amanhecendo o dia assaz triste, escuro e medonho, vimos uma ilha; seríamos tanto avante da Linha, ou debaixo dela, segundo nossa fantasia; demorava-nos esta ilha ao Norte, e levávamos a proa nela; fariamos dela até sete ou oito léguas; da qual tanto que houvesmos vista, cada um pode imaginar em seu peito que tais ficariam os corações e almas com tantos sobressaltos, com o vento Oeste, temporal desfeito, e travessão na costa, chuvas e trovoadas, em acabando umas começando de novo outras, cada vez de mais fúria e braveza; os mares mui grossos, e tão altos, que nos fâmos a pique ao fundo peílos escovéns, que levávamos abertos, com que tivemos assaz trabalho com os entupir com colchões o melhor que pudemos, por não dar o tempo lugar a mais; e em vez do nosso piloto virar na volta do Sul e fazer ao mar, foi até as onze na do Norte, cuidando de a disparar a êste rumo, o que não pôde fazer com o vento Oeste; e se pela manhã, quando viu a terra, virara em outro bordo, estava mais ao mar e pudéramos correr, e não nos perdíamos; o que, quando o quis fazer, já não havia tempo, por ser mui forte e de cada vez maior, e estar com terra, tão metido entre as muitas ilhas que estão pegadas com Samatra e suas grandes enseadas, que, com o vento que trazíamos, a todos os rumos víamos terra; indo assim correndo na borda do Sul e Sudoeste, nos carregou o tempo tanto, tão rijo, e de maneira, que em claro nos desaparelhou de súbito a nau, e nos levou as costeiras de ambos os mastros, que quási tôdas juntas nos quebraram a um tempo, com quantos aparelhos tínhamos, e se nos romperam tôdas as velas, com que ficámos assaz atribulados e em manifesto perigo das vidas, esperando na misericórdia de Deus não permitisse que déssemos a través, trabalhando quanto em nós era de seguir o dito do Poeta, pois como êle afirmou aos ousados ajuda a fortuna, e como o testifica o Pro-

leta: *Põe tu a mão e Deus será contigo, e te ajudará em teus trabalhos lícitos e honestos.* Assim, não perdendo ao trabalho, tendo conta primeiro com o Divino, pusemos na pôpa a bandeira das Relíquias que a Rainha Nossa Senhora dá a estas naus, para recorrerem a ela os míseros navegantes em suas fortunas e extremas necessidades, como em tôdas as tormentas passadas no meio do gôlfo e grandeza do Oceano nos havíamos aproveitado dela muitas vezes. E depois de posta à vista de todos, de joelhos nos encomendámos a ela, com muitas lágrimas e suspiros, pedindo a Nosso Senhor misericórdia e perdão de nossos pecados; o que acabado, não ficou nada que não experimentássemos para nosso remédio, destazendo um cabo de linho em cordas, para nos remediar, e aparelhar os mastros que se pudessem suster. E trabalhámos por remendar um pedaço de vela do traquete da proa, para nos ajudarmos dele, sendo necessário.

Assim andámos todo o dia ao paio, sem velas, nem as ter, nem haver aí homem do mar que trabalhasse, porque, como viram terra, os mais se deram por perdidos; e o primeiro foi o piloto — que de quanto antes filosofava, não prestou mais para cousa alguma, e logo lhe morreu o coração, nem falou mais palavra, parece compreendido no erro e culpa, ou, mais certo, não ser nada marinheiro — bem diferente do que obrou o sota-piloto, singular marinheiro e homem do mar, que, até o dar da nau e encalhar, não deixou nem largou a via nem o governo. Desta maneira andámos, o mais que do dia ficava, ao paio sôbre a terra, sustentando-nos na claridade dele, tomando por alívio, descanso, e consolação de nossas almas, perdermo-nos nêle.

O vento, sôbre a noite, começou a abrandar algum tanto, mas não que por isso o mar de sua fúria e braveza mitigasse; tanto que acalmou, tudo foram trovoadas e chuviros grandíssimos e cerrações, com que sôbreveio a

noite escuríssima e espantosa; a cada trovoadá ficávamos assobrados, e debaixo da água, no rôlo das ondas que nos comiam e desfaziam com as trovoadas, e tôdas iam para a terra e nos lançavam e chegavam o mais que podiam a ela. Assim andando às rodas (e ao nacibo, como cá dizem) — dando-se já todos por perdidos, não havendo já quem entendesse em nada, nem tivesse conta com o trabalho, havendo-o por perdido e por demais, e despedindo-se o pai do filho, o irmão do irmão, e o matalote do matalote, e pedindo cada um perdão ao outro e fazendo-se geralmente todos amigos — no meio desta agonia e aflicção nos aparecerem umas candeiazinhas, que tôdas foram vistas pelas vêrgas e mastros e bordos da nau, às quais, segundo os mareantes, chamam o Corpo Santo; a qual claridade vendo o contra-mestre e marinheiros da proa, a começaram a salvar da parte de Deus e Nossa Senhora e seus Santos, em vozes mui altas a que a gente tôda à uma respondia com grandes gemidos, soluços e lágrimas, pedindo-lhe alcançasse perdão de seus pecados e os livrasse de tamanha tribulação; cousa por certo mui miserável, e de muita compaixão para ouvir, e muito mais para o ver, e tristíssima para os que a passaram; pois, como afirma o Pai da Latinidade, Marco Túlio, em tôdas as fortunas e males muito mais miserável cousa é o vê-los e passá-los, que ouvi-los ou contá-los. Assim, que tôda a noite se foi nestes gritos e brados, andando sempre estas luzes connosco, não cessando nunca a gente de seus contínuos rogos e clamores. Eu entendi na verdade ser algum Anjo, mandado de Deus para nossa guarda e guia, pois em tal noite como esta, de tamanha escuridade e tempestade, com os focinhos em terra no rôlo das ondas, nos susteve sem dar à costa, e passámos sem as vermos, nem sabermos como, por cima das restingas de meia légua, em que o mar quebrava terribilissimamente, e que, vendo-as depois, nem de dia muito claro, quieto, e sere-

no, vento em pôpa e galerno, um navio bem pequeno pudera mal passar. Pelo que milagrosamente e pela mão nos meteu Nosso Senhor, que parece não era servido acabar-nos aqui a todos. Assim, que tamanha noite como esta foi um comprido ano. De madrugada surgimos com uma amarra sôbre terra, contentando-nos na claridade do dia, e pedindo isto só a Deus: de mercê e esmola nos mostrasse sua luz e acabássemos e morrêssemos nela.

Não tardou muito em romper e vir a manhã, e tornando a cair o mesmo vento Oeste, que bem podíamos dizer e afirmar que, se nos deu salvação e vida no Cabo de Boa Esperança, aqui no-la tornou a tirar, pois nos destruiu e matou a todos, uns acabando logo e fugindo de trabalhos desta vida, outros morrendo por mil manelras de cruezas, e os mais estilados, consumidos com inescrutáveis e incríveis trabalhos e experimentando tôdas as misérias humanas. Assim, que multiplicando-se o vento ao esclarecer do dia com suas contínuas trovoadas, que nunca cessaram, e chuveiros imensos, e o vento de refegas, súbito e mui furioso, com que nos foi necessário deitar outra amarra que só tínhamos, de linho e nova, para com ela nos sustentarmos o melhor que pudéssemos; e em a deitando trincou logo, por ser todo o fundo de coral que cortava como uma navalha. E assim nos achámos sôbre um ilhéu, em que a nau ia descaindo, entre outras quinze ou vinte ilhas e ilhéus, e restingas mui grandes, que botavam muito ao mar, estando de nós a outra costa grande obra de meia légua, que ia correndo em muitas enseadas, e metendo muitas pontas de terra ao mar; terra mui medonha e mal assombrada, e de que safam por mil partes fumos.

Indo sôbre o ilhéu, picámos a outra amarra, para ver se com o vento que nos ficava em pôpa nos podíamos meter para dentro de uma enseada que diante de nós por proa tínhamos, grande e mui fermosa, abrigada de todos

os ventos, o que não pudemos nunca fazer por falta de velas, nem as termos consertadas, senão tudo em migalhas, e sem nenhum aparelho. E em acabando de cortar a amarra, acabámos de dar no ilhéu, que era de rochedo, todo mui íngreme e redondo, como um castelo feito à mão, com algumas poucas árvores em cima, em que a nau deu três pancadas, uma após outra, grandíssimas e de muito temor e espanto, sem fazer nada, nem abrir, em que mostrou ser bem forte e rija. E assim caíu e se encostou, e ficou sentada no fundo para a banda de estibordo, que era a para que sempre pendeu e para a que sempre se inclinou; e logo se encheu tôda de água, ficando tôda a proa debaixo dela. Só a pôpa ficou de cima, aparecendo-lhe tôda a quilha dela por bombordo. Cortámos os mastros por nos não desfazerem a nau de todo, e foram com as vêrgas ao mar, ficando pegado tudo com a enxárcia. Desta maneira ficou a triste e lamentável nau desfeita e quebrada, nesta ilha oculta e inhabitada, em terra fria, dia do bem-aventurado S. Vicente, ano de 1561, a vinte e dois de Janeiro.

Desta maneira ficou a nau, que já acima digo, espedaçada, obra de um tiro de pedra do ilhéu em que deu para o mar, que botava de um lado uma restinga de mui grande penedia para outro ilhéu, que dele estava dois grandes tiros de espingarda; e da outra parte botava outra muito maior e mais temerosa, de um tiro de berço, para uma ilha que parecia pegada com a outra costa grande. Seria esta ilha de meia légua em circuito, tôda ao redor cercada de restingas, em que o mar quebrava com uns roncós e tom tão terrível e espantoso, que estando o mesmo mar quieto e tempo sereno poria temor e meteria espanto aos que o ouvissem, como nós depois experimentámos, sendo já a isso tão costumados, nas choupanas aonde estávamos. Assim, que em baixamar se podia vir da ilha ao ilhéu com agua pelo joelho, ou

pouco mais acima, por pedras e coral branco, que cortava mais que agudas navalhas; e não havia cousa que se lhe defendesse nem amparasse. E este foi o maior trabalho que tivemos enquanto aqui residimos, por trazer-mos sempre os pés cortados, e com mil cutiladas que chegavam ao vivo; de maneira que só por uma banda, que era por onde entrámos, e de que ficavam ao mar muitas ilhas e restingas, umas quatro e cinco léguas, e as mais vizinhas uma e duas, tinha entrada para uma enseada, que se fazia bem dentro, entre a pequena ilha e a costa grande, abrigada de todos os ventos; seria de tiro de boa espingarda no mais estreito de parte a parte, e por aqui saía ao mar por um recife dos que já disse, de uma boa légua, cousa por certo fermosa, e a praia para folgar de ver, se fôra de areia e não de tantos e tamanhos seixos de pedras, e na melhor parte de coral, em cujas concavidades o mar fazia seu ofício com sons e bramidos continuamente, que se ouviam bem ao longe. Por esta parte, em baixamar, se podia passar a outra terra com água pelos peitos, por cima de umas grandes três abertas que uns grandes e altos penedos debaixo da água em si faziam, que era cousa mui perigosa e de muito risco da vida ao passar por elas, pela braveza e fúria com que quebravam e davam nelas as doudas e inquietas ondas; e assim era necessário ir com muito tento e estar fixo ao passar, e dar lugar primeiro às ondas, as quais tomando as pessoas descuidadas davam com elas nos abismos, aonde não aproveitava o saber nadar, pelo grande penedio e pedregulho onde se encapelavam e faziam em migalhas. Mas depois a muita continuação e a muita necessidade fêz bem leve, perigo tão evidente e manifesto, que a alguns custou bem caro, e em que depois deixaram as vidas; e por certo, a se perder a nau um tiro de pedra para qualquer das outras partes, não escapara homem vivo, pelos grandes recifes e mares que já disse.



Assim, que em a nau dando, indo-se virando para a banda do mar, sôbre que assentou, cuidando alguma gente do mar que se virava de todo e sossobrava, com receio de ficarem debaixo ou se desfazer a nau de todo, por causa das grandíssimas pancadas que deu, e da braveza com que o mar nela quebrava, vindo já prestes, se deitaram ao mar no rôlo das furiosas ondas, que iam encapeladas quebrar nos ilhéus e ilhas daí a uma légua; o que vendo, a outra gente se começou a deitar também, em os quais o mar e sua fúria e os ventos tomaram vingança de seus pecados, pois — estando na pôpa da nau, inteira, e de bombordo aparelhados para que se a nau se virasse o pudessem então fazer, e o mesmo tabuado os punha em salvo em terra — confiados no nadar se cometeram aos cruéis mares, que desfaziam as duríssimas rochas, e assim os matou sua confiança, porque morreram logo dos primeiros, afogados e feitos nos rochedos em pedaços, doze ou treze, e outros encapelados do mar, com que iam dar por êsses recifes feridos e inchados, e muito mal tratados, do que depois morreram alguns; e fóra o mal muito maior se se não atalhara e acudira a êle, com defender o capitão, aconselhado do mestre e outras pessoas, que ninguém se deitasse ao mar, bradando que com ajuda de Deus todos se salvariam e que estivessem quedos. A êste tempo se acabou de deitar o esquite, que vem sôbre a ponte, ao mar, e o mastro grande de cortar, indo já de cada vez amainando mais a tormenta e abonançando o tempo, que parecia não queria mais que consumir-nos e acabar-nos, pois como nos destruiu, sossegou de sua fúria, e ficou tudo, antes de duas horas, quieto e em calma, como que nunca houvera tormenta, nem tanto mal causara. Pois, como digo, andando João Gonçalves, casado em Goa, lascaram mais vêlho na Índia, e Bento Caldeira, criado del-Rei, e muito homem de sua pessoa, que ia provido na feitoria de Baçaim, com o condestável e ou-

tras pessoas, vendo e trabalhando se se podia tirar algum pão do paiol, o que se não pôde fazer por se encher logo tudo de água, tiraram alguns barris de pólvora, pelouros, e munições para nosso amparo e defesa. O capitão, a bordo, com uma espada nua defendia o esquite, que não entrasse ninguém nêle até que as mulheres tôdas, que seriam com algumas crianças trinta e três, e os meninos fôssem em terra postos, as quais nos davam de cima o mestre e sota-pilôto a mim e a um António Soares, criado del-Rei, que nesta nau vinha por Feitor dos Armadores, estando ambos amarrados com cordas, deitando-as nós ao esquite a alguns marinheiros e ao calafate, de arremesso, o melhor que podíamos, pelos grandes mares desfazerem o esquite todo na nau, e nos levarem ambos de cada vez. Indo as ditas mulheres depois para terra com alguns parentes e amigos de confiança, com algumas poucas armas, que em tal tempo se puderam haver, para sua defesa e guarda, por não sabermos onde estávamos, e ser mais certo em terra de inimigos.

Assim se acabaram de pôr em terra da maneira que já digo, estando a maré cheia, debaixo de um arvoredo, e até noite safu tôda a gente à terra, com as armas que cada um podia, acudindo todos à bandeira das Relíquias, que já eu e António Soares arvoráramos, que o capitão nos entregara para que a trouxéssemos na derradeira batelada em que acabavam de vir as mulheres; e ao redor dela, todos juntos em um corpo, nos agasalhámos esta noite.

É por certo cousa muito miserável, e de contar, a diversidade das condições humanas, e muito mais para chorar suas cobiças e misérias, porque indo a nau caindo sôbre o ilhéu, em que apenas havia tocado, quando já a gente do mar andava escalando arcas e arrombando câmaras e fazendo fardos e trouxas, como se estiveram em terra habitada e de muitos amigos, comarcãos e vizinhos,

de sua pátria e natureza, e tivessem mui seguros e certos caminhos e direitas estradas, por onde caminhassem, e embarcações boas em que navegassem.

Desta maneira, andavam uns roubando e destruindo tudo, assim os que estavam na nau, como outros que estavam em terra, abrindo barris, arcas e caixões, que o mar já de si deitava. Mas quem se espantará ou haverá por novidade achar-se isto em gente do mar tão inhumana, se os conhecer e lhes souber suas más inclinações, e quão pouca lei têm com Deus, nem caridade com o próximo? Os mais andavam, uns disciplinando-se após do do padre, que os absolvesse, e chorando seus pecados, outros ocupados no bem comum, outros já em terra nus e em carnes, cobrindo suas vergonhas com algumas fôlhas, o que causava nos que desembarcavam (que vinham pouco mais cobertos) grande lástima e dôr; e assim se abraçava o amigo e o parente com o parente, com muitas lágrimas saídas da alma e suspiros arrancados do mais íntimo das entranhas, dando em tudo muitos louvores a Deus, de se verem em tal tempo a cabo de dez meses que de Portugal partiram. Assim preguntava cada um por quem lhe doía e tinha obrigação, e achando-se muitas vezes, se abraçavam e se recebiam com novo contentamento e alegria, como de cousa não esperada. Outros solenizavam a falta e perda de seus companheiros e consangüíneos, com tristes lágrimas e novos queixumes a Deus, mostrando em seu muito sentimento a maneira de suas desastradas mortes, esperando daí a poucos dias as suas, pintando-as e figurando-as por piores e mais estranhas maneiras, pois sempre o coração em semelhantes casos adivinha o pior e deita à mais ruim parte.

Assim andava tudo baralhado, havendo alguns tão cobiçosos e sôfregos, que tinham já corrido alguma parte da ilha e traziam aos outros novas de verem a enseada para dentro, e que era rio, e que viram nêle embarcações.

Parece era alguma tábua, pipa ou caixão, dos muitos arrombados de que o mar andando coalhado por estas praias, e de si deitava; assim lhes fazia o medo qualquer pequeno pau dentro na enseada parecer uma grande embarcação, e contavam remos, e davam número de gente e maneira de velas; com que todo este dia e noite passámos com mui boa vigia e metidos pelo mato dentro, abaixo um pouco donde nos perdemos, e donde víamos a nau mui bem, temendo-nos do ar, e qualquer fôlha que bulia nos fazia temor e causava muito espanto, e se nos figurava um homem armado, não ousando neste dia e outros alguns a fazer fogo, por não levantar fumo, nem darmos sinal, nem mostra de nós, por não sermos sentidos até sabermos onde estávamos e se era a terra desta banda habitada ou não.

Ainda que estes trabalhos que até aqui passámos pareçam em si, aos que os ouvirem e lerem, mui grandes (como de feito são), todavia os castelhanos já dizem «*que todos los duelos con el pan son buenos*». Sofremo-los com comer alguma cousa, ainda que pouca, de pão, vinho, queijo e carne, que à custa del-Rei se tomava às partes e a quem o tinha, com que se passavam os enfadamentos do mar e comprida viagem, com as esperanças de chegar cedo — cousa de que mais se vive e alimento de que se sustém todo o mundo; mas cotejar os daqui por diante, a cabo já de gastados os homens do trabalho de dez meses do mar, sem trazerem nem comerem senão bem pouco pão e todo podre, distam uns dos outros como do vivo ao pintado, do negro ao branco, e do céu à terra. Assim, que *hoc opus hic labor est*, mas quem (ai de mim), renovando a memória de tão triste dor e querendo com a língua exprimir e falar tais cousas de mortes, fomes e misérias, das quais eu não fui a menor parte, pois no extremo de todos os males me achei sempre, se temperara das lágrimas, e refreara delas!

Mas já que prometi escrever todos nossos infortúnios, desastres e acontecimentos, e cada um dos que estes nossos trabalhos lerem desejará ver o fim e remate de tão estranhos e novos sucessos e novas invenções de mortes, ainda que meu ânimo em os repetir e lembrar se espanta e com os soluços o recusa, e de si mesmo foge, contudo os referirei com a maior verdade que em mim for, e a memória mo lembrar, pois ela naturalmente é tão débil e fraca em todo o humano e mortal.

Logo nesta noite, sendo a maior parte dela gastada, ajuntando-se o capitão, o padre, o mestre e o piloto com algumas pessoas principais de muita prudência e conselho, para se entender no que se devia e podia fazer para bem de todos, começou a haver alvorôço e reboliço na gente, e fazer-se em magotes e companhias, cuidando que os principais se queriam acolher no esquiife e deixá-los a êles sós em terras tão deshabitadas e não sabidas de nenhum do arraial. Pelo que houve logo vigia e guarda no esquiife e cada um procurou o que lhe parecia ser-lhe necessário e cumprir-lhe à sua salvação, fazendo e dizendo cousas como a vontade e tempo lhas pedia, desembainhando espadas, ameaçando com elas nuas cada um ao maior amigo de que tinha má suspeita, não se fiando irmão do irmão, nem nenhum de cousa viva. Assim que *non hospes ab hospite tutus, non socer à genero, fratrum quoque gratia rara erat*, como diz Ovídio; e o que fazia maior desconfiança, e danava mais as vontades tôdas, era lembrar-lhes que o mestre e sota-piloto, seu sobrinho, da outra vez que se perderam na Algaravia em uma ilha deserta no meio do mar, se acolheram no batel serenamente, às escondidas, com o capitão da nau, Francisco Nobre, e alguns bem poucos, e tôda a mais gente pereceu, e se não soube mais, nem acertaram nem deram nunca com a ilha. Uns diziam que não havia aí já capitão; estes eram os homens do mar, principais causadores do

motim, e diziam que matassem as mulheres ou as deixassem, e se fôsem por terra, com outras mil pragas, assim a elas como aos que consentiam que se embarcasse alguma no reino, com outros muitos pareceres mui diferentes. Neste modo andava a cousa, e neste estado andava também a discórdia, pondo e mexendo tudo, em tempo de tanta necessidade de pedirmos a Deus misericórdia e remédio de salvação. Assim há sempre, em tôdas as novidades e novos sucessos, vários e mui diversos pareceres no povo, segundo Virgílio na sua Eneida diz acontecera aos troianos no cavalo fabricado e deixado dos gregos. Pelo que não havia aí nenhum que houvesse em tal tempo e necessidade inveja ao Lince, e que não penetrasse mais do que êle, vigiando o esquiife e o que se fazia, com os olhos sempre sôbre o ombro, comendo em pé o queijo e azeitonas e outras cousas que o mar deitava fora, de que tôda a praia era cheia, bebendo vinhos moscatéis e cândias, singulares e excelentes, que por aí se entornavam e acrescentavam as águas marítimas.

Nestas suspeitas e ajuntamentos se gastou êste dia com nossa vigia, assim dos inimigos como a de uns pelos outros, muito suspeitosa e muito ambígua de ser certa ou não ser, pois não havia ali quem se crêsse nem confiasse de si mesmo; até que ao outro dia, em rompendo a alva, o padre Manoel Álvares chamou e convocou a todos, e diante de um altar que feito tinha, com um retábulo de Nossa Senhora, começou a fazer prudentemente, com palavras dignas de tal varão e a tal tempo necessárias, uma amoestação e breve fala, para reduzir todos à concórdia e unanimidade, dizendo :

«Caríssimos irmãos em Cristo, trago-vos à memória aquêle santo dito do Evangelho, que *omne regnum in se divisum desolabitur*, e com a concórdia é tão certo que as cousas pequenas e mui mínimas se fazem muito gran-

des e duráveis, e com a discórdia as cousas muito grandes se desfazem e diminuem e tornam em nada. Devia-vos, irmãos, de lembrar que em tôdas as outras naus que se perderam no Cabo de Boa Esperança, como foi o galeão S. Bento e outras muitas, uma das cousas que destruiu e totalmente matou a gente delas foi a discórdia que entre si houve, fazendo-se e dividindo-se em magotes, e entregando suas armas e confiando-as aos inimigos de nossa santa fé, bárbaros e cruéis, e tão cobiçosos do nosso sangue. Não diminuamos nossas forças, pois *virtus unita fortior est quam se ipsa dispersa*. E pois somos próximos, todos irmãos, e de tanto tempo companheiros, em tão breve lugar onde tantas fortunas havemos passado e corrido, penetrando a grandeza tôda do Oceano, com todos os perigos e tormentas, quantas outros jámais sofreram. E assim espero e fio na muita misericórdia de Cristo, e em sua Santíssima Morte e Paixão, sermos todos juntos, no céu, seus mártires e seus cavaleiros os que aqui acabarmos, pois assim nos escolhe o Senhor para a Glória e para êle ser melhor servido, e seu Santo Nome glorificado, e nos pôr a salvamento em terra de cristãos, livrando-nos de nossos inimigos com seu braço forte. Pois, tendo a êle por nós, *quis contra nos?* É-nos, caríssimos, muito necessário, e cousa importantíssima, termos uma cabeça todos, de que os membros se rejam e governem, e a que obedecemos, por não sermos corpos sem almas; e para isto haver efeito, eu por minha ordem e hábito, com conselho de todos os principais, olhando o que mais pertence e é proveitoso ao nosso bem comum, digo que elejamos e criemos por nosso capitão o que foi até o presente soberano para tudo, ao próprio Rui de Melo da Câmara, pois para o ser basta só ser feito da mão da Rainha, nossa senhora, e haver-lhe entregue ela esta sua nau e gente, que ela e El-Rei seu neto, nosso senhor, tanto estimam e prezam, sob cuja capitania e ban-

deira até aqui havemos militado, e que elle tem dado mostras de singular e humaníssimo capitão; pelo que não há aí a quem melhor se entregue, e com razão, o tal cargo; o que tudo crede vos não digo, nem conselho, senão por bem de todos, e segundo minha consciencia e alma, e como religioso, e da Companhia de Jesus, que estimo tanto e quero a salvação da vida e da alma do menor escravo cristão, que entre nós há, como a minha própria; e já de mim deveis ter conhecido, pois de todos sou padre espiritual, se vos falarei verdade ou não, e desejarei vossa salvação; e para de todo vos tirar má suspeita em minhas palavras, pois são puras e limpas, e ditas como de pai a filhos, eu vos juro, quanto a mim, e vos prometo por minhas ordens, desta ilha me não partir nunca sem todos juntos.

O que acabado, perguntou a todos, em voz mui alta, se haviam assim por bem o que havia dito, ou não, e que respondessem claramente. O que ouvido, a uma voz responderam todos juntos com muitas lágrimas, como em toda a oração se derramaram sempre, que fôsse seu capitão Rui de Melo da Câmara, e assim o juravam, e prometiam àquella imagem Santíssima de Nossa Senhora, cumprir e obedecer a seus mandados, como de seu Rei e Senhor; o que ouvido do padre, se pôs em continente de joelhos, vendo o fruto que de suas palavras tirara e recolhia, dando-lhe, primeiro que outro nenhum, a obediência, com algumas falas e grossas lágrimas, que por suas venerandas e honestas faces lhe caíam, as quais o capitão acompanhou com outras muito maiores, e o levantou e abraçou, como fêz com todos, um por um, dando-lhe e jurando-lhe a obediência com tantas lástimas, lágrimas e suspiros tão alternados, que não ouve nenhum que não derramasse e estilhasse por seus olhos muito mais do que no princípio cuidou, porque nenhum coração ouvera aí tão inhumano, ainda que criado entre tigres lá nos deser-

tos de Hircânia, alimentado com o leite das víboras, que não abrandasse e comovesse, e rasgasse de todo em mil partes, lembrando-lhe onde estava — em terra tão remota inhabitada, nas derradeiras partes do mundo, um tёрço de grau da banda do Sul, no meio da ilha de Samatra, onde o piloto veio a varar — cercado de tódas as partes de inimigos, para onde quer que houvesse gente.

O que tudo acabado, jurou o capitão em um livro, em que pôs a mão, dos Santos Evangelhos, e pela Imagem Sacratíssima da Virgem Nossa Senhora, de se não bulir, nem partir daquela ilha, nem mover o pé, sem o mais pequeno da companhia, o que depois tudo passou tão diferentemente do que então o cuidaram, como direi e se verá a seu tempo. Assim ficaram os inquietados ánimos, metidos em mar de tantos pensamentos, algum tanto quietos e aliviados do seu desassocego, e seguros de suas suspeitas, mas não os já costumados a estas desaventuras e más fadas.

Isto acabado e quieto tudo, chegou logo o capitão a um Álvaro Freire, criado del-Rei, nascido lá na Índia, e de pais portugueses, filho de um Simão Álvares, boticário que foi del-Rei nestas partes, homem costumado a trabalho e fragueiro nêle, e gentil nadador, que fósse à nau, com todos os que sabiam nadar e mergulhar, a buscar e tirar mantimentos, munições e aparelhos, e todo o mais necessário para nosso remédio e sustentamento; o que logo foi feito e pôsto em ordem, e o esquife com outros por outra parte, trazendo uns o que podiam à terra, e outros recolhendo o que os outros traziam a nado da nau; e os mais recolhendo e apanhando o que estava pelas praias. Assim se punha tudo em um monte, trabalhando todos sem haver af exceção de pessoas, todos igualmente; os que não sabiam nadar, trazendo às costas e tirando do mar, com a água que lhes dava pelo pescçoço, o que achavam por êsses recifes, mui longe uma e duas léguas,

por calmas que assavam os homens e chuvas com contínuas trovoadas debaixo da Linha, terra humidíssima e peçonhenta, e apaülada tóda, e em extremo grau relaxada, metidos continuamente na água salgada, onde ao longe achávamos de mistura com barris e caixões os corpos mortos de nossos amigos e parentes, com os olhos e todos os membros quebrados, e em pedaços, que o mar de si deitava, aos quais nas praias e suas areias dávamos sepultura o melhor que podíamos, arvorando-lhes suas cruces às cabeceiras; assim que com o trabalho contínuo e imenso vencíamos tóda a obra, por grande e dificultosa que fôsse, verificando em tudo aquêles tão celebrados versos do Poeta, que dizem :

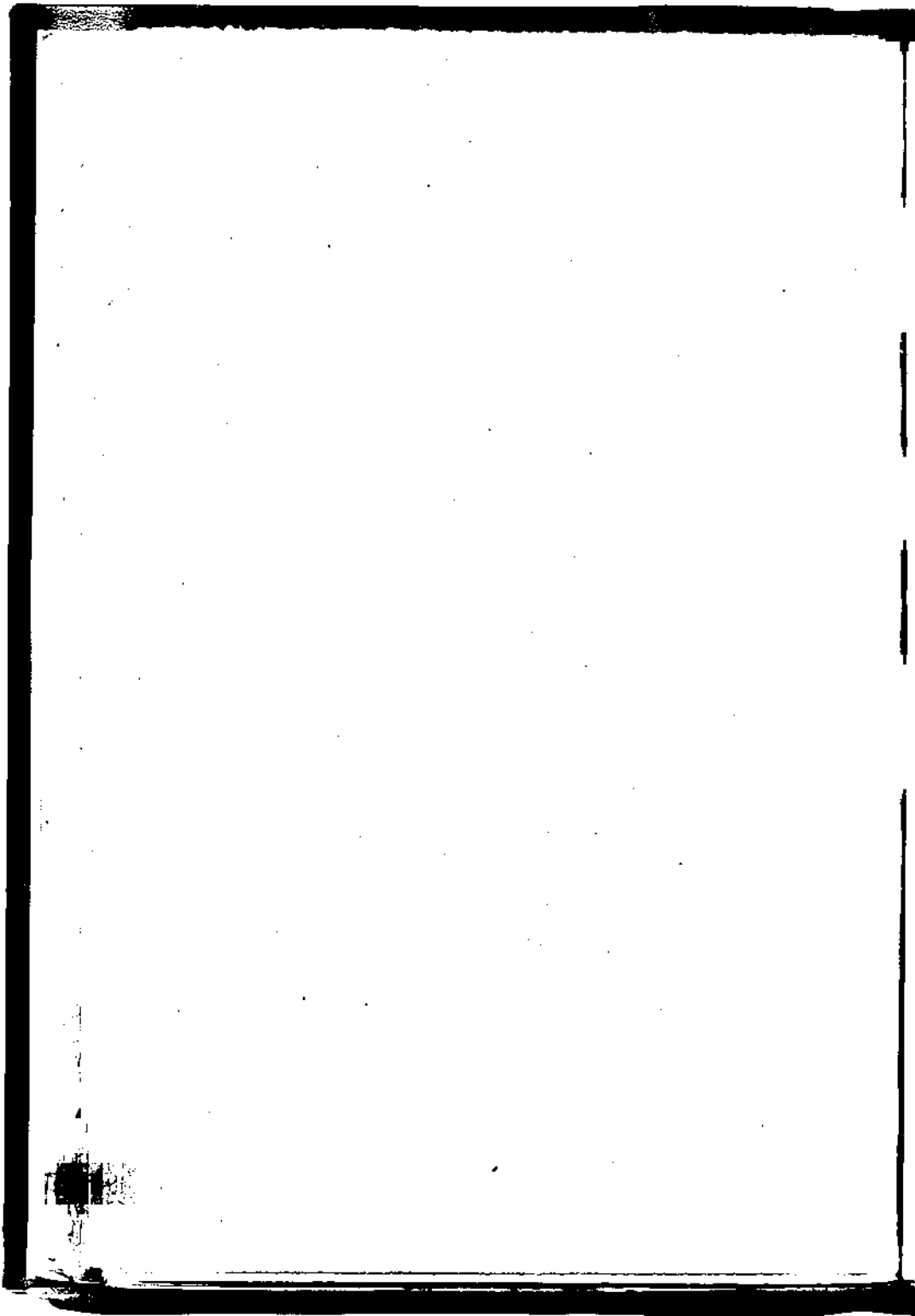
*Omnia sunt hominum tenui pendentia fito,
Et subito casu quæ valere ruunt.*

Proveu-se logo também em ir o mestre e piloto com algumas poucas pessoas a correr a ilha tóda ao redor, e que vissem o que lhes parecia e achavam nela, e onde seria melhor e mais decente lugar a nossa habitação, para assentarmos nosso arraial e fazermos nossas embarcações, como com a ajuda de Deus esperávamos fazer para nossa salvação; os quais não tardaram muito, vindo com novas de ser tóda a ilha deserta e mui rasa, tóda de coral branco, por dentro do mar, de meia légua em circuito, de espêsso e infinito arvoredado, verde e medonho em si, em que havia árvores tão grandes e tão altas e grossas, que subiam às nuvens e parecia esconderem suas altíssimas pontas dentro nelas, com haver muitos e muitos destes que seguramente cada um dêles podia emmastrar do maior mastro uma nau do reino, tão direitos que pareciam postos à mão ao nível; e havia em tóda a ilha muitos bugios pardos e pretos, e os mais dêles brancos, os quais tanto que fomos sentidos se acolheram ao mais

alto das árvores, andando por seus cumes, saltando de umas em outras, sem haver aí cousa que os derrubasse. Só à espingarda mataram João Gonçalves e Bento Caldeira alguns, poucos, que depois se deram aos doentes; e é uma nojenta e ruim carne, de muito má digestão e pior sabor; e acontecia muitas vezes de noite descerem pelas árvores e virem-nos às choupanas a tomar o fato e pouco mantimento que cada um tinha escondido, com que com grande ruído e estrondo se tornavam a recolher, sem nunca se poder tomar nenhum, por mais espreitados e esperados que fôsem; por onde se verá ser certo o rí-fão que diz: « muito pode o galo no seu poleiro ». E por isto os bugios com seu natural instinto zombavam de nós, e, para melhor dizer, se vingavam e magoavam a alguns não pouco, com lhe levar o pobre mantimento. Assim que para dentro da enseada que já disse fazia um remanso e acolheita, defronte de Samatra, obra de tiro de espingarda, onde podíamos estar melhor que em outra nenhuma parte, e fazermos o que nos cumpria, e agasalhar-se a gente mui bem, alimpando primeiro desta parte algum arvoredo que chegava ao mar. O que tudo sabido, e visto mui bem do mestre e pilôto e outras pessoas, determinou o capitão — acabando de recolher os mais mantimentos de vinhos e azeites, e outras cousas que o mar trazia à costa, e outras que nós tirávamos, como as mais munições de velas, vêrgas, cordoalhas, que tudo trazíamos à terra, e o tabuado da nau para pregadura que muito havíamos mister — ir ver o sítio e assento do lugar para todos, para lá nos mudarmos.

Um dos trabalhos que no princípio tivemos foi guardarmos e vigiarmos este pouco mantimento uns dos outros, porque a todos se lhes tomou o que tinham e que lhes acharam, sem ninguém salvar mais que o que estava escondido muitas braças debaixo da terra pelo mato dentro; e assim em quartos o vigiavam pessoas de crédito e

confiança, com um padre da Companhia em cada quarto, porque todos houveram por bem ajuntar-se e ser tudo místico, cuidando que, tendo os padres a chave, se daria dele regra, ainda que muito estreita e apertada, quando houvesse grandíssima necessidade; a qual chave logo o capitão houve à mão com achaques e repostadas; tudo se consumiu e gastou, por quem talvez bem pouco trabalhou pelo salvar, perecendo muitos doentes à mingua; assim se escondeu e tragou tudo, com o achaque que se dava aos carpinteiros, calafates e ferreiros, e outros oficiais, que gastaram a menor parte do que era; mais, «em tal tempo, tal tento», e quem não souber negociar-se, e se acha assim mui ignorantemente, por mui discreto que seja, vendo-se nisto, se já o não passou, sucedendo-lhe semelhante caso, fica muito enganado consigo e com sua verdade.



*Descrição do sítio e maneira da
Ilha de Samatra desta ban-
da de fora donde nos perde-
mos; e assim também a fi-
gura e maneira do boqueirão
de Sunda por onde entrámos*

ESTA ilha de Samatra é mui grande em si, de trezen-
tas léguas de comprido, e oitenta até noventa no
mais largo, e no mais estreito largura de cinquenta
até setenta léguas. Tem seis graus para a banda do Sul,
e outros tantos para a banda do Norte; de maneira que é
de doze graus, e nós varámos e nos perdemos no meio
dela um tёрço de grau para a parte do Sul; em que se vê
bem claro quão mal acertou o piloto, devendo dobrar a
ponta de Gomes pela da mesma ilha, e ir demandar Cei-
lão, e daí a costa da Índia. Mas deixando queixumes vé-
lhos, e tornando ao que mais toca, está esta ilha posta e
encaixada no mar como uma cunha, entre esta terra firme
do Malaio, e tôdas as outras costas e ilhas de Jaoa, e ou-
tras muitas, como Ternate, Timor e Borneu, as de Banda
e as de Maluco, e outras que para estas partes do Sul lá

se navegam, assim dos que vêm da Índia para Malaca, que todos vêm pela banda de dentro, entre Samatra e a terra firme, que será de terra a terra doze até catorze léguas de travessa. De sorte que nenhuns habitadores destas partes, cá do Sul e Norte, podem navegar e sair para o mar Índico, nem os da costa da Índia entrar para estoutros mares e terras que já disse, nem China, nem Japão, Sião, e outras infinitas costas e terras firmes, e inumeráveis ilhas, se não vão à vista desta fortaleza de Malaca, e com sua licença, pois dela se vêm suas brancas velas; porque pela outra parte de fora, por onde nós viemos, atégora não é navegada, nem dos naturais da terra nem de outros peregrinos ou estrangeiros. Entra-se para dentro de estrouta terra tôda, vindo de mar em fora, como nós, para Jaoa e tôda a terra do Malaio, e outras ilhas e costas que já contei, por um boqueirão que as águas vêm fazer, e onde se ajuntam e apanham, onde se esgota a terra e fenece a parte do Sul de Samatra, e começa a correr para a do Norte, defronte de Sunda, a que se faz esta bôca, tendo uma goela em Samatra e outra na ponta da ilha de Jaoa.

A parte de Sunda, de que o boqueirão toma sua denominação e apelido, será a bôca na entrada de largura de três léguas ou pouco menos, com muitas ilhas no meio, sem conto, altíssimas e de muito espêso e grande arvoredo, e outros ilhéus infinitos. Correm aqui as águas tanto e saem com tamanho ímpeto e fúria para o mar Oceano, donde nós vínhamos, que parece cousa monstruosa de ver, e incrível muito mais de contar, porque correm com mais velocidade que a seta despedida de muito bom arco, e singular frecheiro; e assim acontece muitas vezes com as grandíssimas correntes esgarrarem para fora do boqueirão muitos juncos de jaus e chins, que por aqui perto pela banda de dentro navegam, que vão dar à ilha de S. Lourenço, oitocentas léguas desta paragem, da qual

gente a maior parte dela é povoada; pelo qual o que uma vez sai para fora fica com bem poucas ou nenhuma esperança de salvação nem remédio; o que tudo nós passámos, e donde Deus nos livrou em tão pequenas e fracas barcas, como ao diante se verá. Assim que desta parte donde nos perdemos é esta ilha rasa e de mui brava costa, mui suja e de muitas restingas e ilhéus, e de mato mui medonho, e de mui espesso arvoredo, que promete haver aí pela terra dentro muitos bichos peçonhentos e criar muitos animais espantosos, como em tôda ela os há.

E terra mui estéril, assim de todos os mantimentos dela, como de pescado do mar, do que parece serem causa as muitas chuvas e trovoadas, sendo também a mesma a de ser deserta e deshabitada desta parte; porque para tôdas as outras bandas do Sul e Norte é mui fertilíssima de todos os mantimentos do mundo e abundante de infinito pescado.

Há em tôda a ilha muitos reis, e assaz poderosos, entre os quais tem o primeiro lugar e o principado o de Achém; há nela tôdas as riquezas que os mortais ânimos cobiçam e desejam, muita cópia de ouro muito fino de Monancabo, de que vem todos os anos a Malaca doze e quinze quintais; e daqui (segundo alguns dizem e querem) era o ouro que Salomão mandava buscar, e que suas naus lhe levavam para a fábrica do Templo.

Tem muita pimenta, e melhor que a da Índia; muito gengibre e pau de águila e calamba, excellentíssimo e de muito grandíssimo preço; singularíssimo e mui fino beijoim de boninas, aljôfar, cânfora e outros muitos metais e pedras preciosas, e outras cousas mui estimadas de todos os da Europa. Há entre alguma gente desta ilha, perto de onde nos perdemos, uns a que chamam lampões, que comem carne humana, como os tapuias do Brasil, aos quais se parecem nos corpos, côres e feições; e estes andaram alguns dias connosco à caça. Todos os outros moradores

da ilha são homens mui polidos e bem tratados, e de muito boa razão. Corre esta costa pela banda de fora, desde onde nos perdemos até Sunda, Nornoroeste-Susueste; e está muito mal arrumada na carta, e tôda bem diferente do que achámos e corremos.

A vinte e sete do mês, uma manhã, foi o capitão com sete ou oito pessoas a correr a ilha e ver o lugar e sítio que diziam o mestre e piloto ser mais próprio e conveniente para nossas embarcações; o que visto muito, e parecendo-lhe melhor, mandou chamar alguma gente, e os carpinteiros com seus machados, com que cortámos desta banda muito mato, e alimpámos bom pedaço de praia do mar; e depois de limpo tudo, e consertando-o o melhor que pudemos, começámos a mudar o fato das primeiras estâncias para as outras, o que se fêz em três dias; e assim assentámos nossas choupanas feitas de rama e tabuado da nau, cobertas com panos, dos muitos que o mar de si deitava, que nos a chuva apodreceu em pouco tempo; e daí a alguns dias a necessidade nos ensinou a buscar de outra parte oia, que achámos muita boa, que é uma fôlha como de espadana, com que nestas partes costumam cobrir as casas.

Fêz o capitão com os seus achegados, que seriam até trinta pessoas e as mais delas das principais, seu aposento bem pegado com o mar, ao pé de uma palmeira; e logo a par da sua se fêz outra casa de almazém de mantimentos e munições, que se da nau puderam tirar, e do que se tomou às partes, que era mais vinho, azeite, azeitonas, e alguns queijos, de que deu cárrego a um seu homem, que por seu mandado dispensava tudo; e pegada ao almazem se fêz uma pequena choupana para os padres, e assim outras muitas para a mais gente, sete e oito em cada casa.

Tínhamos seis espingardas, chuços, piques, e muitas espadas, que se acharam nas arcas que o mar lançava

fora, que parece vinham nelas para vingança. E tanto que fomos aposentados, se teve logo conta com o que mais nos era necessário para nossa salvação, havendo conselho o capitão com todos geralmente; e feito alardo se acharam trezentas e trinta almas, o que visto, pareceu muito dificultoso fazer-se embarcação para tanta gente, e não haver aí mais mantimentos que os que já disse, e uma pouca de farinha de pau, do Brasil, o que tudo se guardava para os officiaes, para o tempo do trabalho, e a terra ser muito estéril. Pareceu bem e mui necessário cortar o esquite e fazê-lo maior, e mandá-lo a Sunda a pedir socorro, com pessoas de crédito e confiança, que era a parte mais perto de nós para onde os portuguezes cá navegavam, onde sempre estiveram alguns. A qual ida não teve efeito por differenças que sobre ela tiveram; e assim se ordenou ver se podíamos tirar da nau alguma parte do batel grande e tôdas as vêrgas, armarras, enxárcias e velas, com o mais tabuado e pregadura de que tínhamos necessidade, e cabos para estopa, o que tudo se fez com imenso trabalho.

Não se deixavam por uns trabalhos outros, e a tudo se provia logo com tempo; e cada um descobria o para que era e aproveitava. O piloto, como ourives que foi, ordenou dois pares de foles com couros de guadamecins e botas, e assim se fez ferraria. Capitão dos ferreiros era um fidalgo por nome Rui de Melo, dos quais eram três mestres, e quatro ou cinco ajudavam à obra. Dos grumetes escolheram oito para fazer carvão, o qual faziam tão bom ou melhor do que se gasta em Lisboa; tinha cargo deles um António de Refoios. Também se ordenaram e escolheram doze homens para serrar algumas vêrgas e mastro e fazer tabuado; e de alguns montantes que se salvaram fez o condestável Fernão Luiz duas grandes seras, com que fizeram mui gentil obra e fermoso tabuado; também estes tinham seu capitão de qualidade e autori-

dade, para os prover do necessário. Todos os trabalhadores tinham sua regra, ao jantar e ceia, de vinho, azeitonas e mariscos que lhes iam buscar, e outras cousas. O capitão ficava por sôbre-roda de todos, e tôda a mais gente andava pelas praias e matos, donde traziam muita madeira e grandíssimas vigas, não havendo quem perdoasse ao trabalho, nem fugisse dele: os homens ocupados no que já disse, e as mulheres e meninos em molhar e desfazer cabos e fazer estôpa. E com indústria de um negro guzarate do mestre, grande mergulhador, tirámos do fundo da nau, onde a artilharia vinha por lastro, oito berços com nove câmaras e muitos pelouros, e dois falcões com outras duas câmaras, e um falcão pedreiro, e os cinco barrís de pólvora que atrás disse; e com esta artilharia, e gente em suas quadrilhas, se ordenou a vigia do arraial.

Fizemos também com grande fervor e devoção uma igreja coberta de ola, muito boa e forte, e as paredes paramentadas de panos de Raz e paninhos de Flandres, que da nau se salvaram, e ornamentos singulares de veludos e setins, que se fizeram galantes e mui bem feitos; os quais benzeu o padre Manoel Álvares, que tinha poder para isso. Tínhamos todos os dias missa, e aos domingos prêgação, e tôdas as noites ladainhas, e às quartas e sextas-feiras procissão em que muitos se disciplinavam.

Acabado de acrescentar o esquife, que não foi a Sunda, como estava determinado, pusemos em ordem a embarcação grande sôbre um pedaço de proa do batel, e seria do tamanho de uma caravela das de Alcácer, que vêm com trigo a Lisboa, e nos pareceu capaz de caberem nela, como melhor pudessem, duzentas e sessenta pessoas; porque às outras sessenta e tantas dávamos o esquife e uma galveta do seu tamanho, que fêz o sota-pilôto por sua indústria e trabalho; e o que fêz sofrer às gentes tão imensos trabalhos como se tiveram no fazer daquela embarca-

ção, com muitas calmas, chuvas e tempestades, e por cima de tudo com muita fome, foi a esperança que todos tinham de se embarcarem e salvarem-se nela, porque se souberam ou suspeitaram o que ao diante sucedeu ninguém lhe pusera mão à obra; e muitas vezes dividindo-se em magotes e companhias o quiseram fazer, se o padre com sua pregação e prudentes palavras não reduzira todos à concórdia e amizade.

Sustentava-se a gente todo êste tempo com algum queijo, azeitonas e vinho, que o mar lançava fora, e algum marisco, e tremoços por curtir, e caranguejos da terra a que comíamos somente as pernas e cabeças, que o corpo amargava muito; coziam também ervas com azeite, que lhes tirava muita parte de sua malícia e venenosidade, e assim dos palmitos bravos; e enquanto houve estas cousas foi grande alívio à fome; mas gastados em poucos dias, não ficando por experimentar e rebuscar nada, corrido já tudo, determinámos buscá-lo da outra banda de Samatra, pospondo todo trabalho, por não ter guerra e fazer pazes com tamanho inimigo como é a fome.

Ia-se buscar mantimento da outra banda, correndo a parte do Sul seis ou sete léguas, onde andavam os homens buscando algum marisco, quatro e cinco dias metidos na água até à cinta, mariscando de noite com morrões e candeias, frigindo o peixe que tomavam, porque não durava nem aproveitava de um dia para o outro, pela grande quentura e humidade e por não haver sal.

Já neste tempo a terra ia dando mostras de si, porque nos começou a morrer gente; e foram os primeiros um João Rodrigues, natural de Lisboa, e João Dias, que vinha com a filha de António Pessoa, Vedor da Fazenda, e daí por diante outros muitos. E aos treze dias de Fevereiro, andando uns três homens marinheiros mariscan-

do, obra de três léguas da banda do Norte, acharam uma almadia com dez negros, dos quais andavam pela praia cinco ou seis apanhando pregos da madeira da nau, e outras cousas que o mar lançava fora, e por acenos falaram com êles, que nunca puderam entender, nem por mimos que lhes fizeram os puderam trazer consigo ao arraial; e vindo um dos marinheiros dar rebate ao capitão, passou logo na almadia com o pilôto e um jau seu, que ambos falavam muito bem a língua malaia, e defendeu que não passasse mais gente, e todos ficassem em guarda do arraial.

Foi muito para ver o fervor com que tôda a gente, ou a maior parte dela, passou da outra banda, sem haver quem lho defendesse, não consentindo ir assim o seu capitão só, passando os mais a nado com os piques e espadas na bôca, outros pelo vau com a água pelo pescoço, cuidando que os inimigos eram mais, e temendo-se de algum engano ou cilada; e daí a uma légua e meia encontrou-se o pilôto com dois deles, que com os nossos marinheiros estavam assentados na praia, praticando por acenos, e os outros não ousaram chegar e se tornaram ao parau. E assentando-se o capitão com êles, lhes perguntou que terra era aquela, e onde estavam; e disseram que era uma ilha de obra de doze léguas, pegada com Samatra, e que êles viviam e tinham suas estâncias e povoação mui perto do nosso arraial; mas nunca por mais rogos nem meiguices quiseram vir a êle, o que prometeram fazer ao outro dia com alguns mantimentos da sua terra. E assim despedidos com algumas peças que o capitão lhes deu, foram fazer invejas a seus companheiros.

Ao outro dia, catorze do mês, em amanhecendo, veio ter à ponta que já disse, da outra de Samatra, defronte do arraial, uma lancha com vinte negros, de que os dez eram os que o dia de antes vimos; e pelos segurar lhes mandaram dois marinheiros em reféns, e vieram outros

dois seus a nós; e apartada toda a gente, ficou o capitão com eles, e o piloto, e lhes perguntaram ao que vinham e que traziam para vender. Ao que responderam não trazer nada, por não terem ainda tempo para tornar à sua terra, mas que queriam saber de nós que gente éramos e para onde fomos. Os quais informámos de nossas desaventuras, que éramos portugueses, que fomos para Malaca, e queríamos deles mantimento por nosso dinheiro, e alguma embarcação que lhes seria muito bem paga; o que eles prometeram tudo em abundância, uma cousa e outra, mas nunca puderam acabar com eles que ficasse algum connosco enquanto os outros iam buscar o que prometeram; e assim se despediram com vinte barretes vermelhos e uma peça de pano verde; e o capitão os mandou levar à lancha, e trazer os marinheiros. Mas esta era muito má gente e de que se não podia fiar nada; e ficamos enganados com eles; e nos dias que aí estivemos nos mataram e comeram alguns homens, sem podermos colher à mão nenhum deles.

Aos dezanove do mês veio um temporal tão desfeito, que fez a nau em mui miúdos pedaços sem dela sair cousa que aproveitasse, salvo madeira, pregadura, cordas e amarras, e uma pipa de breu que nos fez ricos e contentes para tal tempo.

Estando já a nossa embarcação grande para se poder deitar ao mar, mandou o capitão chamar toda a gente que estava espalhada pela banda do Sul até oito e nove léguas, para a ajudar a deitar ao mar, a qual chegou a dezóito de Março à tarde, toda bem triste e anojada; seriam mais de setenta homens, todos feitos em um esquadrao; e a causa desta tristeza era que, vindo a par do rio da água doce, acharam dois corpos de homens mortos, dos nossos, na praia, sem cabeças nem mãos esquerdas, e toda a polpa das pernas fora, com muitas crisadas e arraiadas, que os negros essa madrugada mataram, an-

dando êles mariscando; e no caminho acharam um marinheiro de sua companhia, que ia fugindo.

Ao outro dia, dezanove de Março, estando prestes para deitar a embarcação ao mar, e ela muito embandeirada com muito fermosas bandeiras que lhe fizemos, acabada uma missa que dentro nela disse, o padre Manoel Álvares a benzeu e lhe pôs nome Nossa Senhora da Salvação. E repontando a maré, foi ao mar sem nenhum dano nem perigo, tão bem feita como o pudera ser na Ribeira de Lisboa, com que nos dava muito alegre mostra, por nos mostrar tão bom fruto de nosso trabalho, em que, depois de Deus, tínhamos tôda a esperança de nossa salvação. E sendo amarrada, que demandaria meia braça de água, disparou tôda a artilharia, que alterou o ânimo dos homens e criou em nós novos espíritos, de quão derribados os trazíamos.

Estando tudo prestes, assim a embarcação grande como o esquife e galveta, a vinte de Março, pela manhã, depois de recolhida a artilharia e feita a aguada, partiram do arraial para as estâncias vélhas as embarcações, com o capitão e oficiais e as mulheres dentro, para lá recolherem tôda a mais gente.

Antes de todos serem dentro, ficando ainda algumas pessoas em terra, o navio grande não regia, com a muita gente que nêle estava e não cabia; e se qualquer homem bulia, se ia logo à banda e sossobrava; e a causa era quererem em uma embarcação tão pequena fazer câmaras e retretes para D. Francisca e a filha de António Pereira, e outras mulheres, e além dêste achaque levarem muita fazenda, e bem mal adquirida, com a qual se tinha mais conta que com a vida dos homens; e, por não praguejar, não direi acerca disto, pois o não posso fazer sem prejuízo de partes.

Ficámos todos mui confusos e desconsolados, porque o tempo não permitia estar mais neste lugar; o que ven-

do, o mestre e calafate, mui antigos no mar, disseram à gente que bem viam como estavam empilhados e em quão manifesto perigo se punham se assim caminhassem, que muito melhor era ir por terra e morrer nela, que não no mar; e que eles assim o queriam fazer e fariam companhia aos que quisessem caminhar; cousa em que alguns, pouco experimentados, temerariamente consentiram, pois tudo o que eles diziam era falso como se logo viu. Sobre a noite tornaram a rebocar o navio para dentro da enseada, onde já tôdas as choupanas estavam feitas pó e cinza, porque lhes pusemos o fogo antes que partíssemos; e chegados fêz o capitão sair tôda a gente a terra, deixando dentro algumas pessoas particulares com as mulheres, onde êle também veio, amesquinhando-se e chamando-se mofino de seu trabalho sair em vão, e que havia mister ir gente para terra, com que êle também iria; ao que o padre Manoel Álvares respondeu que, já que assim era, desfizessem o paiol e o gasalhado de D. Francisca e outras mulheres, que tomavam até o pé do mastro, e fôssem todos juntos, conforme ao tempo, e não houvesse exceção de pessoas, senão para salvar as vidas como melhor pudessem, e deitassem ao mar uma jarra que tomava meio navio, que o pilôto levava cheia de azeite, que êle dizia ser de água, e, pois havíamos de ir ao longo da costa mariscando e buscando algum mantimento, que não faltaria água, e duas pipas bastavam com alguns barris para resguardo, e assim caberia tôda a gente, e, quando não coubesse, se faria o que melhor parecesse a todos. Ao que o capitão respondeu que assim era muito bem que se fizesse e se recolheu ao navio com muitos de sua sevadeira (e outros, que entenderam o negócio, se foram também com êle), donde, bem alta noite, mandou chamar alguns seus amigos com os padres, que cuidaram que eram chamados para conselho. E em rompendo a alva acudiu tôda a gente à praia, esperando de se embarcarem ou verem o

que se determinava; e o capitão, do navio onde estava, lhes disse de largo que era necessário irem por terra cento e cinquenta deles, por se não poder escusar, nem fazer outra cousa; e que êle os havia de esperar à enseada grande, oito ou nove léguas daqui para a banda do Sul, onde já alguns tinham chegado, e aí fariam outra embarcação, achando algum género de mantimentos; ao que os da terra corresponderam que saísse êle fora a os ordenar e dar capitão, lhes desse armas com que se defendessem, pois as não tinham e as haviam mister, e que recolhesse os meninos e doentes, que todos estavam em terra, os quais não podiam caminhar por ela. O qual tornou em reposta que não era já tempo de sair em terra, e quanto às armas lhes daria das que pudesse, e assim alguma cousa para os doentes. O que vendo a gente, e seu mau propósito, lhe pediu que lhes desse um dos padres e João Gonçalves ou António Dias; e parecendo-lhe que João Gonçalves o não aceitaria, recorreu a António Dias, prometendo-lhe, e ao padre Manoel Álvares, de ao outro dia os ir tomar à enseada que já disse, onde os mandava esperar; o qual aceitou de muito boa vontade, como valentíssimo homem que era, e mui robusto da sua pessoa, de mui boa vida, antigo na Índia e havia já invernoado em Sunda, era casado em S. Tomé da costa de Coromandel. E logo êle saltou no esquife com seu astrolábio, compasso e quarteirão (que tomava bem o sol), por lho a gente assim pedir; porque haviam por graça esperarem na enseada, vendo que se acolhia, e com êle Tomé Jorge, valente mancebo natural de Lagos, com sua espingarda que o capitão lhe deu, e assim também a bandeira das Relíquias, e o padre João Roxo Valenciano com um Crucifixo nas mãos, e assim também outro padre de sua Companhia, chamado Pedro de Castro, bom homem e virtuoso, que connosco veio do Brasil com desejos de ver a Índia. Assim os deitaram no esquife da banda de Sama-

tra, dizendo aos da terra que passassem pelo vau enquanto tinham maré vazia e o podiam fazer, e se acolhessem todos à bandeira que os esperava.

E deitando-se alguns a nado às embarcações, que os recolhessem, o não quizeram fazer, podendo, e lhes defenderam com muitas pancadas e espadeiradas o chegar a elas, com que deram ao mar com outros, que iam já nelas apegados, podendo ainda levar mais de sessenta homens e deixando em terra meninos e doentes, sem consolação nenhuma, e nem partiram connosco das armas que levavam. Foi este um cruel feito, miserável e muito lastimoso, e outro segundo naufrágio, e o mais triste aparramento que se nunca viu, ficando às mulheres seus maridos em terra; e a outros, pais e filhos, irmãos e amigos, segundo a sorte foi de cada um; e todos sem esperança de se verem mais uns aos outros. Eram as lágrimas, gritos e clamores tamanhos, que penetravam os céus. E porque não pareça que por ser um dos que em terra ficaram praguejo, deixarei de tocar muitas cousas mal feitas, dignas de muita piedade.

Passados logo todos da outra parte de Samatra, pelo vau, onde estava a bandeira, deixando cada um seu fatiinho por ir mais despejado e leve, cada um com as armas que tinha, sábadò, véspera de Ramos, começámos nosso caminho com o Crucifixo diante, que o padre levava, por terra para a parte do Sul, a derrota de Sunda. Éramos cento e setenta e duas pessoas, entre as quais havia muitas de qualidade; e as do mar eram, no navio grande, cem pessoas, duas mais ou menos, e na galveta dezoito, e no esquife quinze.

As embarcações com vento fizeram-se ao mar, e este dia e o seguinte, que foi dia de Ramos, andaram bordejando defronte da ilha donde saíram. Indo assim nosso caminho, chegando ao rio da água doce, que dantes se passava a nado, pôsto que de maré vazia, determináva-

mos fazer jangadas, com outra que já nêle lá estava, para passarmos além; e metendo-se alguns nêle para passarem a nado, foram tomando pé, achando-o em todo êle; e assim se puseram da outra banda, dando a nova de tão manifesta mercê, como esta era, e em que Nosso Senhor começava a usar connosco de suas grandezas e misericórdias.

Passados da outra banda do rio, em dobrando uma ponta que metia bem ao mar, vimos tornar a nós a galveita, de que se deitou a nado com muito perigo Pero Luiz, escravo do mestre, que vinha ver se podia falar secretamente com algumas pessoas a que nas embarcações iam grandes penhores. Com a qual vinda houve entre nós grandes brigas e contendas, porque logo antes de chegar houve muitos que arrancando das espadas se puseram a guardar a praia, e que se não deitasse ninguém ao mar, pondo as espadas nos peitos aos que se chegavam à borda da água; e ao negro defenderam que não saísse fora, e se não que o matariam. E da água disse, da parte do capitão, que sendo caso que ao outro dia o não achassem na enseada, onde dissera, que fôssemos avante até umas ilhas, que seriam mais de vinte léguas. Ao que dando em resposta o que àquêles e ao padre bem pareceu, quasi por força o fizeram tornar a embarcar; e aquela noite nos agasalhámos ao longo da praia, boas quatro léguas donde partimos, comendo alguns sagüins brancos que achámos.

Ao outro dia, rompendo a alva, começámos a caminhar sem ordem nem concerto, trabalhando cada um de chegar primeiro à enseada, que seria daí boas cinco léguas, parecendo-lhe que nisto estava sua salvação; à qual chegamos a pouco mais de meio dia, atribulados e cansados pelo ruim caminho que andámos, quasi sempre com a água pelos peitos, por arrecifes mui grandes e pedras tão agudas, que levávamos os pés abertos com mil cutiladas que penetravam o vivo, a que não havia outro

remédio senão embrulhar os vestidos nêles; e com a der nos esquecia buscar de comer.

Chegando à enseada, e não vendo cousa viva, nem na terra nem no mar, creu a gente o que lhes vinham dizendo alguns experimentados naquelas cousas — que se não apressassem tanto, e repousassem, e tomassem o caminho mais de vagar em que ainda então entravam — o que tudo não bastava para quererem repousar, e deitavam pelo meio da calma, que nos assava vivos, por dobrar a ponta, onde chegámos ao pôr do sol, bem fracos e relaxados, e nos aposentámos ao longo de um pequeno regato, refrescando-nos com água e alguns palmitos mansos, de que nos fartámos, e nos houvemos com êles por mi ditosos e contentes, determinando de caminhar daí por diante com melhor ordem, assim para buscar algum género de mantimento, como também por segurar nossas vidas dos inimigos.

Juntos ao outro dia pela manhã, ordenámos e fizemos nosso capitão António Dias, que já o era, e alferes a que se entregasse a bandeira, e ouvidor que entendesse e determinasse as diferenças, do que se fêz auto assinado por todos.

Começamos nosso caminho nesta ordenança: ia diante o alferes com a bandeira das Relíquias, com cinqüenta homens dos mais esforçados e sãos, com uma espingarda e alguns piques e dardos fostados; após estes, um tiro de pedra, iam os padres com o Crucifixo, e vinte homens com êles, com outra espingarda, e levavam entre si todos os meninos e doentes, com honesto passo; e detrás ia o capitão com o guião e tôda a mais gente. E para se buscar de comer iam obra de cinqüenta homens mariscando pelas praias e arrecifes.

Desta maneira fizemos nosso caminho, atravessando êste dia um mato mui espêsso de uma légua e meia; e andando algumas seis léguas, já quási noite nos aposentá-

mos ao longo de um claro rio de água doce, de que nesta terra há muitos.

Neste mesmo dia foram as embarcações surgir entre cinco ilhas limpas, sem nenhum fundo nem baixo, e sobre a tarde se fizeram à vela para dentro de uma enseada que defronte tinham, mui grande, que teria na boca doze léguas de ponta a ponta; e surtos, mandaram à terra buscar água, que acharam muito boa; e já bem tarde viram uma vela grande ao mar, que vinha surgir entre as mesmas ilhas, onde também parece queria fazer aguada, como quem sabia a terra. E tanto que o capitão houve vista dela, fez equipar e fazer prestes ambos os batéis: no esquife meteu Rui de Melo, o de Banda, e Cristóvão de Melo, filho de Rui de Melo, que foi capitão da Mina, Rui Gonçalves da Câmara, João de Sousa, e outros, que seriam até vinte e três homens; e na galveta foi João Gonçalves e com ele Bento Caldeira, Baltazar Marinho e Lourenço Gomes de Abreu, seu irmão, e outros que faziam número de vinte e cinco homens, com algumas painelas de pólvora, que se puderam remediar em caqueiros velhos, e um china do piloto que sabia muito bem a língua malaia, que se entende por toda esta terra. E os encomendou a Deus e que fossem saber deles quem eram e onde estavam, e se fretariam aquela embarcação ou se lha venderiam, ou outra alguma, para tornar pela gente. E, quando não, lha tomassem pela força de armas, porque não havia nas embarcações cousa do mundo para comer, que depois que partiram do arraial só sete tremoços e cinco azeitonas, com meio côco de água, comia cada um em cada dia; de maneira que vinham todos com muito perigo das vidas, mas Nosso Senhor, que nunca faltou em tais tempos, veio com misericórdia e trouxe este junco, e depois outros, para se salvarem os da terra, porque de outra maneira nos não pudéramos salvar, nem se soubera nunca de nós, ainda que fomos mil homens e muito bem armados.

Partidos os nossos à bôca da noite, com bom luar que fazia, chegaram às onze horas ao junco, que estava afastado dos nossos mais de três léguas; e os negros estavam já postos em armas, aos quais o nosso língua perguntou que gente eram, ao que nunca responderam; e perguntados se venderiam aquela embarcação e alguns mantimentos, disseram que não eram mercadores, senão gente de guerra e achéns, como que com isso os temeriam, porque tôdas estas nações da banda de Samatra os temem como a próprios demónios, e têm feito muitas guerras aos portugueses destas partes. E lançaram logo de si um grande chuvaire de setas, tôdas de peçonha, com que feriam muitos dos nossos, e os batéis ficaram todos encravados; e responderam-lhe com os berços pelos costados, a galveta de uma parte e o esquite da outra, e remando mui rijo a êles os abalroaram pela pôpa, onde foram de cima feridos de tantas azagaias e frechas, que foi necessário remarem atrás pelo muito dano que lhes faziam, por serem muito rasos e o junco muito alteroso, e não lhe chegavam acima quási com os piques, e afastados o varejavam bem com a artilharia; e ordenaram tomar-lhes o parau que por pôpa tinham, por não fugirem nêle; e abalroando-os outra vez por pôpa lhes tomaram o parau e deitaram dentro no junco algumas panelas de pólvora, que nunca tomaram fogo; e os negros pelejavam como valentes homens, não tendo em conta nada, e dando, a cada tiro que lhes atiravam, grandes apupadas; e da quarta vez foram abalroados e entrados dos nossos, fazendo-lhes mui dura resistência; entrou primeiro que todos um Bernardo da Fonseca, marinheiro, e após êle João Gonçalves, que o tirou das mãos dos negros, livrando-o muito mal ferido, e após estes entraram outros que os acabaram de vencer; e os mais se deitaram ao mar, onde se afogaram ou foram mortos dos nossos que nos batéis estavam; e acharam-se cinco vivos debaixo da co-

berta. Foram feridos dos nossos dez homens na galveta e cinco no esquite, e todos muito mal, a que valeu, para não morrerem todos, o pau contra a peçonha que levavam, que lhes deu o piloto, em que logo mastigavam e não morriam.

Havida que foi a vitória, que seria uma hora depois de meia noite, mandaram os capitães no parau do junco três homens com a nova ao capitão, que vinha já a remos em busca deles, a acudir-lhes, porque ouviu as bombardas e não os vendo cuidava que eram tomados; e com a nova deram todos graças a Deus, e o capitão se foi logo no parau ao junco a dar os agradecimentos a todos; e deixando nêle Pedr'Álvares com a mais gente necessária, que o fizessem à vela para a enseada, se tornou com os feridos e os cinco negros amarrados; e metidos logo a tormento, souberam de um deles, que só quis falar, que estávamos no próprio lugar e paragem em que nos fazíamos, que era a costa de Samatra, e êles eram daí três jornadas, e iam carregar farinha de sagu, que é o seu mantimento, e levavam para resgate ferramenta de tôdas as sortes em fardos, por encabar, e umas contas amarelas e manilhas de latão; e acharam-lhes catorze ou quinze fardos de arroz que fêz a tôdos mui alegres pela necessidade que dele tinham. E pela mágua que tinham dos companheiros que nos mataram no arraial, se lhes cortou a cabeça a cada um, a bordo, com um machado, o que êles sofreram com tão grande ânimo, uns perante os outros, que acabado de matar um, e lançando-o ao mar, se oferecia logo o outro com a cabeça ao talho; e deu-se a vida a um que era seu piloto, que sabia a navegação desta costa e tínhamos dele necessidade.

Ao outro dia pela manhã, que foi o primeiro de Abril, mandou o capitão a galveta atrás, a dar as boas novas aos que vínhamos por terra de como tinha embarcação para todos; e foi nela Bento Caldeira para connosco vir

por terra. Nós caminhávamos na ordem já dita, umas vezes com mui grandes calmas e outras com infinitas chuvas, e passando grandíssimos matos e íngremes e riscosos penedos, nos quais trabalhos nos fez Nosso Senhor grandíssimas mercês, porque era tanto o peixe, que às mãos o tomávamos e matávamos às pancadas, e tantas as lagostas e outros géneros infinitos de mariscos, côcos e palmitos, que depois da jornada do dia cumprida, tóda a noite se gastava em assar e cozinhar. Em uma terça-feira à tarde, primeiro de Abril, encontraram os que iam diante dois lagartos; um deles, tanto que ouviu o rumor da gente, se meteu pelo mato com grandíssimo estrondo, e o outro se tornava para o mar, tão grande e façanhoso, que parece fábula dizê-lo; seria mais de cinco varas de comprimento, e tão grosso como um tonel, coberto por cima de umas conchas verdes, com uns vieiros pretos em parte muito bem pintados, e em sentindo a gente arremeteu com um maravilhoso ímpeto, com a bôca aberta, pela qual caberia um grande boi, de que todos fugiram por cima de umas pedras, e o lagarto foi cair entre as aberturas de uns altos penedos, onde encalhou e ficou entalado de maneira que se não podia manear, e não era senhor mais que de mui pequena parte do rabo, com que jogava e batia, e espalhava a água mui alta e mui longe; e ali foi morto às espingardadas e lançadas; e esfolado, se repartiu entre a gente tóda, a que abastou a metade dele, com a qual houve grande festa, porque assado parecia muito bom carneiro, tal tinha o gôsto e sabor; e guardaram dele para o outro dia.

Caminhando à quarta feira, dois de Abril, por uma fermosa praia, entre as onze e doze do dia, vimos vir a nós a galveta, que nos pôs a todos em muita confusão, pelo que logo se proveu com tempo no que nos cumpria e se lançou um pregão da parte do capitão — que sob pena de morte nenhum homem passasse uma risca que

se fêz na praia. E ao longo dela mandou o capitão pôr quinze ou vinte homens com suas armas, a que mandou que logo matassem qualquer que passasse. Ordenado isto, surgiu a galveta um bom pedaço ao mar, por as ondas serem mui empoladas; Bento Caldeira se deitou a nadar, ao qual não deixaram tomar terra, mas que do mar dissesse o que queria; mas, vendo quão cansado vinha e o grande espaço que nadara, lhe foi concedido sair fora. Após êle veio Bastião Álvares da Fonseca, e assim Álvaro Freire e outros, e contaram tudo o que acontecera, e que tinham um junco e o seu parau, em que todos caberíamos. E acabado de se falarem todos e se gratularem com seus amigos e conhecidos, nos pusemos diante do Crucifixo que o padre em suas mãos tinha, de joelhos, e lhe demos muitas graças, e em vozes altas lhe pedimos misericórdia. E pedindo Bento Caldeira os doentes para os levar, nunca se puderam embarcar, porque o não podiam fazer senão a nado. E assim se recolheram com muitas lagostas e pedaços de lagarto que lhes demos, e muitos côcos e palmitos de que se carregaram, dizendo-nos que até o outro dia seríamos onde estava a armada, e que êles iriam à vista e em nossa companhia.

Tornando a nosso caminho: viemos êste dia em mui grande trabalho e opressão porque, desde a madrugada que partimos, nunca achámos água, e era o sol tão quente que nos assava; e com as esperanças de a achar cedo, fomos até as duas horas depois do meio dia, aonde parecia que, por ser a terra de muitas abertas para dentro do mato, acharíamos alguma, a qual nunca, por mais que a catámos, achámos; e estando nesta agonia e congoxa, cortando um soldado acaso uma verde rota, de muitas que das grandes árvores estavam dependuradas e vinham beijar o chão, que são como canas de Portugal e de sua feição, mas são mui rijas e fortes, de que se servem em tôdas estas partes de cordas, assim na terra como no mar,

começou (como dantes dizia) a correr dela água em fio, que pondo-a, pela muita necessidade que dela havia, o que a cortou, na bôca, achou que era doce e muito boa e se fartou dela; do que dando rebate a todos, fizemos o mesmo, e bebemos e nos refrescámos e fartámos; e assim nos remediou Nosso Senhor desta vez. E depois de passada a sesta, tornámos a nosso caminho, em que andámos o que do dia ficava e bom pedaço da noite, por bem ruim caminho, sem nunca achar água; e quasi às onze horas a achámos entre umas pedras, onde se não esperava; e aqui veio surgir a galveta defronte de nós. Foi tanto o peixe que ao luar em umas tocas tomámos, que o deixámos por aí: muitas tainhas, mui grandes, e boas choupas e lagostas infinitas. E mais se gastou da noite em cozinhar e comer, do que em dormir e repousar. Vindo a manhã, se despediram de nós os da galveta, dizendo que aquêle dia, se andássemos bem, seríamos com a nossa gente, e êles pode ser que lhe seriam lá necessários; e tornámos ao nosso caminho, de que nunca nos virámos com o grande desejo que tínhamos de chegar, não dando crédito a nenhuma cousa, senão ao que os olhos vissem bem claro.

Sexta-feira de Endoenças, quatro dias de Abril, vieram surgir, onde a nossa armada estava, duas lanchas que a não viram, por não ser ainda bem manhã, contra os quais mandou logo o capitão o esquife e a galveta; e em lhe começando a tirar com os berços que levavam de proa, se lançaram logo os negros ao mar para uma ilha de que estavam muito perto. E estas lanchas, com um esquife, vinham carregadas de muitos bons mantimentos que levavam para outra parte, com a qual esmoladeram todos muitas graças a Deus, porque era tanto o mantimento, que não havia onde se agasaihar; e às nove horas do dia veio outra lancha carregada dos mesmos mantimentos, a qual foi tomada também, e os negros se

lançaram ao mar e se afogaram. Seriam estas lanchas tamanhas como as barcas de Coina.

Era o prazer mui grande em todos com tanta embarcação e mantimentos, e desejavam já ver-se juntos conosco; e não querendo o capitão perder o gosto e alvoroço de tão boa nova, e que êle fôsse o que a desse à mísera gente que por terra vinha, para alívio de seu trabalho, logo se meteu ao caminho, deixando a armada entregue a pessoas de crédito e confiança. Às quatro horas depois do meio-dia, nos encontrámos uns com outros com muitas lágrimas de todos, e o capitão nos abraçou um por um, pedindo perdão do passado, o que foi ordenança divina para nos salvarmos todos os que ali éramos, se não fôra nosso descuido e confiança, que nos apoquentou como di-rei adiante.

Indo nós assim pelo caminho, encontrámos a mais gente, que vinha a nos dar embarcações; e não falo nos abraços e lágrimas de todos porque o discreto leitor saberá que tais deviam de ser entre gente muito liada por amizade e parentesco, sem nenhuma esperança de se verem, contando cada um o que lhe acontecera.

Detivemo-nos aqui, em nos aparelhar e prover de lenha e fazer aguada, até dia de Páscoa; e o capitão repar-tiu pelas embarcações capitães e gente do mar e a mais que nela havia de ir, e com os mantimentos necessários, e assim fizemos nosso caminho na volta de Aloeste a de-mandar uma ilha que chamam Mitau, muito povoada. E à segunda-feira, primeira Oitava, fomos amanhecer sô-bre a ilha, e depois de muitas tormentas, e alagados e perdidos muitas vezes, nos ajuntámos todos e surgimos na bôca do rio, onde logo acudiram muitos negros de cô-res baças, muito bem postos no chão, lustrosos e bem tra-tados; e alguns se meteram em almadias para virem a nós, mas não ousaram de chegar. O capitão mandou o esquife à terra, e nêle um seu jan, por língua, que em

malaio lhes perguntasse que rio era aquêl e em que terra estava. E pedindo êles um dos nossos em reféns, que lhes foi dado, veio a nós um negro mui apessoado, e que parecia ser pessoa principal, e disse que aquêl rio era de Menencabo, onde então residia um filho del-Rei de Campar, e, sabendo sermos portuguezes, nos disse que podíamos entrar para dentro do rio e nos tirássemos daquella costa que era mui brava, porque êles eram muito amigos dos portuguezes e tinham grande trato com os nossos de Malaca, e que nos proveriam de tudo o necessário; com o qual movido o capitão, pôsto que com diferentes conselhos, porque uns diziam que nos não confiássemos dos negros, outros diziam que sim, mandou que entrássemos para dentro.

Vieram êste dia alguns cem negros a ver-nos. E ao sábado pela manhã, doze que foram de Abril, veio à capitania o Xabandar da terra, que é o seu governador, bem acompanhado, e fêz ao capitão muitos oferecimentos e disse que podíamos estar mui seguros porque êle era Xequê desta terra, vassallo del-Rei, muito amigo dos portuguezes, o qual Rei estava daq' jornada de um dia ou dois, e que já lhe tinha mandado recado de nossa chegada e não podia tardar muito, e que entrássemos bem para dentro onde estaríamos mais seguros; ao qual o capitão por tudo deu os devidos agradecimentos e graças e disse que assim o faria. E logo se foi pelo rio acima e surgiu pegado com terra. Neste dia vieram alguns negros com galinhas e arroz, e outras cousas, a resgatar.

Logo ao domingo, treze do mês, às duas horas depois do meio dia, veio El-Rei pelo rio acima, com grandes atabalinhos, búzios, buzinas e campainhas; trazia consigo até oitenta almadias cheias de gente armada, e mui luzida, com seus crisses, os mais deles de muito preço, rodela e azagaias de mui luzentes ferros. Chegando El-Rei, a quem salvou a nossa artilharia, se foi à terra assentar

no seu Bandel, em um alto assento que para êle estava feito; e abaixo dele os seus principais. E antes de lhe o capitão ir falar lhe mandou um presente por António Soares, moço da câmara del-Rei, sendo cousa muito acostuada nesta terra não aparecer perante El-Rei com as mãos vazias. Foi o presente quatro côvados de grã e quatro de veludo carmesim e outros tantos de setim da mesma côr e um pedaço de veludo verde e umas copas de vidro cristalino mui fermosas e um espelho mui rico, com que folgou muito; e deu em resposta que era aquilo de homens perdidos, e de que se não esperava nada. E perguntando que fazia o capitão, lhe disseram que ficava comendo. Respondeu que onde os Reis estavam e chegavam não comiam os capitães, palavras por certo não esperadas de bárbaro.

Vindo António Soares, foi logo o capitão à terra acompanhado de três ou quatro pessoas, o melhor consertados que para o tempo puderam, a visitar e falar a El-Rei, que era mancebo mui gentil-homem e estava ricamente vestido, com seu cris guarnecido de ouro e uma touca na cabeça de muito preço, o qual agasalhou e fêz muita honra aos nossos, com mostras de contentamento, dizendo ao capitão, por um negro que falava mui bem português, que visse o que queria dele, que tudo faria porque era filho del-Rei de Menencabo, irmão em armas del-Rei de Portugal; e, se quisesse mandar alguns por terra a Malaca, que êle os mandaria lá mui seguramente dentro de dez dias, e os mandaria entregar ao capitão dentro da fortaleza. Do que dando-lhe o capitão seus agradecimentos, lhe contou seus trabalhos até chegar ali, de que se êle compadeceu muito e tornou em resposta que êle estava prestes para tudo quanto dele quiséssemos e dava daí por diante licença aos seus que nos vendessem mantimentos e resgatassem connosco e folgaria que lhe vendéssemos a nossa artilharia, que em extremos desejava,

ou lha dêssemos a trôco de alguma embarcação grande em que nos fôssemos. O capitão se escusou por boas palavras, dizendo que era del-Rei de Portugal, e não sua, e que a havia de tornar ao seu Viso-Rei da Índia, que lha entregara; mas que, se Sua Alteza tinha guerra com alguns comarcãos seus, que nós iríamos lá pelear por seu servido, com o que ficou satisfeito e se despediu, dizendo que o seu Bendara nos daria razão e recado de tudo, rogando que tornasse a entrar a artilharia, a qual folgou muito de ver. E daí por diante veio a gente da terra a resgatar galinhas, capões e arroz, a trôco de facas, pregos e outras cousas; com o que todos estávamos contentes e nos dávamos por navegados e tão seguros como se estivéramos em Malaca. Eram tantos os negros que vinham resgatar connosco, com muito arroz, galinhas, capões, inhames, figos, sal, beringelas, pimenta e outros mantimentos e algum ouro em pó, mostrando-se muito nossos amigos, que com a muita conversação e amizade se perverteu a boa ordem que dantes tínhamos e não houve mais vigia nem quem curasse dela: todos dormiam em terra e ninguém nas embarcações, tão confiados como se o fizeram dentro em Lisboa.

Com êste descuido, confiança e fingida amizade dos negros não atentámos em muitas almadias que estes quatro ou cinco dias sempre vieram de fora carregadas de gente de armas, e em cima quatro côcos com que a encobriam, nos quais dias êles urdiram e determinaram nossa destruição, estando a mais da gente em terra, ou quasi tôda, como já disse, e assim também estava D. Francisca, que acudiu a um acidente de pedra que veio a seu marido, a qual era moça galante e muito dama. Uma madrugada, dezassete de Abril, com muita chuva e maior trovoadá, deram os mouros em nós, com grandes gritos. Seriam bem dois mil homens, e, achando-nos dormindo e bem descuidados, mataram muitos primeiro que entras-

sem em acôrdo, que seriam mais de cinqüenta os que logo morreram, e outros escaparam muito feridos, fugindo pela praia para as embarcações, e outros se fizeram em um corpo, fazendo-se prestes para pelejar. Seríamos trinta homens, quando veio ter connosco um esquadrão de quinhentos negros, com grandes gritos, como vencedores, nos quais demos Santiago com só os dois piques e espadas, de que as mais eram quebradas, e as capas e pelotes no braço, e os levávamos pela praia acima. O nosso navio, esquife e galveta vinham pelo rio abaixo, em que vinha o capitão e os que se puderam acolher, esbombardeando a praia e recolhendo a gente que ao longo dela estava, tomando os que podiam de inimigos, que nos tolhiam a embarcação, em que os nossos fizeram grandes finezas de valentia; e morreram dos nossos sessenta homens, entre os quais foram muitos de qualidade, e com êles ficou D. Francisca, que com seu marido dormia em terra — como já disse —, o qual, vindo diante dela com um montante, defendendo-se, foi cercado de muitos inimigos e morto. Pelo que se suspeita que ela será viva; e com ela ficou um seu irmão, chamado António Rodrigues de Azevedo, e uma moça que vinha connosco do Brasil.

Ficou-nos em terra todo o nosso fato e, o que mais sentimos, a maior parte do mantimento, ou quási todo, que estava a enxugar. Valeria o que nos ficou dez mil cruzados, e daí para cima. Saídos pela barra fora às nove horas do dia, bem tristes e desaventurados, assim todos nus em carnes e muito feridos, de que morreram depois dez ou doze, nos pusemos a caminho; não houve aqui lágrimas pelos mortos, porque cada um tinha que chorar em si, e contar de como escapara, do que ainda se não tinha por seguro.

Ao cabo de muitos dias, com tormentas, trabalhos e desaventuras inumeráveis, a vinte e sete de Abril, viemos ter ao pôrto de Banda, em Sunda, sem saber onde está-

vamos; e vindo todos mui cansados do remo e trabalhos, com vozes altas pedíamos misericórdia a Nosso Senhor, a qual êle nunca negou; e assim a concedeu êste dia, que, sendo às doze horas dele, passou tão perto de nós um parau, que nos ouviu falar português; nêle vinha um mancebo que era português e conheceu logo que éramos os de que já sabiam, e nos esperavam; veio ao navio grande, onde nos disse e mostrou que estávamos no pôrto de frente de Sunda, à vista das nossas naus, de que era capitão Pedro Barreto Rolim, e como já lá era João Gonçalves com seus companheiros, e que o capitão-mor, sabendo de nós, o tornara a mandar com refrêscos em nossa busca. Cada um pode cuidar onde chegaria e como seria festejado tamanho extremo de prazer, que ainda não críamos; e o capitão lhe deu de alvíssaras um pedaço de grã para uma cabaia; e êle se tornou com a nova de nossa vinda.

Êle ido, e dada a nova aos nossos portugueses, assim os do mar como os da terra, se embarcaram todos em batéis da armada e muitos dos que havia no pôrto, e com grande festa e prazer vieram em busca de nós, contendendo uns com outros quem primeiro chegaria; sôbre a tarde, já quási noite, chegou o batel da capitânia, e após êle todos os outros, que sôbre cada um querer levar mais hóspedes consigo não tiveram poucas diferenças e palavras dignas de muito amor e piedade e de muito mais caridade; não faltavam muitas lágrimas no recebimento da muita lástima e dor da nossa piedosa visão, e com palavras meigas e brandas consolavam nossos espíritos, e muito mais com benefícios e boas obras, vestindo-nos a todos de muitas sêdas da China de mui diversas e alegres côres, de maneira que o havíamos por sonho e cousa de encantamento, e emprestando aos mais dinheiro para irem logo ganhar sua vida. E para isto não era necessário parentesco, mas bastava sermos de sua pátria e dar-lhes novas dela.

Seriam duzentos e quarenta portugueses, dos quais estavam já de vêrga alta para a China cento e sessenta; os outros ficavam para invernar em Sunda e Calapa, doze léguas daqui, de um rei muito mais amigo nosso que nenhum outro destas partes, nem que o traidor de Menencabo, por aqui fazerem estes portugueses sua fazenda, e irem para o ano à China com suas mercadorias.

Detivemo-nos aqui em Sunda e em Calapa (onde os portugueses que aí residiam não usaram connosco menos que os de Sunda), em restaurar e convalescer, vinte e seis dias, onde nos morreram dez ou doze homens, de comer muito, porque lhes não sofria o debilitado estômago o que nêle lançavam. E daí partimos para Malaca, por mandado e ordem do capitão-mor Pero Barreto, mui bem apercebidos e providos do necessário, em que Gonçalo Vaz de Carvalho, capitão e senhorio de uma nau, ganhou muita honra, porque embarcou nela todos os doentes e os pôs em Malaca à sua custa, em que gastou muito dinheiro, onde chegámos aos vinte e cinco de Julho, fazendo-se logo prestes o capitão, fronteiros e cidadãos, para lhes não ganharem nada os de Sunda e Calapa, porque pretendiam entender nos benefícios e boas obras; no qual João de Mendonça, capitão que então era da fortaleza, o fez mui magnificamente, vestindo e repartindo a todos os pobres, dando mesa sempre, enquanto durou o tempo de sua capitania, a mais de cento e trinta homens continuamente, provendo outros de fora e dando-lhes muito do seu. E aqui em Malaca, apalpados da terra e da peçonha, que já de dias trazíamos no corpo, juntando-se virem os homens gastados e consumidos do caminho, morreram mais de vinte; nós outros ficamos esperando monção para a Índia, que será em Dezembro; e alguns da nossa companhia foram na armada da China, outros ficaram em Sunda e Calapa com seus amigos, parentes e conhecidos.

E na verdade, quem bem quiser olhar, ninguém se espantará d'estes trabalhos, que para elles nasceu o homem, como diz o Santo Job; e muito mais merecem os homens por seus pecados, segundo o que diz o *Psalmo Beati quorum*. Muitos e diferentes são os açoutes do peccador; e tôdas estas fortunas e fadigas, e outras diferentes destas, estão profetizadas, para todos aquêles que navegam e andam sôbre as águas do mar, pelo real Profeta David no seu *Psalmo 106*, onde, falando neste caso, diz: « Os que descem ao mar nas naus, fazendo operação nas águas muitas, êsses viram as obras do Senhor e as suas maravilhas no profundo. Determinou e veio logo o espírito da tempestade, e levantaram-se suas ondas, e sobem até os céus e descem até os abismos, e as suas almas em tais trabalhos pasmaram, turbaram-se e moveram-se, e como alienados do siso pereceu todo seu saber. E nisto chamaram ao Senhor, quando estavam atribulados; e de tôdas as suas necessidades os livrou, e tornou a tempestade em um vento fresco e suave; e abrandaram as ondas do mar. Alegram-se porque cessou sua fúria; e enfim os pôs no pôrto de seu contentamento ».

Pois que isto está sabido e averiguado, como êste Santo Profeta nos ensina, a tôdas estas misérias e a muito mais se oferece quem navega. Pelo que a experiência nos ensina que quem o pode escusar vive em mais tranquillidade de espírito; e antes com menos na terra, que atravessar o mar por cousas tão transitórias e de pouca dura; e na terra vivendo como bom cristão, cumprindo a Lei de Deus dentro no grémio da Santa Madre Igreja de Roma, e multiplicando os talentos que o Senhor a cada um de nós entregou, porque dando-lhe boa conta mereçamos ouvir dele no pôrto de salvação aquella suave voz: « Vem, bom servo e fiel, porque no pouco foste fiel sôbre grandes cousas te porei; entra em o prazer e contentamento de teu Senhor, que é a Glória » — a qual êle por sua bondade nos queira dar.

ÍNDICE

	Págs.
VI — Naufrágio da nau Santa Maria da Barca .	5
VII — Relação da viagem e naufrágio da Nau S. Paulo	39



H.G.
30904

